

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA**

Marina Simons Barbosa de Oliveira

**Crianças e adolescentes em projetos sociais com o surfe: um olhar da  
Psicologia Analítica**

**São Paulo**

**2022**

Marina Simons Barbosa de Oliveira

**Crianças e adolescentes em projetos sociais com o surfe: um olhar da  
Psicologia Analítica**

Trabalho de Conclusão de Curso, sob a  
orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Flávia Arante Hime

**São Paulo**

**2022**

## SUMÁRIO

<b>1 RESUMO .....</b>	<b>4</b>
1.1 INTRODUÇÃO .....	5
1.2 HIPÓTESES .....	7
1.3 JUSTIFICATIVA .....	8
1.4 OBJETIVOS .....	8
1.4.1 <i>Geral</i> .....	8
1.4.2 <i>Específico</i> .....	9
1.5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
1.5.1 <i>A psique humana: consciente e inconsciente</i> .....	9
1.5.2 <i>A sombra e a persona</i> .....	11
1.5.3 <i>Os conteúdos do inconsciente: complexos e arquétipos</i> .....	12
1.5.4 <i>Os símbolos</i> .....	15
1.5.5 <i>O processo de individuação</i> .....	16
1.5.6 <i>O corpo simbólico</i> .....	18
1.5.7 <i>A criança e o adolescente e as fases de desenvolvimento</i> .....	22
1.5.8 <i>As crianças e os adolescentes em situação de vulnerabilidade</i> .....	31
1.5.9 <i>O bem estar na infância e na adolescência</i> .....	33
1.5.10 <i>Um olhar crítico e social sobre o território litorâneo e sua população</i> .....	34
1.5.11 <i>O Instituto Esporte e Educação (IEE)</i> .....	38
1.6 MÉTODO.....	39
1.6.1 <i>Revisão bibliográfica</i> .....	39
1.6.2 <i>Pesquisa qualitativa e pesquisa em psicologia analítica</i> .....	40
1.6.3 <i>Participantes</i> .....	42
1.6.4 <i>Instrumentos</i> .....	42
1.6.5 <i>Procedimento</i> .....	43
1.6.6 <i>Considerações éticas</i> .....	44
1.6.7 <i>Riscos e benefícios</i> .....	45
1.7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	46
1.8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	113
1.9 REFERÊNCIAS.....	116

## 1 RESUMO

O presente estudo buscou compreender como projetos sociais, que utilizam o surfe como principal ferramenta, podem contribuir com o bem-estar de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Tendo isso em vista, a pesquisa empírica de cunho qualitativo, utilizou a Psicologia Analítica para um melhor entendimento dos benefícios provenientes da prática do esporte adquiridos pelos participantes dos projetos sociais. Além das crianças e adolescentes, o representante do projeto também foi entrevistado de modo a prover informações acerca do projeto social. O primeiro contato com o representante foi feito por meio da plataforma de comunicação WhatsApp e depois encontros presenciais foram realizados. A entrevista realizada com o representante foi semiestruturada, gravada e transcrita, para assim garantir uma apreensão das informações de forma efetiva. Com os participantes do projeto, foi realizada uma entrevista com algumas perguntas que serviram apenas como direcionamento, com o objetivo de conhecer um pouco cada participante. Após a conversa realizada, foi feita uma atividade de colagem e depois uma conversa acerca do que foi feito. Ambas as etapas de coleta de dados foram gravadas e transcritas. Esperava-se que ao final desta pesquisa fosse possível tecer considerações a respeito dos benefícios que o surfe pode trazer às crianças e adolescentes participantes dos projetos sociais.

**Palavras-chave:** crianças, adolescentes, surfe, projetos sociais, contexto de vulnerabilidade, psicologia analítica, psicologia do esporte

## 1.1 INTRODUÇÃO

A desigualdade social é uma construção que se dá de forma estrutural e histórica em todo o globo terrestre e que resulta em uma significativa perda de direitos fundamentais de inúmeras pessoas. As crianças e adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social são fruto dessa desigualdade, vivenciando a pobreza, marginalização, carência de educação e saúde, passagem precipitada da infância para a fase adulta, comprometimento na autoestima, entre outros inúmeros prejuízos. Desde o início de suas vidas, duvidam de seu potencial e capacidade, sendo colocados constantemente à margem da sociedade, como se fossem inferiores e não tivessem valor. (PEREIRA, 2010).

As relações em contexto de vulnerabilidade social geram crianças, adolescentes e famílias passivas e dependentes, com autoestima consideravelmente comprometida. Estes jovens e suas famílias introjetam como atributos negativos pessoais às falhas próprias de sua condição histórico social. De forma circular e quase inevitável, este ciclo se instala reforçando-se a condição de miséria, não só no nível material, como no nível afetivo (PEREIRA, 2010, p. 2).

A infância e a adolescência é um período de constante construção da autoestima e autoimagem, em que transformações físicas, biológicas e psíquicas são evidentes (PEREIRA, 2005). Diante de tantas transformações, para que ocorra um desenvolvimento saudável, as redes sociais são de extrema importância. As redes dizem respeito aos relacionamentos existentes na vida do indivíduo, em sua comunidade, família, amigos entre outros possíveis ciclos sociais. Esses relacionamentos, criados desde o início da vida do ser humano, quando bons, contribuem para dar um sentido, organizam a identidade, incentivam um senso de troca, servem como suporte e apoio, e caminham junto com uma boa qualidade de vida (FERNANDES; CALADO; ARAUJO, 2018). No entanto, quando se diz respeito a crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade, as redes de relacionamento dentro da família e/ou da escola encontram-se comprometidas, têm-se uma perda na qualidade dos vínculos estabelecidos, os deixando mais suscetíveis a situações de risco como violência intrafamiliar, maus tratos, abuso sexual, envolvimento com o mundo do crime, envolvimento com drogas e prostituição (PEREIRA, 2010).

Compreendendo a existência de redes de relacionamento enfraquecidas em crianças e adolescentes, projetos sociais podem ser uma importante forma de ajudar e auxiliar no desenvolvimento delas. Muitos projetos sociais elaborados, tendo o surfe como principal ferramenta terapêutica, evidenciam uma melhora na sensação de bem-estar, melhora na saúde mental, inclusão social, além de contribuir com novos aprendizados como valores de segurança na praia e incentivar valores de cidadania social por meio dos ensinamentos de salva-vidas. Vários projetos já foram desenvolvidos usando o surfe como atividade principal: “One Wave” (Austrália), “Waves for Change” (África do Sul), “Surf Salva Camp” (Portugal), “The Wave Project” (Reino Unido), Onda Azul (Brasil), Surf4mind (Brasil), sUrFF (Brasil), Projeto Surf Escola (Brasil), entre inúmeros outros. Nesses projetos, tendo um grande contato com a natureza junto à prática do surfe, foi observado um desenvolvimento positivo nos relacionamentos dos integrantes, redução de estresse, melhora na auto estima, senso de inclusão, promoção de resiliência, redução de comportamentos mal adaptativos, além de aprendizados que envolvem a prática do esporte (MATOS et. al., 2017).

Para uma melhor compreensão de como o surfe pode ser uma importante ferramenta para projetos sociais, é necessário colocar em pauta os benefícios que esse esporte traz para os praticantes. É certo que a prática desse esporte pode acrescentar positivamente na vida de um indivíduo, e por isso é empregado por muitos em projetos que procuram melhorar a qualidade de vida das pessoas. O surfe é um esporte que envolve o deslizar sobre as ondas e na maioria das vezes envolve a natureza (já que atualmente o ser humano também já criou máquinas para gerarem ondas artificiais sem depender da natureza). A prática em si envolve diversas emoções, tanto por estabelecer um contato com a natureza, quanto por exigir do praticante um condicionamento físico e mental. Como dito anteriormente, por propiciar diversos benefícios que abrangem questões psicológicas e físicas, pode fazer parte de um processo terapêutico, assim como de promoção de saúde e qualidade de vida. Ao falar em Surfe Terapia, compreende-se como um método de intervenção que faz uso do surfe junto com atividades estruturadas para um maior desenvolvimento de bem-estar psicológico, psicossocial, de saúde física e mental (SOUZA et.al., 2021).

No âmbito psicológico, ao realizar a prática do surfe, inúmeras emoções e efeitos podem surgir como: o aumento do afeto positivo, segundo a Escala de Afetividade da Atividade Física, e percepções de tranquilidade; a redução de sintomas

depressivos, de ansiedade e de estresse. Não é por acaso que o surfe se mostra efetivo na redução de sintomas do Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT). No âmbito biopsicossocial, questões que envolvem a formação da identidade e da subjetividade, além de vantagens cognitivas adquiridas no ato de surfar, são evidenciadas, como exemplo, uma leitura do mar mais eficaz. Além disso, a prática estabelece uma conexão e relação do praticante com a natureza, podendo também possibilitar o surgimento e estabelecimento de laços sociais e comunitários, como implicações positivas na economia da comunidade. Também, relatos evidenciam que o surfe gera uma mudança no estilo de vida, na identidade, proporcionando sentimentos de felicidade, melhorias de capacidade físicas e mentais, inclusive sendo utilizado por alguns praticantes como forma de terapia, em que o surfe é usado como estratégia para lidar com questões emocionais. O esporte, além da felicidade, também pode propiciar um aumento da autoconfiança, aumento do empoderamento, maior sensação de liberdade, aumento da resiliência e do bem-estar (SOUZA et.al., 2021).

Compreendendo que a prática do surfe envolve inúmeras emoções e pode trazer muitos benefícios para os praticantes, o presente estudo procura compreender como projetos sociais com o surfe, que recebem crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade, podem ajudá-las em seu bem-estar e desenvolvimento, à luz da psicologia analítica. Como já dito, este público está exposto a mais riscos, com uma qualidade de vínculos empobrecida e conseqüentemente uma rede social comprometida e, portanto, o fortalecimento desses indivíduos, que engloba aspectos físicos e emocionais, é de extrema importância.

## **1.2 HIPÓTESES**

A hipótese central do presente estudo é que os projetos sociais que envolvem o surfe são possibilidades para as crianças e adolescentes simbolizarem, de modo a contribuir com um processo de autoconhecimento e promovendo uma sensação de bem-estar.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Grandes organizações como a ONU e a UNESCO ressaltam a importância do esporte como ferramenta transformadora aos praticantes. O esporte é um direito de todos, capaz de fortalecer as redes sociais, propicia o desenvolvimento de aspectos como a solidariedade e o respeito (ONU, 2020).

A UNESCO acredita que o esporte seja um indutor de transformação social, desenvolvimento humano e empoderamento dos jovens. É uma plataforma de inclusão, particularmente no enfrentamento do desafio do estigma e na superação de estereótipos (UNESCO).

Devido um contato próximo da pesquisadora com o surfe, esporte que faz parte de seu dia-dia, e compreendendo os efeitos sociais, psíquicos e físicos que ele provoca, iniciar um estudo que envolvesse sua paixão pelo esporte foi um ponto de partida para o início da pesquisa.

Além disso, a pesquisadora gostaria de colocar em relevância com o presente estudo a possibilidade que esse esporte abre para transformações positivas nas pessoas, principalmente naquelas que mais precisam e que estão inseridas em um contexto de vulnerabilidade.

Antes da elaboração da pesquisa, a pesquisadora já almejava participar de um projeto social com o surfe, e com isso, poder fundamentar por meio de palavras, a relevância que projetos como esses podem ter na vida de uma pessoa.

### 1.4 OBJETIVOS

#### 1.4.1 Geral

Compreender como projetos sociais com surfe podem beneficiar o bem-estar de crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade.

### 1.4.2 Específico

Mapear projetos sociais que usam o surfe como ferramenta para mobilizar de forma positiva os participantes.

Investigar o funcionamento dos projetos sociais mapeados, o público envolvido e os resultados obtidos.

Entrevistar o idealizador do projeto escolhido

Entrevistar as crianças e adolescentes participantes do projeto

Compreender os benefícios que surgem com a prática do surfe dentro dos programas a partir das narrativas.

Obter os símbolos e significados das relações que os integrantes do projeto estabelecem com a prática.

Investigar como o surfe pode contribuir para o bem-estar e uma melhora na qualidade de vida.

## **1.5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### 1.5.1 A psique humana: consciente e inconsciente

A fim de enriquecer a análise dos dados coletados no presente estudo e assim cumprir com o seu objetivo, a seguir serão abordados alguns conceitos teóricos da abordagem da Psicologia Analítica. Por meio dessa pesquisa, a pesquisadora procurou colocar em evidência a importância do olhar sobre o indivíduo como um todo e suas inúmeras manifestações. Estas são carregadas por uma simbologia que possibilita uma melhor compreensão dos indivíduos.

Tendo em vista que a pesquisadora procura obter os símbolos nos relatos obtidos em campo dos participantes, é necessário iniciar uma introdução teórica por meio do conceito de inconsciente coletivo, desenvolvido por Carl G. Jung e, posteriormente, usado por seus seguidores pós-junguianos. Para o fundador da psicologia analítica, a psique humana possui o consciente e o inconsciente como seus componentes, que são opostos primordiais da vida psíquica.

O mundo da consciência caracteriza-se sobremaneira sobre uma certa estreiteza; ele pode apreender poucos dados simultâneos num dado momento. Enquanto isso tudo o mais é inconsciente - apenas alcançamos uma espécie de continuidade, de visão geral ou de relacionamento com o mundo consciente através da sucessão de momentos conscientes. É impossível estabelecermos continuamente uma imagem de totalidade devido à própria limitação da consciência. A nossa possibilidade restringe-se à percepção de instantes de existência. Seria como se observássemos através de uma fenda e só víssemos um momento isolado - o resto seria obscuro, inacessível à nossa percepção. A área do inconsciente é imensa e sempre contínua, enquanto a área da consciência é um campo restrito de visão momentânea (JUNG, 1996, p. 5).

Para o pioneiro da Psicologia Analítica a psique poderia ser compreendida como um aparelho decodificador responsável por transformar tudo aquilo que recebe como impulso biológico em fantasias, pensamentos, sentimentos, estado de espírito entre outros. Sua tendência é caminhar para a totalidade, que abrange a consciência e o inconsciente. A consciência, a superfície da psique, é compreendida como “função da atividade que mantém a relação de conteúdos psíquicos com o ego” (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988, p. 24; ALBERTINI; FREITAS, 2009).

A psique consciente surge do inconsciente e é mantida por ele. A consciência, portanto, é a percepção dos nossos próprios sentimentos, é tudo aquilo que conhecemos e entendemos dos eventos externos e internos e, o ego, citado anteriormente, é o seu centro. Este último pode ser definido como “aquele fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam (...) é o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa” (STEIN, 2000, p. 23). É a atividade consciente que procura estabelecer o controle do mundo por meio da conceituação e do pensamento racional (WHITMONT, 2010). O ego surge inicialmente por uma percepção geral do nosso corpo e existência. Ao mesmo tempo que é marcado pelos conteúdos conscientes ao indivíduo que muitas vezes provém do mundo externo a ele, o ego também recebe conteúdos do inconsciente, do mundo interno da pessoa (ALBERTINI; FREITAS, 2009).

Ao longo dos conceitos abordados e desenvolvidos por Carl G. Jung, muito se fala em mundo externo e mundo interno. É necessário ressaltar que quando nos referimos ao mundo interno, estamos falando da psique e tudo que a compõem. Já o mundo externo pode ser compreendido como não apenas as condições geográficas e climáticas, mas também as relações humanas que são construídas ao longo da vivência do indivíduo e que são marcadas pela cultura e suas normas. Ambos os mundos se relacionam e afetam uns aos outros (ALBERTINI; FREITAS, 2009).

### 1.5.2 A sombra e a persona

Fruto da repressão de parte da personalidade, a sombra representa o inconsciente pessoal e nunca é experimentada diretamente pelo ego, apenas por meio das projeções. É na sombra que os conteúdos que não estão integrados e aceitos pelo ego, que se distanciam dos valores aceitos da persona, estão presentes. Como forma de adaptação ao mundo, o ego realiza a atividade protetora, em detrimento de sua natureza característica distanciada dos costumes e convenções morais da sociedade, de direcionar certos conteúdos para a sombra. “Ela é como uma combinação de cascas pessoais dos nossos complexos e, portanto, o limiar de todas as experiências transpessoais” (WHITMONT, 2010, p. 144). Ao contrário da persona, é menos evidente. A repressão dos conteúdos não integrados pelo ego não impede e nem elimina o funcionamento deles, apenas os retira da consciência do ego. A existência de tais conteúdos permanece em forma de complexo, que atua de forma autônoma e com energia, e que dizem respeito aos padrões de comportamento e impulsos que marcam sua presença nas projeções. A projeção da sombra pode ser feita individualmente ou coletivamente. Na primeira maneira de projeção é observada na forma mais individualizada, em pessoas a quem atribuímos todo o mal, como exemplo. Em contrapartida, na forma coletiva, trata-se de algo mais geral, a personificação do mal, o inimigo, que pode ser visto nos mitos, como por exemplo, o demônio (STEIN, 2000; WHITMONT, 2010).

Quando a sombra é reconhecida, é fonte de renovação; o impulso novo e produtivo não pode vir dos valores estabelecidos do ego. Quando há um impasse, uma época estéril em nossas vidas - apesar de um desenvolvimento adequado do ego - devemos nos voltar para o lado escuro, e portanto inaceitável, que não está à disposição do nosso consciente (WHITMONT, 2010, p. 139).

A persona “é um rosto que usamos para o encontro com o mundo social que nos cerca” (STEIN, 2000, p. 98), “é a pele psíquica entre o ego e o mundo” (STEIN, 2000, p. 110) e que possui a importante função de adaptação ao mundo externo, social. Seria a “pessoa pública”, ao contrário da sombra, uma vez que tudo que está na sombra não seria aceito pela persona. É aquilo que está a mostra e que o ego “se sente” mais confortável com, por ser mais compatível com normas e costumes sociais, apesar de, assim como a sombra, ser alheia ao ego. É fruto dos processos de

aculturação, educação e, como já dito anteriormente, adaptação ao mundo físico e social, e assim procura se afastar de situações de constrangimento ou dificuldades sociais. Simultaneamente esconde e revela os pensamentos e sentimentos de uma pessoa a outra. A persona é evidenciada no desenvolvimento de papéis na sociedade, atitudes coletivas convencionais, estereótipos sociais e culturais. Um exemplo que pode ser dado a respeito da manifestação da persona é no romance *O Retrato de Dorian Gray*. Em público, o protagonista do romance é evidenciado como uma figura jovem, divertida e atraente. No entanto, em seu sótão possui um retrato de si que envelhece junto com ele conforme o tempo passa, o que revela a sua natureza, o que ele realmente é (STEIN, 2000).

Normalmente, o ego se identifica com a persona, ou seja, absorvendo e se unindo a objetos externos, pessoas e atitudes. Isso não significa que uma pessoa não reconhecerá a diferença entre o papel que desenvolve socialmente e sua identidade em sua intimidade. Além disso, é necessário ressaltar que não necessariamente aquilo que é exacerbado em um contexto social se distancia da identidade da pessoa. Para o desenvolvimento da persona, uma pessoa deve querer pertencer àquele ambiente social, ou seja, o ego precisa aceitar características e papéis que determinada persona exige a partir do meio social que está inserida (STEIN, 2000).

### 1.5.3 Os conteúdos do inconsciente: complexos e arquétipos

No inconsciente, existem conteúdos psíquicos que não são percebidos pelo ego, conteúdos como “(...) uma profusão de pensamentos, imagens e impressões provisoriamente ocultos e que, apesar de terem sido perdidos, continuam a influenciar nossas mentes conscientes” (JUNG, 1964, p. 35). É na esfera inconsciente que as qualidades emocionais e imaginativas estão presentes. O inconsciente se relaciona com o consciente por meio da compensação ou complementação, “visto que tende a contrabalançar deficiências vitais ou tendências seriamente unilaterais do ponto de vista consciente” (WHITMONT, 2010, p. 39). Para uma melhor apreensão acerca da dinâmica psíquica, o inconsciente é compreendido por camadas, uma mais superficial, que se aproxima mais da consciência, e outra mais profunda (WHITMONT, 2010).

O inconsciente pessoal, camada mais superficial, está mais próximo da consciência e sua existência é fruto de uma experiência pessoal. Os conteúdos existentes nele, os complexos, são aglomerados de associações, um conjunto de ideias, pensamentos e memórias, carregados e organizados por um componente afetivo. Estes conteúdos são lembranças reprimidas, esquecidas, perdidas, que muitas vezes são dolorosas. São imagens associadas e memórias congeladas, frutos de traumas, com energia psíquica e autonomia e que perturbam a consciência e provocam reações emocionais no indivíduo (WHITMONT, 2010).

Ao mesmo tempo que o complexo pode perturbar o desenvolvimento individual, ele contém germes criativos que resultam em novas possibilidades de vida, quando aceitos e integrados. Assim, se o ego consegue estabelecer um contato com o complexo, o experienciando e configurando as imagens e fantasias que emergem, ocorre uma liberação de energia contida nesse conteúdo inconsciente, podendo vivificar a pessoa como um todo. É por meio das emoções e dos modos estereotipados de comportamento que experiencia-se os complexos. Esses conteúdos inconscientes também se desdobram nos símbolos, conceito que será tratado no presente estudo (ALBERTINI; FREITAS, 2009; JUNG, 1980; KAST, 1997; STEIN, 2000).

Já o inconsciente coletivo, também conhecido como psique objetiva é aquele nível do inconsciente que é comum a todos, e sua "descoberta" resulta no conhecimento de nossas características comuns, a universalidade da experiência e a criação de significado a partir desta experiência. Ao contrário do inconsciente pessoal, os conteúdos do inconsciente coletivo, os arquétipos, nunca fizeram parte da consciência, ou seja, não se originam de uma experiência do indivíduo. O termo coletivo empregado por Carl Jung diz respeito ao seu aspecto universal, ou seja, modos de comportamento e conteúdos existem em todos os indivíduos, mas que se diferenciam por meio das vivências de cada um ao longo da vida (YOUNG-EISENDRATH et al., 2002).

Os arquétipos são potencialidades que, com seu caráter universal, revelam temas gerais do funcionamento humano que se repetem de forma semelhante e evidenciam objetivos e funções similares. Quando os arquétipos emergem na consciência, nos referimos a eles como imagens arquetípicas. "É a descoberta do tesouro oculto, a fonte inesgotável onde a humanidade sempre buscou seus deuses e demônios e todas as ideias, suas mais fortes e poderosas ideias, sem as quais o

ser humano deixa de ser humano” (JUNG, 1980, p. 60; ALBERTINI; FREITAS, 2009; FORDHAM, 1994; WHITMONT, 2010).

As imagens e representações arquetípicas são mitológicas, pois comumente aparecem em mitos, contos de fadas, histórias e conteúdos religiosos. Os temas recorrentes nesses espaços que as imagens e representações arquetípicas aparecem são chamadas de mitologemas (WHITMONT, 2010).

A integração da imagem arquetípica acontece através do reconhecimento e da vivência dessa imagem como uma “pintura de significado” (*Sinnbild*), como um símbolo. Sua integração envolve também uma percepção consciente do impulso subjacente como um impulso poderoso para uma experiência ou atividade significativa que deve tornar-se real em termos daquilo que é racional e eticamente possível. Se permanecemos alheio ao poder autônomo do mitologema e mantemos uma identificação não crítica com o nosso impulso ou opinião, nos arriscamos a ser inundados por sua força ou arrastados para a destruição por uma *ideia fixa* (WHITMONT, 2010, p. 72).

Tais potencialidades são preenchidas pelas vivências do indivíduo e por isso podem ser compreendidas como “sistemas de prontidão para a ação e, ao mesmo tempo, imagens e ações” (WHITMONT, 2010, p. 92). Todo complexo possui um núcleo arquetípico que servirá de molde, imagem, representação e força motivadora. Ao ser constelado, o complexo emergirá na consciência do indivíduo, carregado de emoção e atrelado a um arquétipo. Tendo isso em vista, é possível evidenciar o universal manifestando-se nas formas individuais. As manifestações simbólicas arquetípicas são de extrema importância, uma vez que permite um acesso indireto ao inconsciente e os conteúdos nele presente (JUNG, 2000; PENNA, 2004; STEIN, 2000).

Em termos gerais, os complexos são criados por traumas. Antes do trauma, a peça arquetípica existe como imagem e força motivadora mas não tem as mesmas qualidades perturbadoras e produtoras de ansiedade do complexo. O trauma cria uma imagem mnêmica emocionalmente carregada que se associa a uma imagem arquetípica e, juntas, essas congelam numa estrutura mais ou menos permanente. Essa estrutura contém uma quantidade específica de energia e pode com esta ligar-se a outras imagens associadas para criar uma rede. Assim, um complexo é enriquecido e ampliado por experiências ulteriores de uma espécie semelhante (STEIN, 2000, p. 27).

Os arquétipos são conceitos importantes de serem estudados por estarem presentes em nossas vivências. Quando ocorre a constelação dos arquétipos, eles afetarão os nossos relacionamentos. No momento em que os padrões arquetípicos são evidenciados na vida do indivíduo, indicam tanto o mecanismo compensatório da

psique frente a unilateralidade do consciente, quanto servem de um sistema de referência para um desenvolvimento psicológico (WHITMONT, 2010).

Os arquétipos definem como nos relacionamos com o mundo: eles se manifestam como instintos e afetos, como as imagens e os símbolos primordiais dos sonhos e da mitologia e nos padrões de comportamento e experiência. Como elementos impessoais, coletivos e objetivos na psique, eles refletem questões universais e servem para preencher a lacuna sujeito/objeto. O reconhecimento dos arquétipos, incluindo a personalização dos temas arquetípicos simbólicos pela psique (tais como a fantasia de que nossa mãe é uma bruxa ou um anjo) é parte vital do processo junguiano (YOUNG-EISENDRATH et al., p.77).

A partir da diferenciação entre o inconsciente e o consciente e seus conteúdos, é possível compreender que o conhecimento individual se dará através das manifestações subjetivas, fantasias, sintomas e comportamentos, que estão ligados ao inconsciente pessoal. Já no âmbito coletivo, ligado ao inconsciente coletivo, o conhecimento é adquirido pela mitologia, folclore, arte, eventos históricos, eventos sociais e produção científica (PENNA, 2009).

#### 1.5.4 Os símbolos

O símbolo pode ser entendido como um fenômeno psique-corpo, uma síntese, expressão da totalidade e tentativa de junção dos opostos. Ele é a chave possível para o conhecimento dos aspectos inconscientes e por isso pode também ser compreendido como uma ponte epistemológica entre o inconsciente e a consciência. O símbolo muitas vezes evidencia o mecanismo de compensação da psique devido a unilateralidade da consciência, trazendo à tona conteúdos que uma parte da psique desconhece (RAMOS, 2006; PENNA, 2009; WHITMONT, 2010).

O símbolo possui três funções: conectiva, reveladora e transformadora. Em sua primeira função, ele conecta, sintetiza os conteúdos do inconsciente com o consciente, realizando uma síntese. A sua segunda função condiz com o momento em os conteúdos inconscientes revelam-se na consciência. Por fim, a terceira função do símbolo é a transformadora (ANDRADE, 2018).

A presença do símbolo é percebida pela consciência como instigante, surpreendente ou intrigante, provocando estranhamento, curiosidade,

inquietação, atração ou repulsa, admiração ou reprovação. Dessa forma, os fenômenos/símbolos são aqueles que têm grande repercussão no contexto em que eles ocorrem em razão de seu alto valor de significado e sentido (PENNA, 2009, p. 88).

A capacidade da psique de formar símbolos é denominada função transcendente. Esta função acontece por meio do mecanismo de autorregulação da psique. Tal mecanismo envolve a união entre pares de opostos, realizando uma síntese e assim possibilitando a ponte entre o consciente e o inconsciente. Os complexos e arquétipos só se fazem presentes na consciência por meio dos símbolos. Muitos distúrbios psicológicos estão atrelados a um comprometimento no mecanismo de autorregulação da psique e é por isso que a função transcendente, que permite essa redução na tensão entre os opostos, é fundamental para a manutenção da saúde psíquica e física (ALBERTINI; FREITAS; 2009; PENNA, 2009).

Quando conseguimos estabelecer a função denominada função transcendente, suprime-se a desunião com o inconsciente e então o seu lado favorável nos sorri. A partir desse momento, o inconsciente nos dá todo o apoio e estímulo que uma natureza bondosa pode dar ao homem em generosa abundância. O inconsciente encerra possibilidades inacessíveis ao consciente, pois dispõe de todos os conteúdos subliminais (que estão no limiar da consciência), de tudo quanto foi esquecido, tudo o que passou despercebido, além de contar com a sabedoria da experiência de incontáveis milênios, depositada em suas estruturas arquetípicas (JUNG, 1980, p.103).

#### 1.5.5 O processo de individuação

A importância de ter acesso aos símbolos se dá ao fato de que permitem um maior conhecimento e autoconhecimento do indivíduo. Saber sobre si, sobre o seu verdadeiro eu, constantemente encoberto, é importante porque se aproxima do “sentimento de totalidade, isto é, um sentido poderoso e completo do self” (JUNG, 1964, p. 128). O self é compreendido como a totalidade absoluta da psique, com função organizadora e reguladora, e assim, aproximar-se do seu self implica em uma aproximação de uma maior orientação de si mesmo, uma maior harmonização do consciente com os aspectos mais íntimos do indivíduo (JUNG, 1964).

Visto que os símbolos são importantes uma aproximação do seu verdadeiro eu e assim um caminho para o autoconhecimento, é importante adicionar um outro

conceito importante criado por Carl Jung, o processo de individuação. Este é definido como um processo de crescimento e maturação psíquica em que ocorre uma ampliação da consciência, de modo que conteúdos que não são acessados diretamente para a consciência passam a ser acessados de forma indireta e, portanto, marcando uma integração dos aspectos conscientes e inconscientes. Ele é um processo gradual, contínuo, em que reflexões, conflitos e questionamentos emergem e é através dele que nos tornamos quem já somos potencialmente. Tendo isso em vista, passar pelo processo de individuação é também aproximar-se do self e, como dito anteriormente, obter uma maior orientação e conhecimento de si mesmo, ou em outras palavras, é a realização de si mesmo, do self (ALBERTINI; FREITAS, 2009; STEIN, 2000).

Do ponto de vista epistemológico, a premissa de um inconsciente inacessível à observação direta constitui o principal desafio da psicologia junguiana. A perspectiva simbólica considera que o inconsciente se torna acessível por meio de suas manifestações. O conhecimento, então, é viável por intermédio das manifestações simbólicas. Como ponte entre o mundo arquetípico, o mundo da consciência e o mundo externo, o símbolo constitui o fenômeno psíquico apreensível e compreensível. A função psíquica que cria os símbolos é a função transcendente, que opera a aproximação entre consciente e inconsciente, a partir da necessidade atual de transformação da totalidade. O conhecimento se dá por um processo natural e contínuo de integração gradual e crescente de elementos do inconsciente e do mundo existencial na consciência – o processo de individuação. Tal processo constrói a individualidade do ser humano e tem correspondência na constituição das particularidades sócio-históricas da cultura humana (PENNA, 2004, p. 90).

O processo de individuação apenas pode ocorrer quando o próprio corpo é percebido. O corpo do ser humano é simbólico, ou seja, o símbolo não existe apenas em um relato verbal, mas também na forma como o corpo se expressa e por isso, levá-lo em conta em um contexto em que evidencia uma expressão corporal é de extrema relevância. Dentro de um esporte, o corpo expressa aquilo que sente, expressa o seu passado, expressa quem é aquele indivíduo, e o símbolo entra nessa riqueza de expressões que dizem respeito àquela pessoa. Caracterizar o ser humano como simbólico é ressaltar seu aspecto humano de ser (FARAH, 2008).

À medida que aumenta o conhecimento científico diminui o grau de humanização do nosso mundo. O homem sente-se isolado no cosmos porque, já não estando envolvido com a natureza, perdeu a sua "identificação emocional inconsciente" com os fenômenos naturais. E os fenômenos naturais, por sua vez, perderam aos poucos as suas implicações simbólicas. O trovão já não é a voz de um deus irado, nem o raio o seu projétil vingador.

Nenhum rio abriga mais um espíritoenergia emocional que esta conexão simbólica alimentava (JUNG, 1964, p. 95).

Uma pessoa que está distante de um conhecimento de si mesmo, sofre de um mal-estar como um todo, tendo em vista uma fragmentação de si e um distanciamento do seu verdadeiro eu. Como afirmado por Carl G. Jung (1964), ao longo de nossa vida nos deparamos com inúmeras influências que, ora nos deprimem ora nos estimulam, e que muitas vezes podem nos afastar de nossa individualidade, perturbando de alguma forma a nossa consciência. Acessar os símbolos é abrir a porta do conhecimento de si mesmo, dos aspectos que são desconhecidos pela consciência (JUNG, 1964).

#### 1.5.6 O corpo simbólico

Alguns já disseram que o corpo não mente. Mais que isso, ele conta muitas histórias e em cada uma delas há um sentido a descobrir. Como o significado dos acontecimentos, das doenças ou do prazer que anima alguma de suas partes. O corpo é a nossa memória mais arcaica. Nele, nada é esquecido. Cada acontecimento vivido, particularmente na primeira infância e também na vida adulta, deixa no corpo sua marca profunda (LELOUP, 1998, p. 15).

Compreender o corpo simbólico é colocar em evidência que corpo e mente não existem separadamente, mas simultaneamente. Aproximando-se de conceitos Junguianos, o processo simultâneo que ocorre entre mente e corpo pode ser compreendido pelo conceito de sincronicidade, que revela que fatos acontecem de maneira conjunta, como se fosse apenas uma coisa, apesar de não ser possível, muitas vezes ver aos olhos nus (FARAH, 2008).

A partir deste ponto, as manifestações corporais podem contar vivências e sentimentos que se expressam no corpo e se distanciam da ideia de que nós, seres humanos, nos comunicamos apenas por meio das palavras. Exemplos mais concretos podem ser compartilhados aqui neste artigo, que são as emoções expressas corporalmente no nosso dia a dia. Quando estamos felizes, um sorriso, um olhar, a forma como erguemos o nosso corpo e o distribuimos pelo tempo e espaço pode expressar uma emoção tão facilmente discriminada por todos nós. Além de emoções rotineiras identificadas pelos traços corporais, existem também doenças que podem

ser observadas por tais traços. Uma pessoa diagnosticada com depressão manifesta em seu corpo os seus sintomas. Uma das inúmeras formas de cuidar da depressão inclui exercícios físicos, o que comprova o corpo simbolizando elementos que ultrapassam o físico e percorrem o psicológico. Cuidar do corpo, portanto, é também cuidar da mente, e vice-versa (LELOUP, 1998).

Para além das emoções ou até mesmo doenças observadas no corpo humano, o próprio corpo e os seus membros podem simbolizar inúmeras coisas. Segundo Leloup (1998), cada membro do corpo humano contém simbologias. Como exemplo, o pé. O pé é o equilíbrio do corpo. Na África, ele é visto como o ponto de apoio do corpo no mundo e é um símbolo de poder. Para eles, tratar mal os pés terá como consequência um mal funcionamento da cabeça. Já na mitologia grega, Hermes, cujos pais eram Zeus e Maia, tinha os pés alados e traz o símbolo de transformação e individuação. A importância dada ao pé é vista em várias tradições: os pés do Buda, os pés de Cristo, os pés de Tao Tsu na tradição chinesa, o profeta Maomé etc. (LELOUP, 1998).

Como citado anteriormente, Carl Gustav Jung colocou em pauta, por meio dos conceitos desenvolvidos dentro da Psicologia Analítica, o corpo como simbólico. Os complexos, como exemplo, evidenciam como conteúdos inconscientes emergem para a consciência e manifestando no corpo. O teste de associação de palavras testemunha tais manifestações, em que transformações tanto no nível fisiológico quanto na estrutura corpórea total ocorrem. Neste teste, palavras -estímulo eram apresentadas ao paciente e logo em seguida era solicitado uma associação do mesmo com a palavra apresentada. O tempo de resposta, assim como a condutibilidade da pele foram medidos para assim observar a carga emocional despertada pelos estímulos (CONGER, 1993; RAMOS, 2006).

Uma importante colocação de Carl Jung nos seminários sobre *Assim Falou Zarathustra* citado pela autora Rosa Maria Farah em seu livro *Integração Psicofísica: o Trabalho Corporal de C. G. Jung* (FARAH, 2008, p. 25):

O espírito pode ser qualquer coisa, mas somente pode ser algo definido. Então, manter-se fiel à terra significa manter-se em relacionamento consciente com o corpo. Não fuçamos e não nos tornemos inconscientes dos fatos corporais, pois eles nos mantêm na vida real e ajudam-nos a não perder nosso caminho no mundo das meras possibilidades, onde estamos simplesmente de olhos vendados (JUNG, 1934/1939).

A partir da compreensão que o corpo é simbólico e que por meio dele é possível ter uma maior compreensão do sujeito que nele habita, é necessário colocar em pauta a importância de atividades físicas. Exercitar o corpo, colocá-lo em movimento e escutá-lo é, simultaneamente, cuidar e aproximar de si, dando continuidade ao processo de individuação. Compreendendo isto é evidenciado a importância do corpo para conhecer e ser fiel a si mesmo (FARAH, 2008).

No esporte, expressar o corpo possibilita o praticante a experimentar uma sensação de bem-estar físico e psíquico, além de trazer junto uma riqueza de símbolos que podem ajudar o praticante a aproximar-se de si mesmo. No caso do surfe, tal esporte não se limita a uma forma de expressão corpórea, psíquica. A prática implica em uma retomada do contato com a natureza, e como revelado por Jung (1964), o contato com a energia emocional, afastando-se de um egocentrismo alimentado pelo conhecimento científico. A aproximação com a natureza permite uma reconexão com inúmeros símbolos que cercam o ser humano e que o definem, de modo a contribuir com o seu processo de individuação (JUNG, 1964).

Compreendendo a importância do esporte no dia-dia, muitos projetos sociais têm o surfe como principal ferramenta terapêutica e evidenciam uma melhora na sensação de bem-estar, melhora na saúde mental, inclusão social, além de contribuir com novos aprendizados como valores de segurança na praia e incentivar valores de cidadania social por meio dos ensinamentos de salva-vidas. Vários projetos já foram desenvolvidos usando o surfe como atividade principal: “One Wave” (Austrália), “Waves for Change” (África do Sul), “Surf Salva Camp” (Portugal), “The Wave Project” (Reino Unido), Onda Azul (Brasil), Surf4mind (Brasil), sUrFF (Brasil), Projeto Surf Escola (Brasil), entre inúmeros outros. Nesses projetos, tendo um grande contato com a natureza junto à prática do surfe, foi evidenciado um desenvolvimento positivo nos relacionamentos dos integrantes, redução de estresse, melhora na auto estima, senso de inclusão, promoção de resiliência, redução de comportamentos mal adaptativos, além de aprendizados que envolvem a prática do esporte (MATOS et. al., 2017).

Para uma melhor compreensão de como o surfe pode ser uma importante ferramenta para projetos sociais, é necessário colocar em evidência os benefícios que esse esporte traz para os praticantes. É certo que a prática desse esporte pode acrescentar positivamente na vida de um indivíduo, e por isso é empregado por muitos em projetos que procuram melhorar a qualidade de vida das pessoas. O surfe é um

esporte que envolve o deslizar sobre as ondas e na maioria das vezes envolve a natureza (já que atualmente o ser humano também já criou máquinas para gerarem ondas artificiais sem depender da natureza). A prática em si envolve diversas emoções, tanto por estabelecer um contato com a natureza, quanto por exigir do praticante um condicionamento físico e mental. Como dito anteriormente, por propiciar diversos benefícios que abrangem questões psicológicas e físicas, pode fazer parte de um processo terapêutico, assim como de promoção de saúde e qualidade de vida. Ao falar em Surfe Terapia, compreende-se como um método de intervenção que faz uso do surfe junto com atividades estruturadas para um maior desenvolvimento de bem-estar psicológico, psicossocial, de saúde física e mental (SOUZA et.al., 2021).

No âmbito psicológico, ao realizar a prática do surfe, inúmeras emoções e efeitos podem se fazer presentes como: aumento do afeto positivo, segundo a Escala de Afetividade da Atividade Física, e percepções de tranquilidade. A iniciação da prática pode inclusive reduzir sintomas depressivos, reduzir a ansiedade e estresse. Não é por acaso que o surfe se mostra efetivo na redução de sintomas do Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT). No âmbito biopsicossocial, questões que envolvem a formação da identidade e da subjetividade, além de vantagens cognitivas adquiridas no ato de surfar, são evidenciadas, como exemplo, uma leitura do mar mais eficaz. Além disso, a prática estabelece uma conexão e relação do praticante com a natureza, podendo também possibilitar o surgimento e estabelecimento de laços sociais e comunitários, como implicações positivas na economia da comunidade. Também, relatos evidenciam que o surfe gera uma mudança no estilo de vida, na identidade, proporcionando sentimentos de felicidade, melhorias de capacidade físicas e mentais, inclusive sendo utilizado por alguns praticantes como forma de terapia, em que o surfe é usado como estratégia para lidar com questões emocionais. O esporte, além da felicidade, também pode propiciar um aumento da autoconfiança, aumento do empoderamento, maior sensação de liberdade, aumento da resiliência e do bem-estar (SOUZA et.al., 2021).

Compreendendo que a prática do surfe envolve inúmeras emoções e pode trazer muitos benefícios para os praticantes, o presente estudo procura compreender como projetos sociais com o surfe, que recebem crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade, podem ajudá-las em seu bem-estar e desenvolvimento, à luz da psicologia analítica. Como já dito, este público está exposto a mais riscos, com uma qualidade de vínculos empobrecida e conseqüentemente uma rede social

comprometida e, portanto, o fortalecimento desses indivíduos, que engloba aspectos físicos e emocionais, é inegável e de extrema importância.

#### 1.5.7 A criança e o adolescente e as fases de desenvolvimento

A terceira infância, que abrange o período dos 6 aos 12 anos, assim como a puberdade e a adolescência, que abrange o período dos 12 aos 18 anos, são o alvo da presente pesquisa. Para uma melhor compreensão dos participantes desse estudo, é necessário trazer alguns pontos importantes do desenvolvimento das crianças e adolescentes que estão nessas fases.

Segundo a visão Piagetiana, no período da terceira infância, a criança já se encontra no estágio das operações concretas, em que conseguem realizar operações mentais para solucionar problemas concretos, reais, fazendo uso do pensamento lógico e levando em consideração diversas variáveis envolvidas em uma situação. Todavia ainda se limitam em pensar em situações reais no aqui e agora. Nesse estágio, as crianças conseguem realizar atividades mais complexas, pois possuem uma melhor compreensão dos conceitos espaciais, de conservação, de número, de causalidade e de categorização (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

A respeito do julgamento moral de crianças no estágio operatório concreto, segundo Piaget o pensamento moral está ligado ao desenvolvimento cognitivo. Crianças com mais de 7 anos aproximadamente tendem a ter julgamento moral mais maduro, levando em conta a intenção e não apenas a magnitude da infração, ou seja, levam em conta mais de um ponto de vista para o julgamento de uma determinada situação (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Em torno do desenvolvimento psicossocial das crianças presentes na terceira infância, ocorre um crescimento cognitivo em que conceitos mais complexos de si mesmas são desenvolvidos, permitindo uma maior compreensão e controle emocional. O julgamento sobre si mesmo nessa fase passa a ser mais realista, equilibrado e abrangente. Autoconceitos amplos e abrangentes que abrigam diferentes aspectos da identidade da criança, denominados sistemas representacionais, são elaborados por elas a partir dessa idade. A criança compreende que ela pode ser ruim em algumas coisas e boa em outras, sabe o que

é o seu eu real e o seu eu ideal e sabe quando cumpre com os padrões sociais (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

A autoestima é algo que aparece na terceira infância e é muito determinante nesse momento a capacidade que tem para o trabalho produtivo, relacionando-se com o domínio de suas habilidades. A crise na terceira infância está relacionada com a produtividade e a inferioridade, segundo Erikson (1982). A resolução para esta crise está atrelada a competência, a ideia de si como capaz de dominar habilidades e de concluir tarefas. Essas habilidades são valorizadas pela sociedade em que as crianças estão inseridas, e variam de acordo com a cultura local. Existe uma comparação entre as crianças a respeito de suas capacidades. Quando uma criança se sente incapaz de realizar algo, geralmente retorna para a sua base familiar e, por outro lado, caso se sinta muito capaz e conseqüentemente muito ativa no trabalho, pode deixar de lado as suas relações sociais, comprometendo sua rede social. Para sustentar a autoestima das crianças o apoio social é essencial, o que inclui o núcleo familiar, os colegas, amigos e professores (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

A respeito do desenvolvimento emocional na terceira infância as crianças começam a internalizar certas emoções, como vergonha e orgulho, e estão atreladas a capacidade da criança de observar as conseqüências de suas próprias ações e do tipo de socialização que recebeu. Tais emoções também afetam a autoestima e a opinião que possui de si mesma. A capacidade de verbalizar aquilo que está sentindo também se faz presente nessa etapa do desenvolvimento infantil, evidenciando uma conscientização de suas próprias emoções, além de ser capaz de observar as emoções dos outros. O controle emocional em situações sociais, resposta à perturbação emocional dos outros, também é presente nesse estágio. As crianças passam a ter um controle maior sobre emoções negativas como o medo, a raiva e a tristeza, de forma que conseguem demonstrar essas emoções, além disso aprendem a diferença entre ter uma emoção e expressar ela. Esse controle muitas vezes as suprime como forma de autoproteção contra rejeição, zombaria ou para não perturbar outra pessoa. O papel da família é essencial nas situações em que a criança expressa os seus sentimentos pois, quando encorajadas a expressar o que sentem de maneira construtiva e são auxiliadas a perceber a fonte do problema, tendem a enfrentar melhor as situações e adquirem mais habilidades sociais. É na terceira infância que um comportamento mais empático e pró social se intensifica, sendo um sinal positivo de adaptação, pois aumenta a probabilidade de ocorrer um enfrentamento dos

problemas de maneira construtiva, de agir de maneira adequada em situações sociais e de serem livres de emoções negativas (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Para compreender o desenvolvimento de uma criança não basta observar o estágio de desenvolvimento que se encontra, como visto com a teoria Piagetiana, mas também é necessário ter um olhar atento à atmosfera familiar. Analisar o núcleo familiar não envolve apenas aquilo que acontece dentro de casa, mas também a situação socioeconômica dos pais, tendências sociais, o tamanho da família, novo casamento, divórcio, experiências e valores culturais. Compreender o contexto sócio-histórico é indispensável pois, esses fatores auxiliam em uma compreensão mais adequada da dinâmica familiar e sua influência sobre o desenvolvimento da criança. A infância de uma criança de baixa renda e negra não será a mesma infância que uma criança branca de alta renda. A desigualdade social, em suas intersecções com as raciais, de gênero, de etnia, entre outras, perpassa o modo de vida dos indivíduos, como se relacionam, como se colocam no mundo e se desenvolvem (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

A terceira infância é um período do desenvolvimento marcado por uma gradativa aquisição de independência, em que as crianças geralmente conseguem compreender as regras dos pais e segui-las e conseguem tomar decisões sem a supervisão direta dos pais, envolvendo mais diálogo entre ambos. O contexto de conflito familiar é importante para um aprendizado acerca das regras, padrões de comportamento, quais questões são relevantes para a discussão e as estratégias efetivas para a resolução do problema em questão. No entanto, conforme as crianças vão se aproximando da pré-adolescência o diálogo entre pais e filhos se torna mais conflitante e menos efetivo (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Em torno das relações de amizade, é na terceira infância que é evidenciado o grupo de amigos da criança, que se formam de acordo com a proximidade da moradia e escola. Tendo isso em vista, esses grupos são formados geralmente entre crianças que possuem a mesma origem racial ou étnica e com condição socioeconômica semelhante. As idades costumam ser semelhantes quando a referência é o âmbito escolar, embora em grupos formados em um bairro por exemplo, pode variar as idades. É na amizade que ocorre uma troca de afeto, existe uma troca e partilha de emoções, sentimentos, pensamentos e experiências. Na terceira infância as amizades se tornam mais profundas e estáveis, pois são capazes de considerar a existência do outro e suas necessidades assim como as suas, existe um sentimento de

comprometimento. Além disso, com o surgimento de amizades mais profundas, conflitos provenientes desse laço afetivo são inevitáveis, o que auxilia no aprendizado frente a resolução deles. É necessário lembrar que estes fatores não são regras, tendo em vista inúmeros contextos que podem ser colocados em questão (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

A formação de grupos de amigos é importante para o desenvolvimento de habilidades sociais, de uma maior intimidade, de um senso maior de identidade, de habilidades de liderança e comunicação, de cooperação, de papéis e de regras. Com um maior distanciamento dos pais, é no grupo de amigos que as crianças entram em contato com outras opiniões, realizando questionamentos, auxiliando a decidir quais valores manter e quais descartar. As comparações são realizadas dentro do grupo, de opiniões, do jeito de ser, de habilidades, auxilia as crianças a ter mais consciência de suas capacidades e eficiência. Estar em um grupo de amigos é um aprendizado para o convívio em sociedade, compreendendo que viver em sociedade implica levar em conta a existência do outro, como adaptar suas necessidades e seus desejos aos dos outros. A composição grupal permite uma segurança emocional e compartilham entre si pensamentos que poderiam ofender um adulto, de modo a tranquilizar as crianças por não serem as únicas a ter tais pensamentos (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

No entanto, os grupos de amigos também podem ser prejudiciais à criança na medida em que nem sempre os valores e atitudes antissociais de um grupo podem condizer com as atitudes e valores de uma criança em específico, de modo que está nem sempre resiste e consegue se colocar e se opor. A influência grupal sobre uma criança indecisa e incerta tende a ser maior. A autoestima da criança na terceira infância é fortemente afetada pelas opiniões dos amigos. Um grupo pode reforçar um preconceito, com atitudes desfavoráveis diante a outros grupos diferentes, como grupos raciais e étnicos. “O preconceito pode ser diminuído ou eliminado ampliando-se a experiência da criança. Os programas mais eficazes fazem com que grupos diferentes trabalhem em prol de um objetivo comum, como nas equipes desportivas” (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

A figura parental possui uma importante influência no modo como a criança se insere na sociedade e se relaciona com os outros. Pais mais democráticos tendem a ter crianças que possuem mais habilidades sociais, quando comparados com pais autoritários, agressivos em que a punição permeia a relação familiar. No entanto

existe uma multifatorialidade de motivos do porquê algumas crianças não são tão sociáveis, são mais impopulares e agressivas, não se restringindo a apenas crianças com pais autoritários (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Na terceira infância a agressividade é um fenômeno que muda de forma. A agressividade é parte da composição do ser humano, mas a questão é o que cada um faz com ela. Nesse estágio, apesar da agressão diminuir, ela adquire mais uma forma hostil, em que o agressor procura ferir o alvo. Além disso, a frequência de uma agressão mais explícita aumenta, em que se utiliza força física ou ameaça física. No entanto, a agressão instrumental, que visa a um objetivo, e a agressão relacional ou “social”, que diz respeito ao “depreciar” ou espalhar boatos sobre outra pessoa, provocação, manipulação, tentativas de controle, ainda são existentes na terceira infância. A agressividade, além de ser algo pertencente ao humano, também pode ser vista com olhares sociais. O modo como uma criança se atenta às características do ambiente social em que está inserida, assim como interpretam essas informações podem auxiliar na compreensão do aparecimento da agressão. A agressão pode ser uma forma de autodefesa, reação a uma rejeição, medo e repetição de comportamento hostil. Para um olhar cuidadoso frente a agressividade, é necessário então considerar o ambiente em que essa criança está inserida, como suas relações sociais se dão, para que assim possa ser realizado um trabalho com a criança para ajudá-la a lidar com a sua própria raiva, reconhecê-la e entender que agir de forma agressiva não é bom para ela e nem para o outro (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Além da terceira infância, a adolescência é um estágio do desenvolvimento que será presente na pesquisa, e compreendê-la é importante. A adolescência é marcada por transformações físicas, emocionais, cognitivas e sociais. No âmbito físico, as mudanças são evidenciadas com o crescimento em altura e peso, mudanças nas proporções e na forma do corpo e maturidade sexual. O desenvolvimento muscular e de pelos pelo corpo aumentam nesta fase, e no caso das meninas, o início da menstruação se dá nesse momento. A transição da infância para a adolescência é denominada puberdade, em que ocorre um aumento na produção de hormônios sexuais, que resultam nas transformações físicas citadas anteriormente. Essas transformações no âmbito físico interferem o âmbito psíquico, uma vez que existe uma mudança na aparência. É comum neste estágio o desenvolvimento de uma imagem corporal negativa, o que pode interferir nos hábitos alimentares, podendo resultar em transtornos como a anorexia e a bulimia nervosa. No entanto é importante ressaltar

que não é possível realizar generalizações dos efeitos psicológicos que as transformações físicas podem provocar, tendo em vista a individualidade e contexto de vida de cada um (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

A adolescência é uma fase em que os jovens procuram compreender a sua identidade e passam por novas experiências em suas vidas que se afastam cada vez mais do núcleo familiar. Começam a se descobrir sexualmente e também entram em contato com drogas. A tendência ao uso de drogas envolve aspectos do âmbito pessoal e social. No âmbito pessoal pode envolver a questão da descoberta de si, em que o jovem começa a se responsabilizar por seus atos e fazer suas escolhas. No âmbito social, começam a conviver com outros jovens que também estão se descobrindo, indo a eventos onde as drogas estão presentes. É necessária uma atenção especial e um cuidado com essa fase em relação ao uso abusivo das drogas (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Um estilo de vida comprometido por conta de divórcio, morte, como exemplo, assim como a pobreza interferem na saúde do jovem, o que pode contribuir para o aparecimento de comportamentos de risco. Além disso, aqueles que entram na puberdade cedo ou possuem uma maturação cognitiva atrasada também estão mais propensos a esses comportamentos. Nesta fase, os exercícios físicos podem contribuir com uma boa saúde mental e física dos adolescentes, se afastando de um sedentarismo que resulta em maiores riscos à sua saúde na vida adulta como diabetes, câncer, doença cardíaca e obesidade. Sempre é necessário ressaltar a importância de um olhar amplo sobre o jovem, para compreender o seu contexto social, cultural e econômico. Muitos adolescentes crescem com a violência diariamente no local onde vivem devido à ausência de privilégio de sua camada social (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

A respeito do desenvolvimento cognitivo na adolescência, ocorre um maior amadurecimento cognitivo nesse estágio. É uma fase que são capazes de raciocinar de maneira abstrata, realizam juízos morais mais sofisticados e conseguem ter uma perspectiva do futuro e um planejamento que condiz mais com a realidade. Esse estágio é denominado por Piaget de “operações formais”, que é um nível mais elevado do desenvolvimento. Nesta fase, a flexibilidade em torno da percepção das informações obtidas é maior, conseguem compreender o tempo histórico e o espaço. É um momento que conseguem utilizar símbolos para representar outros símbolos, o que é evidenciado na matemática, quando conseguem utilizar uma letra para

representar um número, como exemplo. O uso de metáforas e alegoria nesse estágio é compreendido por esses jovens e conseguem realizar pensamentos hipotéticos, de algo que poderia ser, mas ainda não é. Dada tal flexibilidade no pensamento, conseguem pensar em inúmeras possibilidades e testar as hipóteses que são criadas por eles (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

No estágio de operações concretas, o raciocínio hipotético-dedutivo se faz presente, ou seja, o adolescente consegue elaborar hipóteses e testá-las por meio da experimentação, por meio de um pensamento flexível e sistemático. Consegue eliminar as hipóteses que não servem para chegar em uma hipótese que condiz com a realidade. É a partir desse tipo de pensamento que nessa etapa da vida os jovens conseguem solucionar problemas como consertar algum objeto, desenvolver teorias etc. Piaget defende que essa mudança nos adolescentes se dá tanto por conta de uma maturação emocional quanto às oportunidades de estímulos que o ambiente oferece. Por isso, a escolaridade, a cultura, a questão social e econômica interferem no desenvolvimento do jovem. Se um jovem não possui muitos estímulos, isso irá interferir diretamente em seu desenvolvimento (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Embora o pensamento Piagetiano seja muito bem estruturado, ele não leva em conta de forma adequada alguns aspectos importantes do desenvolvimento como o acúmulo gradual de conhecimento e de saber em campos específicos; o aumento na capacidade de processamento de informações; o desenvolvimento da metacognição, da consciência e do monitoramento de nossos próprios processos e estratégias mentais. Além disso, existem críticas que revelam que Piaget não levou em conta a particularidade de cada criança, os diferentes desempenhos entre as crianças em diferentes tipos de tarefas e as influências sociais e culturais (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Segundo o psicólogo David Elkind, existe alguns comportamentos imaturos comuns entre os adolescentes que são: tendência a discutir, indecisão, encontrar defeitos nas figuras de autoridade, hipocrisia aparente, autoconsciência/público imaginário, suposição de invulnerabilidade/ fábula pessoal. Em relação ao público pessoal, diz respeito à suposição do adolescente de achar que todos estão pensando o mesmo que ele, que possuem a mesma percepção sobre si e sobre as coisas. Já em torno da fábula pessoal, David refere-se a um egocentrismo do adolescente sobre a crença que são especiais, que suas experiências são únicas e não seguem as regras que regem o restante das pessoas. Sobre esses dois conceitos, eles não são

necessariamente universais no desenvolvimento cognitivo dos adolescentes, mas podem estar mais relacionados a experiências sociais específicas (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Outro aspecto importante sobre o estágio da adolescência é em torno da identidade, que segundo Erickson, é a continuidade interior em meio à mudança. Nessa fase do desenvolvimento o adolescente enfrenta a crise de identidade e a confusão de identidade. Essas crises não se limitam a essa fase da vida, mas são muito marcantes e precisam ser faladas. Ao contrário de crianças mais jovens que usam pessoas como modelo, os adolescentes compõem a sua identidade por meio de modificações, sínteses das identificações anteriores. Isso é feito a partir de suas habilidades, necessidades, interesses e desejos. A identidade é composta a partir da resolução da escolha de uma ocupação, adoção de valores nos quais acreditar e viver a partir de tal escolha e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Um impasse que pode surgir nesse estágio é a confusão de identidade. Muitas vezes a defesa contra tal confusão pode ser vista nas “panelinhas”, intolerância com as diferenças existentes no ambiente social e uma regressão à infantilidade. Uma forma de resolução da crise de identidade pode ser por meio do comprometimento com a fidelidade, que podem ser ideológicos e pessoais. A fidelidade pode dizer respeito a uma identificação com uma religião, ideologia, conjunto de valores, um movimento político e/ou um grupo étnico. A partir do enfrentamento de uma crise de identidade é possível obter benefícios adquiridos a partir da fidelidade como lealdade, fé, sentimento de pertencimento a alguém que ama. Ser fiel a algo que acredita diz respeito a uma independência de escolha que se distancia de uma aceitação de ideais pré existentes a partir da figura parental (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Ainda a respeito da identidade, a Teoria de Marcia identifica quatro estados de identidade, que são estados de desenvolvimento do ego que dependem da crise e comprometimento. Segundo Marcia, a crise trata-se de um período de tomada consciente de decisões relacionado com a formação de identidade, e comprometimento refere-se a um investimento pessoal em uma ocupação ou em um sistema de crenças (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006, p. 479). Os quatro estados são: conquista de identidade, pré-fechamento, moratória e difusão de identidade. O primeiro estado é caracterizado por um comprometimento, em que alternativas são exploradas e escolhas são feitas, após experienciar uma crise. Já o segundo estado

de pré-fechamento é o estado em que a pessoa não passou por uma crise, sem passar um tempo de levantamento de alternativas, tendo um comprometimento com planos que não são os seus, mas de outra pessoa. O estado de moratória caracteriza-se por um processo em que a pessoa se encontra em que considera as alternativas presentes, passando pela crise, e se direcionando para um comprometimento. O quarto estado, o de difusão de identidade, diz respeito a um momento de ausência de comprometimento e uma ausência de crise, em que ocorre uma séria consideração de alternativas. A adolescência é marcada por uma procura de identidade e, devido a isso, o estado de moratória ou conquista são mais presentes. Essas características que se referem a cada estado de identidade são mutáveis e podem variar de acordo o desenvolvimento de cada um e suas particularidades (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

A identidade também tem como importante ponto a etnicidade, pois para alguns adolescentes, pode ser central para a formação da identidade. “A cor de pele e outras características físicas, as diferenças de linguagem e a posição social estereotipada podem ser extremamente influentes na formação do autoconceito de adolescentes minoritários” (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006, p. 482). Além da rede social do adolescente normalmente se ampliar, por ganhar uma maior independência e frequentar outros lugares, possuem uma maior compreensão em torno das questões culturais, tendo conhecimento sobre os conflitos envolvidos entre os valores aprendidos dentro de sua própria casa e aqueles que predominam na sociedade (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Segundo Erickson, o processo de formação da identidade na adolescência pode se dar de duas formas: por meio da diferenciação e integração; por meio da substituição. A primeira forma é a mais saudável e requer tempo e reflexão. Tendo em vista que o jovem consegue tomar consciência daquilo que o diferencia dos demais e posteriormente consegue integrar suas diferenças em um todo. Já a segunda forma de desenvolver a identidade é a através de uma substituição de um modelo infantil que abrange ideias e sentimentos, para um modelo de crenças, atitudes e comportamentos de outra pessoa, como se fosse seu. A tendência dos jovens que adotam essa última segunda forma é de ter uma autoestima baixa, uma suscetibilidade à influência externa, podem possuir uma maior dificuldade de lidar com perda, fracasso, liberdade e com suas próprias emoções (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Comportamentos antissociais na adolescência podem ser resultados de modelos violentos e coercitivos que tiveram em sua infância, seja dentro de sua família, seja fora. “Crianças que sofrem de má criação têm menos riscos se seus pais obtiveram efetivo apoio comunitário. Programas efetivos atacam os múltiplos fatores de risco que podem levar à delinquência” (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006, p. 506). Algumas pesquisas informam que programas de intervenção na segunda infância são efetivos para afastar os jovens de problemas com a lei (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

#### 1.5.8 As crianças e os adolescentes em situação de vulnerabilidade

A utilização do termo vulnerabilidade tornou-se frequente na década de 80, com a Aids, dada a necessidade de compreender os grupos sociais mais expostos à contaminação. Esse termo, quando utilizado, compreende um indivíduo ou um grupo vulnerável mais suscetível a sofrer danos, dada a multiplicidade de fatores envolvidos em sua situação (Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, 2021).

A vulnerabilidade pode resultar em uma segregação e distanciamento, assim como o comprometimento de direitos do indivíduo, o que interfere em seu desenvolvimento em todos os âmbitos de sua vida. É notório que a vulnerabilidade social existe principalmente nas populações empobrecidas, dada a condição de baixa distribuição de renda e a desigualdade de oportunidades pela falta de políticas públicas (Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, 2021).

Para um olhar cuidadoso acerca da vulnerabilidade, além dos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, é necessário levar em conta tanto o âmbito individual quanto o social. O primeiro, é marcado pelas experiências individuais daquele indivíduo, enquanto o segundo, diz respeito à estrutura da sociedade e as relações produzidas, levando sempre em conta o contexto. Um olhar para a instituição também se faz necessário, pois é necessário compreender como o Estado se coloca frente aos direitos e necessidades dos indivíduos (Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, 2021).

Olhar para um grupo ou pessoa em situação de vulnerabilidade envolve uma atenção direcionada a sua condição de vida, investigando a rede de serviços

disponíveis (escolas e unidades de saúde), programas de cultura, lazer e de formação profissional, e a acessibilidade que possuem sobre esses recursos. Um indivíduo ou um grupo vulnerável pode ser compreendido como aquele mais suscetível a sofrer danos, dada a multiplicidade de fatores envolvidos em sua situação (Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, 2021).

Uma situação de vulnerabilidade implica em eventos estressores tanto biológicos quanto psicossociais, que são fatores de risco para o desenvolvimento de uma pessoa. Esses fatores de risco são condições que interferem na vida de um sujeito, de modo a tornar mais provável a ocorrência de resultados não desejáveis e negativos, interferindo tanto no comportamento como no desenvolvimento do indivíduo. Tais prejuízos podem ser observados na linguagem, áreas da cognição, desempenho acadêmico e desenvolvimento socioemocional. A vulnerabilidade de uma pessoa abrange inúmeros fatores como: baixo peso, desnutrição, prematuridade, lesões cerebrais, atraso no desenvolvimento, pobreza, minoria social, comprometimento no acesso a saúde e educação, desemprego, família desestruturada. Além disso, é importante levar em conta a fase de desenvolvimento que a pessoa está. Como exemplo, estar na adolescência implica em uma maior vulnerabilidade devido às inúmeras transformações físicas e psicológicas que ocorrem nessa fase, cuja independência e a experimentação de novas experiências começam a ocorrer com mais frequência (MAIA; WILLIAMS, 2006; SAPIENZA; PEDROMÔNICO, 2005).

Já os fatores de proteção são recursos, individuais ou sociais, que diminuem a probabilidade de o indivíduo desenvolver problemas em seu desenvolvimento e diminuem ou neutralizam o impacto do risco. Tais fatores protetores servem de influência para melhorar a resposta do indivíduo em um contexto hostil que facilita o aparecimento de respostas mal adaptativas. O autoconceito positivo e o suporte social são importantes fatores de proteção. Estes podem ser: atributos posicionais da criança, características da família e fontes de apoio individual ou institucional disponíveis para a criança e a família. Os fatores de proteção aumentam a probabilidade de resiliência individual frente às adversidades. (MAIA; WILLIAMS, 2006; SAPIENZA; PEDROMÔNICO, 2005).

As crianças e adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social são fruto dessa desigualdade, vivenciando a pobreza, marginalização, carência de educação e saúde, passagem precipitada da infância para a fase adulta,

comprometimento na autoestima, entre outros inúmeros prejuízos. Desde o início de suas vidas, duvidam de seu potencial e capacidade, sendo colocados constantemente à margem da sociedade, como se fossem inferiores e não tivessem valor. (PEREIRA, 2010).

As relações em contexto de vulnerabilidade social geram crianças, adolescentes e famílias passivas e dependentes, com autoestima consideravelmente comprometida. Estes jovens e suas famílias introjetam como atributos negativos pessoais às falhas próprias de sua condição histórico social. De forma circular e quase inevitável, este ciclo se instala reforçando-se a condição de miséria, não só no nível material, como no nível afetivo (PEREIRA, 2010, p. 2).

A infância e a adolescência é um período de constante construção da autoestima e autoimagem, em que transformações físicas, biológicas e psíquicas são evidentes (PEREIRA, 2005). Diante de tantas transformações, para que ocorra um desenvolvimento saudável, as redes sociais são de extrema importância. As redes dizem respeito aos relacionamentos existentes na vida do indivíduo, em sua comunidade, família, amigos entre outros possíveis ciclos sociais. Esses relacionamentos, criados desde o início da vida do ser humano, quando bons, contribuem para dar um sentido, organizam a identidade, incentivam um senso de troca, servem como suporte e apoio, e caminham junto com uma boa qualidade de vida (FERNANDES; CALADO; ARAUJO, 2018). No entanto, quando se diz respeito a crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade, as redes de relacionamento dentro da família e/ou da escola encontram-se comprometidas, têm-se uma perda na qualidade dos vínculos estabelecidos, os deixando mais suscetíveis a situações de risco como violência intrafamiliar, maus tratos, abuso sexual, envolvimento com o mundo do crime, envolvimento com drogas e prostituição (PEREIRA, 2010).

#### 1.5.9 O bem-estar na infância e na adolescência

O bem-estar na infância e na adolescência pode ser compreendido por meio de diferentes perspectivas: subjetivo, psicológico e social. Ao falar em bem-estar subjetivo, diz respeito a uma experiência de prazer frente ao desprazer, retratando a satisfação e a insatisfação com a vida, que envolve uma própria avaliação do sujeito,

se distanciando de parâmetros externos. Tal avaliação envolve julgamentos e sentimentos atrelados à satisfação com a vida, interesses, reações afetivas, estudo/trabalho, relacionamentos e saúde. Já o bem-estar psicológico aproxima-se de processos de autorrealização, desenvolvimento do potencial humano e funcionamento psicológico pleno. Por fim, o bem-estar social está no âmbito do sujeito e suas relações interpessoais e intergrupais dentro de um contexto social. A partir da conceituação do termo bem-estar, é possível ter uma melhor compreensão a respeito da qualidade de vida. Dentro de tais conceituações, é necessário levar em conta aspectos físicos, emocionais e sociais do funcionamento humano (ALFARO et al., 2017).

#### 1.5.10 Um olhar crítico e social sobre o território litorâneo e sua população

Maresias é um bairro localizado no litoral norte do estado de São Paulo que possui 5 quilômetros de extensão da orla marítima e que também agrega o sertão de Maresias, local mais afastado da faixa de areia. O bairro de Maresias está inserido no distrito de Maresias, com 40 quilômetros de extensão. Possui uma diversidade da fauna e flora, obtendo parte da Mata Atlântica, e que nos dias de hoje é evidente a ocupação do território pelo ser humano (MARTINS; MACHADO; NAGABE).

Para compreender esse território, é necessário ultrapassar um olhar do ambiente físico, desenvolvendo uma perspectiva crítica que aborda aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais. O povoamento da faixa litorânea paulista teve início no período pré-colonial, com os indígenas, grupos Tupy-Guaranis. Na época, tal povoamento não teve um grande impacto sobre a natureza e se deu por meio de trilhas. Essa população indígena deu origem ao povo caiçara, sendo uma mistura entre branco, indígena e negro. Também, o seu legado foi deixado à cultura desse povo conhecido por habitar no litoral, visto em técnicas de pesca (LUCHIARI, 1992).

Com o período colonial, o litoral paulista foi tendo visibilidade para os olhares da economia da época, como na fase do açúcar, a fase do ouro e a fase do café. Com isso, a paisagem gradativamente sofreu um maior impacto, com a ocupação agrícola, traços arquitetônicos, o deslocamento por ser um ponto estratégico e aumento demográfico. No entanto, ocorre uma decadência e isolamento do litoral norte paulista

em diálogo com a decadência com a estrutura econômica colonial que se baseava na monocultura para a exportação. Embora o território tenha sido útil para as demandas econômicas desse período, sua utilidade foi temporária dado o esgotamento das terras agricultáveis, deixando rastros de degradação ambiental, com áreas desmatadas e abandonadas, além de um despovoamento do local (LUCIARI, 1992).

É necessário ressaltar que a ocupação territorial dos caiçaras e indígenas se contrapõem à exploração feita no período colonial pelos portugueses. No período colonial ocorreu uma exploração das riquezas naturais em larga escala, enquanto a ocupação dos indígenas e caiçaras se deu por meio da incorporação do espaço em que estavam, como fonte de vida e sobrevivência (LUCIARI, 1992).

A população caiçara resistiu e permaneceu no litoral paulista, que permaneceram habitando a costa e não se adentrando à serra, com uma economia de subsistência, produzindo alimentos, pescando e possuindo uma pequena produção mercantil. Essa população possui uma relação de complementaridade com o meio ambiente e faz uso de recursos rudimentares para explorá-lo. O caiçara não é apenas o mestiço localizado no litoral paulista, mas também com um estilo de vida e cultura característico (LUCIARI, 1992).

Nas vilas, originariamente, os caiçaras viviam na praia, em casas isoladas uma das outras numa disposição desordenada, escondidas entre a folhagem e interligadas por trilhas e caminhos. Este tipo de povoamento ainda pode ser encontrado em algumas vilas de Maresias, não mais como vilas exclusivamente caiçaras, mas núcleos isolados ou mesmos mesclados na ocupação mais recente. As cercas e os muros não existiam, eles fazem parte de uma mentalidade trazida por turistas e imigrantes em relação à propriedade privada. Apesar da multiplicação dos muros e das casas de veraneio, ainda hoje, é possível perceber a resistência do caiçara a esta forma de isolamento: muitas famílias caiçaras possuem em uma mesma propriedade (ou posse) várias casas destinadas a diversos membros da mesma família (LUCIARI, 1992, p. 29).

A partir de 1950, o processo de urbanização no Brasil começou a se dar de forma acelerada, sem distribuição homogênea, tanto em seus aspectos espaciais quanto sociais. Isso gerou fortes impactos na sociedade, principalmente em que a demarcação da desigualdade sempre se fez existente. Ocorrem dois movimentos na sociedade brasileira que são determinados por classes sociais: o movimento da classe trabalhadora em busca de centros urbanos com melhores condições de vida, com mais infraestrutura e trabalhos; a população com poder aquisitivo em uma fuga dos

centros urbanos e em busca de uma melhor qualidade de vida por meio de um maior contato com a natureza, com mais lazer e descanso (LUCHIARI, 1992).

O movimento da população com poder aquisitivo em direção ao litoral paulista devido uma expansão do setor turístico, a construção da rodovia BR-101, o crescimento das atividades econômicas ligadas ao setor terciário, a migração e a industrialização, a partir da década de 60, gerou impactos físicos, sociais e econômicos que precisam ser olhados de maneira crítica. Também outros fatores como, a Petrobras, a instalação da Companhia Nacional de Frigoríficos (CONFRIO) em São Sebastião, a transformação de São Sebastião em um terminal de pesca, o melhoramento da malha viária, contribuíram para o impacto sobre o litoral paulista. Foi na década de 80 que o distrito de Maresias foi fortemente impactado, com a pavimentação da BR-101 (LUCHIARI, 1992).

A cultura urbana é introduzida e torna-se dominante sobre a cultura local do espaço litorâneo, com uma imposição de técnicas, valores e padrões, de modo a interferir nas crenças tradicionais, no ritmo de trabalho e em uma maior individualização dele. Neste período ocorre uma intensa especulação imobiliária que dá início a uma reorganização da economia local, a distribuição do território, o impacto ambiental, a urbanização e a estrutura de empregos (LUCHIARI, 1992).

Tal modernização, vista aos olhos dos grupos privilegiados como um avanço técnico e tecnológico importante para o “progresso” da sociedade brasileira, resultou na elitização do litoral paulista, em uma intensa marginalização e a subordinação dos grupos menos privilegiados, entre eles, os caiçaras. Os terrenos tornam-se altamente valorizados, as comunidades locais são desmembradas, os desmatamentos predominam com o avanço urbano, as vilas incham-se. A estrutura turística que se assenta no litoral é precária, sem planejamento para uma infraestrutura, sem saneamento básico, com deficiências de abastecimento de água e energia elétrica. As praias tornam-se privatizadas, hotéis e casas particulares predominam no cenário, e alguns espaços para camping se fazem existentes no território litorâneo (LUCHIARI, 1992).

A região de São Sebastião, diante da nova realidade socioeconômica a partir da década de 60, carece de um desenvolvimento nos serviços de saúde pública, saneamento básico, educação, entre outros. Como consequência, na década de 70, segundo Luchiari (1992):

(...) predominava em todo litoral norte um grande número de jovens com baixo nível de instrução e com padrão de vida relativamente baixo, ocupando apenas parcialmente o mercado de trabalho local, com muitos desocupados e subempregados, por razões econômicas e extraeconômicas. É possível que os fenômenos de marginalidade e altos índices de criminalidade (que só surgiram recentemente no litoral norte paulista) estejam associados à esta nova realidade socioeconômica (LUCHIARI, 1992, p. 56).

A miséria, problemas de má nutrição, alto índice de mortalidade, más condições de vida são consequências de um “desenvolvimento” socioeconômico estruturado em uma desigualdade e falta de planejamento, ou então, um planejamento em que nem todos são levados em conta. Claro que é necessário levar em conta uma mudança nesses aspectos atualmente, mas ainda muitas marcas são evidentes no litoral norte (LUCHIARI, 1992).

O território específico de Maresias, localizado na costa sul, faz parte de um trecho do município de São Sebastião com várias praias e costões. Com a mudança heterogênea no território com o avanço dos interesses econômicos resultou em uma dispersão dos povoados locais, descentralização econômica e populacional (LUCHIARI, 1992).

A expansão do setor turístico na década de 70/80, acentuado com o término da pavimentação da rodovia Rio-Santos (1979-1985) teve a especulação de terra para fins turísticos como fenômeno característico da época. No início, as viagens para o litoral norte eram características das classes privilegiadas, que tinham tempo e dinheiro para se locomoverem para as praias. Todavia, isso mudou atualmente, tendo um turismo também abrangendo as classes menos privilegiadas para o território litorâneo (LUCHIARI, 1992).

(...) Capitalistas do Rio e São Paulo, pequenas construtoras e incorporações imobiliárias acompanhando a lógica do setor imobiliário compraram, a quinze, vinte anos atrás as melhores terras do litoral paulista a preços irrisórios. Alguns compraram terras no “sertão” onde só existia mata virgem, outros conseguiram concessões da marinha para construir na praia ou compraram, dos caiçaras, terrenos próximos à praia (LUCHIARI, 1992, p. 61).

Como consequência desse fluxo turístico no litoral paulista ocorre uma estratificação socioeconômica no território e assim uma segregação socioeconômica. Quanto mais próximo da praia, mais caro é o terreno e, portanto, as pessoas com nível de renda baixo vão sendo afastados cada vez mais do território mais valorizado (LUCHIARI, 1992).

Maresias, praia preferida dos surfistas, é um bairro na qual os participantes do presente estudo moram e participam do Instituto Esporte e Educação (IEE). Esse território evidencia a invasão do setor turístico, visto nos condomínios de luxo, nas grandes e médias residências e nas pousadas. É explícito o afastamento da população de baixa renda para o sertão, mais distante da praia. Os caiçaras ficaram segregados e estão mais empobrecidos, afastados dos locais que antes eram sua casa, a praia. Segundo Luchiari (1992) “(...) a população imigrante que aí se estabeleceu é predominantemente nordestina e paulista. São pessoas de origem mais simples que vieram trabalhar como caseiros ou em serviços gerais (mecânicos, carpinteiros, pedreiros, pintores, eletricitas, camping etc)” (LUCHIARI, 1992).

#### 1.5.11 O Instituto Esporte e Educação (IEE)

O Instituto Esporte e Educação foi criado em 2001 pela medalhista olímpica Ana Beatriz Moser, ex-voleibolista brasileira. É uma Organização da Sociedade Civil (OSC) cujo objetivo é a implementação do esporte educacional em comunidades de baixa renda. Tal organização compreende o esporte como uma maneira de comunicação, expressão, emoção, educação e emancipação que possibilita uma transformação social. Tendo isso em vista, o esporte educacional defendido por esta organização segue os princípios de inclusão, respeito à diversidade, educação integral, construção coletiva, e o desenvolvimento de autonomia dos indivíduos, assim possibilitando o desenvolvimento de cidadãos ativos, críticos, criativos e protagonistas, que fazem parte da cultura esportiva (Instituto Esporte e Educação, 2001).

Como forma de atuação efetiva nas comunidades, o IEE desenvolveu os Núcleos Esportivos Socioeducativos, que prestam serviço direto a crianças e jovens das comunidades. A equipe é formada por profissionais de Educação Física, responsáveis por realizar a prática pedagógica reflexiva, gestão dos núcleos e formação continuada em serviço (Instituto Esporte e Educação, 2001).

O Instituto Esporte e Educação, em parceria com a Petrobras, articulou para cerca de 58 municípios, em 7 estados brasileiros, as práticas do Esporte Educacional, capacitando professores e gestores de escolas públicas e impactando diversos alunos

dentro da faixa etária de 3 a 17 anos. Os estados atendidos foram: Bahia, Ceará, Espírito Santo, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Sergipe e São Paulo. A sede desta organização está localizada em São Paulo (Instituto Esporte e Educação, 2001).

## **1.6 MÉTODO**

O método utilizado na presente pesquisa, de cunho qualitativo-descritivo, é o da Psicologia Analítica, e consistiu em uma revisão da literatura em torno do tema do estudo e os conceitos teóricos necessários para uma análise efetiva.

### **1.6.1 Revisão bibliográfica**

A revisão bibliográfica inicial utilizada teve como base autores no âmbito da Psicologia Analítica. As obras principais que sustentaram o estudo foram de Carl G. Jung: O Homem e Seus Símbolos (1964), Sobre os Arquétipos do Inconsciente Coletivo (2000) e O Inconsciente Pessoal e o Inconsciente Suprapessoal ou Coletivo (1978). De modo geral, tais obras desenvolvem importantes conceitos da psicologia analítica que serão utilizados nesta pesquisa, que procuram compreender e explicar o funcionamento da psique humana, conceitos estes: símbolo, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo, complexos, arquétipos e processo de individuação. Outros importantes autores que também articulam as formulações do fundador da psicologia analítica e que foram utilizados no estudo foram Denise Ramos, Eloisa Penna e Murray Stein, respectivamente: A Psique do Corpo, a Dimensão Simbólica da Doença (2006); Processamento Simbólico, uma Proposta de Método de Pesquisa em Psicologia Analítica (2009); O Mapa da Alma, uma Introdução (2000).

Além das obras que contém conteúdos acerca da abordagem Junguiana, a pesquisadora utilizou coletâneas que falam sobre o surfe e o esporte em geral, tendo em vista que são importantes ferramentas em projetos sociais, e suas implicações. As fontes utilizadas foram: ONU News, UNESCO, Margarida Matos (em conjunto com outros autores), Débora Souza (em conjunto com outros autores). As respectivas

coletâneas: ONU Lembra a Importância de Esporte para a Paz, mesmo durante a Pandemia (2021); Esporte e Valores no Brasil; Surfing for Social Integration: Mental Health and Well-Being promotion through Surf Therapy among Institutionalized Young People (2017); Evidências Psicológicas do Surfe: Efeitos Terapêuticos e Demandas Assistenciais (2021).

Ademais, o estudo teve embasamento em conteúdos que giram em torno das crianças e adolescentes, seus desenvolvimentos, a importância das redes sociais em suas vidas, situações de vulnerabilidade que se encontram e seus direitos como cidadãos. As fontes utilizadas foram: Conselho Nacional de Saúde, Legislação Brasileira, Larissa Fernandes, Antonio Pereira e Sandra Pereira. As respectivas obras: Resolução nº 510 (2016); Lei nº 8.069 Proteção Integral da Criança e Adolescente (1990); Redes Sociais e Práticas em Saúde: Influência de uma Comunidade Online de Diabetes na Adesão ao Tratamento (2018); O Adolescente em Desenvolvimento; Crianças e Adolescentes em Contexto de Vulnerabilidade Social: Articulação de Redes em Situação de Abandono ou Afastamento do Convívio Familiar (2010).

#### 1.6.2 Pesquisa qualitativa e pesquisa em psicologia analítica

O presente estudo adotou o método qualitativo em psicologia analítica para uma compreensão efetiva em torno do tema a ser abordado. Este método fundamenta-se em um estudo descritivo qualitativo em que a construção de significados por parte de sujeitos é um importante pilar para a sua elaboração.

Ao contrário da pesquisa quantitativa, que valoriza a medida e a análise das relações causais entre variáveis, a pesquisa qualitativa valoriza o caráter particular da observação a ser feita no intercâmbio feito entre o pesquisador e o objeto de estudo, no caso o sujeito. Com isso, o que enriquece a pesquisa de cunho qualitativo é um olhar sobre aquilo que é observado, falado acerca do tema, que se diferencia e desvia da curva padrão e, portanto, impossibilita o uso de um modelo pronto como método (PENNA, 2004).

O método qualitativo na psicologia analítica busca compreender e interpretar os fenômenos, buscando seus significados e finalidades, se adentrando nos símbolos emergentes, estes que carregam um conjunto de crenças e sentimentos sobre o

mundo. Segundo Eloisa Penna “a perspectiva simbólica arquetípica como forma de compreensão da realidade nos habilita a investigar os fenômenos nos contextos individual e coletivo” (PENNA, 2004, p. 72).

Do ponto de vista metodológico, os fenômenos são considerados em função do contexto em que são investigados; tanto a objetividade quanto a subjetividade são consideradas, sendo que a intersubjetividade se configura como a melhor posição possível do pesquisador diante do conhecimento e do seu objeto de investigação (PENNA, 2004, p. 72).

Compreendendo a importância da intersubjetividade no posicionamento do pesquisador diante do seu objeto de investigação e do conhecimento adquirido, este método confere um lugar ativo e crítico, tanto do pesquisador quanto do objeto.

Como já dito anteriormente, o olhar do investigador ao seu objeto de estudo confere uma atenção sobre os símbolos emergentes. O ser humano é um ser simbólico por si só, ou seja, ultrapassa a dimensão física e abriga aspectos sócio-históricos e espirituais. Tendo isso em vista, os humanos abrigam aspectos do mundo manifesto e do mundo subjacente, ou seja, aspectos da consciência e aspectos do inconsciente, respectivamente. Com isso, é por meio dos símbolos que a investigação poderá ser realizada de forma efetiva, uma vez que ambos os mundos serão explorados (PENNA, 2004).

No método qualitativo de compreensão, duas etapas são presentes: coleta de material ou apreensão dos fenômenos a serem investigados e análise do material ou compreensão dos dados coletados. Na primeira etapa, apreensão do fenômeno, é realizada uma auto-observação e observação na perspectiva simbólica arquetípica, em que ocorre uma experiência de participação e diálogo entre aquele que observa e aquele que é observado. A coleta dos dados é feita por meio dos recursos projetivos, tendo em vista que favorecem a apreensão do material simbólico. Tais recursos são: sonhos, fantasia semi-dirigida, imaginação ativa, relaxamento, meditação, expressão corporal, desenho, pintura, dramatização, Sand play. Questionários e entrevistas semiabertas ou abertas também são uma alternativa, desde que sejam estruturas de forma a captar os aspectos inconscientes (PENNA, 2004).

Na segunda etapa, a análise do material coletado, é feito através do processamento simbólico, que é exercido por meio de associações, comparações e analogias que permeiam as áreas de conhecimento e funções da consciência, de modo a promover uma produção de conhecimento. Compreender os fenômenos

simbólicos observados implica em um olhar cauteloso para fenômenos como: causalidade, finalidade e sincronicidade. Assim, através da amplificação simbólica, em que aspectos desconhecidos se tornam conhecidos, ocorre o processamento simbólico (PENNA, 2004).

### 1.6.3 Participantes

Os participantes entrevistados serão o idealizador do respectivo projeto, duas crianças e dois adolescentes escolhidos para a investigação. Segundo o artigo da lei número 8069, são consideradas crianças pessoas de até 12 anos e adolescentes de 12 a 18 anos de idade. Não terá gênero específico para o estudo. Com isso, a partir do relato do representante do projeto e das crianças e adolescentes, a pesquisadora obterá as informações necessárias para dar continuidade a sua pesquisa.

Os critérios de inclusão, portanto, são crianças entre 10 e 13 anos de idade e adolescentes de 15 e 16 anos, sem gênero específico, moradores de Maresias no Litoral Norte de São Paulo e participantes da ONG Instituto Esporte e Educação. Além disso, será realizada uma entrevista com o integrante da ONG.

Os critérios de exclusão serão adultos, crianças e adolescentes que não fazem parte da ONG Instituto Esporte e Educação.

### 1.6.4 Instrumentos

As entrevistas são um instrumento fundamental para obter um melhor conhecimento do entrevistado e compreender como o sujeito percebe e atribui um significado a sua realidade. Nesta pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas para a coleta de informações. Esse tipo de entrevista é adequado para estudos que procuram delimitar o volume de informação obtido, para que se tenha um direcionamento em torno do tema em pauta. Esse instrumento de coleta de informações possui vantagens como: produz uma melhor amostra do público alvo; tem um índice de respostas mais abrangente; as pessoas que não sabem ler nem escrever podem participar desse tipo de entrevista; possui uma elasticidade na

duração da entrevista; têm um maior aprofundamento em determinados assuntos; possui maior interação entre entrevistador e entrevistado, favorecendo respostas mais espontâneas e mais profundas; possibilita uma investigação de aspectos pessoais, afetivos; existe a possibilidade de utilizar recursos visuais que podem auxiliar o entrevistado a lembrar de fatos e assim compartilhar mais informações (DUARTE, 2004; BONI; QUARESMA, 2005).

Uma entrevista semiestruturada implica na elaboração de um roteiro de perguntas abertas e fechadas, em que ocorre uma conversa informal para que o entrevistado consiga expor aquilo que deseja em torno do tema em questão. O entrevistador tem uma posição ativa, no sentido de dirigir sempre que necessário perguntas que girem em torno do tema em pauta, além de retomar questões que podem não ter ficado claras ou que precisam ser mais elaboradas para enriquecer o conteúdo coletado. As perguntas disparadoras no presente estudo foram elaboradas pela pesquisadora com base na revisão de literatura, para orientar a investigação e assim possibilitar a aquisição das informações de interesse da pesquisadora (BONI; QUARESMA, 2005).

Além disso, tendo em vista que é utilizado o método qualitativo da psicologia analítica, a pesquisadora fez uso de outro recurso para uma obtenção mais profunda de informações que no caso foi a atividade de colagem. Foi solicitado aos entrevistados a gravação da entrevista, para possibilitar uma transcrição das narrativas no computador de modo a permitir uma maior precisão das informações adquiridas nos relatos.

No início das entrevistas, a pesquisadora solicitou a gravação e revelou a existência do termo de consentimento livre e esclarecido que foi entregue aos entrevistados para ser preenchido. Por fim, a última etapa foi a transcrição das entrevistas e a seleção das informações necessárias para dar continuidade ao estudo.

#### 1.6.5 Procedimento

Para responder o que a pesquisa se propõe e assim ter uma melhor compreensão sobre os efeitos dos projetos sociais com o surfe sobre os praticantes, a pesquisadora compreende a necessidade de realizar um mapeamento dos projetos.

O início de todo o estudo teve início em 1 de agosto de 2021 e o término é previsto para 17 de junho de 2022.

O mapeamento dos projetos, para obter o contato com os idealizadores, foi por meio de duas plataformas: google e Instagram. Para o contato com os entrevistados e a obtenção de informações, a pesquisadora passou por algumas etapas na pesquisa. Na primeira etapa, buscou informações por meio da plataforma do Instagram, em que colocou em seus stories a seguinte frase “indicações de projetos sociais com o surfe” e deixou uma caixa de texto para que seus seguidores compartilhassem as informações. Ainda nesta etapa, a pesquisa também foi feita na plataforma google, em que realizou uma busca por meio da frase “projetos sociais com surfe no Brasil” e assim teve acesso às reportagens que falavam sobre os projetos.

A segunda etapa consistiu na organização das informações. Após obter os nomes dos projetos, a pesquisadora os anotou, de modo a categorizá-los por região. Também nesta etapa foi feita uma seleção dos projetos, com o objetivo de filtrar aqueles que se encaixam mais com a pesquisa.

Já a terceira etapa abrange a seleção do projeto a ser aprofundado e o contato com o representante do projeto social, que foi realizado pelo aplicativo WhatsApp. Neste contato, a pesquisadora apresentou o estudo e sua finalidade.

A quarta etapa foi das entrevistas propriamente ditas e da atividade de colagem, que foram realizadas presencialmente, em datas e horários combinados entre os entrevistados e a entrevistadora. É necessário ressaltar que dado o contexto pandêmico, todas as medidas de segurança foram seguidas, com o uso de máscaras e álcool em gel.

#### 1.6.6 Considerações éticas

Para a execução do presente estudo, a pesquisadora seguirá a rigor procedimentos metodológicos permeados pelo cumprimento de questões éticas, evidenciadas na resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012 complementada pela 510/2016, elaborada pelo Conselho Nacional de Saúde.

Tendo isso em vista, ao entrar em contato com os idealizadores dos projetos sociais, a pesquisadora apresentará a “Carta de Informação ao Sujeito da Pesquisa”, com o objetivo de obter o consentimento dos participantes dentro do estudo. Serão esclarecidos na carta os objetivos e procedimento da pesquisa, assim como será evidenciado o cumprimento do sigilo, em que a identificação dos mesmos não será revelada, e a voluntariedade da participação. Também será declarado aos participantes o caráter acadêmico do estudo.

Como forma de comprovação da unanimidade das informações compartilhadas aos idealizadores dos projetos, será solicitado suas assinaturas do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (TCLE). Além disso, além da possibilidade de os participantes decidirem não contribuir mais com a pesquisa, também poderão solicitar a interrupção da gravação que será realizada para que, posteriormente, a pesquisadora possa analisar tudo aquilo que foi dito.

#### 1.6.7 Riscos e benefícios

Acerca dos riscos possíveis no estudo, é necessário levar em conta que qualquer pesquisa que envolva seres humanos os envolve em algum nível. No entanto, a pesquisadora se atentará aos requisitos éticos a fim de proteger todos os envolvidos, ressaltando que qualquer interrupção por parte dos participantes será válida. Além disso, é necessário retomar que o intuito da pesquisa é obter conhecimento frente aos benefícios originários à prática do surfe em projetos sociais que recebem crianças e adolescentes.

Frente aos benefícios individuais que a pesquisa pode promover, estes girarão em torno do conhecimento obtido por meio da reflexão sobre as questões colocadas no estudo, que dizem respeito aos projetos sociais e suas implicações. Além disso, falar sobre os projetos pode permitir um incentivo para a continuidade deles ao ressaltar a importância que possuem para a coletividade. Ao encorajar esses projetos, os praticantes envolvidos com os mesmos serão beneficiados como um todo.

Por fim, em torno dos benefícios coletivos, o estudo poderá contribuir com um conhecimento frente aos projetos sociais que envolvem o surfe e os benefícios ao

público que se encontra em situação de vulnerabilidade, resultando em um impacto social positivo na sociedade.

## **1.7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A prática do surfe é um recurso importante para o desenvolvimento do ser humano. No entanto, aspectos internos, difíceis de entrar em contato permanecem existentes e aflorando de alguma forma na vida da pessoa, o que foi representado nas colagens realizadas pelos participantes. O surfe, as etapas envolvidas no esporte, desde se preparar para a prática até o ato de subir na prancha pode se conectar com os aspectos internos de sua vida, tendo em vista que o esporte exercita o corpo como um todo, a psique e o corpo físico. O surfe pode ser um caminho para expressão das questões internas, de dificuldades emocionais, que por mais difíceis que sejam de entrar em contato, permitem um desenvolvimento, uma ampliação da consciência e uma continuação do processo de individuação.

Para uma investigação efetiva de como o surfe em projetos sociais podem contribuir com o bem-estar e uma melhora na qualidade de vida dos integrantes, que no presente estudo são crianças e adolescentes, e a obtenção dos símbolos e significados, a pesquisadora realizou uma entrevista semiestruturadas com o representante do projeto e uma anamnese com os integrantes. Além da entrevista semiestruturada com as crianças e adolescentes, cujo objeto é obter informações mais gerais dos participantes em questão, a principal atividade realizada foi a de colagem.

A atividade central do estudo, a colagem, teve o objetivo de permitir a amplificação simbólica e assim permitir um acesso mais profundo e pessoal dos participantes. Os instrumentos utilizados para a atividade foram pensados de forma cautelosa e que de alguma forma se relacionassem com o surfe, o ambiente que é inserido e as relações pessoais que cada indivíduo estabelece com ele.

Na primeira etapa da atividade com as crianças e adolescentes, a pesquisadora se apresentou como estudante do último ano da faculdade de psicologia na Pontifícia Universidade Católica em São Paulo. Informou a cada participante que o seu estudo busca compreender os efeitos que o surfe tem na vida de cada um, e para

conhecê-los melhor realizaria algumas perguntas iniciais e gerais, como ponto de partida, para depois começar a atividade central, a de colagem.

As perguntas que orientaram a primeira etapa da atividade foram: nome; idade; escolaridade; onde e com quem mora; profissão dos pais; idade e gênero dos irmãos; o que faz no fim de semana (como é um sábado, que horas acorda, o que costuma fazer, o que mais gosta de fazer); o que faz durante a semana (pensar em um dia qualquer e falar da rotina); como que começou a surfar; outros esportes praticados; há quanto tempo pratica o surfe; quem apresentou o surfe; se algum parente surfa ou amigo; o surfe costuma ser acompanhado ou sozinho e qual das opções prefere; se demorou para aprender a surfar; como que se sente quando está surfando; maior dificuldade no surfe; alguém que admira no surfe e que tenha contato e o que mais admira; um ídolo no surfe (desde quando, se acompanha a trajetória, o que admira na pessoa, se pudesse fazer um pedido para ele/ela qual seria); se imagina praticar o surfe no futuro.

Na etapa da colagem, a pesquisadora levou os seguintes instrumentos: 10 cartolinas brancas 50cm x 66cm; uma caixa de lápis de cor com 18 cores disponíveis; 3 unidades de folha poli escolar cor marrom 90cm x 100 cm (folha que imita plástico, brilhante e transparente); 8 unidades de papel crepom de 48cm x 2m sendo que cada unidade tinha uma cor específica (roxo, rosa choque, vermelho, amarelo canário, amarelo gema, verde bandeira, azul piscina e azul celeste); 6 unidades de tinta guache com 15 ml cada sendo que cada unidade tinha uma cor específica (vermelho, branco, preto, azul, amarelo e verde); 6 unidades de cola glitter com 23g cada sendo que cada unidade tinha uma cor específica (transparente, verde, vermelho, azul, prata e amarelo); 3 pacotes de fecho colorido, cada um com 100 unidades 11cm x 4mm sendo que cada pacote tinha uma cor específica (prata, vermelho e dourado); 1 tufo de algodão; 1 apontador; 1 cola pritt de 35g; 1 cola em bastão 21g; 1 tesoura; 2 pincel chato reto; 6 potes de estrelinha metalizada de 2g cada sendo que cada um tinha uma cor específica (vermelho, azul, verde, amarelo, prata e branco).

A seguir, as quatro crianças e os conteúdos por elas compartilhados serão apresentadas na seguinte ordem: **M.**; **D.**; **J.**; **I.**. A letra **E.** será utilizada para representar a fala da pesquisadora e a letra **T.** refere-se ao representante e professor do Instituto. Primeiro será apresentado o conteúdo relevante para o estudo, selecionado pela pesquisadora, e depois será feita uma análise a partir dos conceitos da Psicologia Analítica. Após a apresentação e análise de cada criança, será feita

uma síntese com o objetivo de aproximar, relacionar e diferenciar os conteúdos trazidos por cada participante.

## **M.**

**M.** é uma menina que se mostrou desde o início aberta, participativa e curiosa para a atividade. Possui 12 anos e foi a primeira a se voluntariar para realizar a colagem. O vínculo da participante com a pesquisadora foi criado desde o início. Aparentou estar muito relaxada quando conversou sobre sua vida e sua relação com o surfe com a pesquisadora. Em todo momento se mostrou aberta ao falar de todos os assuntos, incluindo a esfera familiar, a esfera das relações sociais, os seus interesses e suas emoções. A duração da primeira etapa da atividade, em que foi realizada uma conversa para obtenção de informações iniciais, durou aproximadamente doze minutos. Já a segunda etapa, a da colagem, foi realizada em aproximadamente trinta minutos e a conversa sobre a obra final também durou aproximadamente doze minutos.

Para a análise da colagem, a pesquisadora primeiro transcreveu tudo o que foi gravado nas duas etapas do trabalho. Posteriormente, selecionou e separou os elementos presentes na obra de **M.**. A pesquisadora primeiro colocou como foi apresentado cada elemento e o que a entrevistada falou sobre cada um, revisando as duas etapas do trabalho que falou sobre si e sobre a sua colagem. Tudo o que foi dito com as próprias palavras da entrevistada foi colocado em itálico. Por fim, foi feita uma análise de tudo aquilo que foi relevante para o estudo, realizando associações com conceitos teóricos, para uma compreensão mais efetiva de tudo que foi compartilhado e para poder assim retomar o objetivo do trabalho. No final da análise terá a imagem da colagem realizada.

### Análise da colagem

Em seu cotidiano, tanto o mar como o surfe estão muito presentes. Segundo ela, sua família sempre foi da praia. Todas às terças e quintas tem aula de surfe no

IEE<sup>1</sup> e sempre quando tem onda e pode, vai surfar. Sua rotina foi retratada bem movimentada e com muito esporte envolvido. No total pratica cinco esportes ao longo da semana: dança, futebol, jiu jitsu, academia e surfe. Revela que ama se exercitar, gosta de estar em liderança e se imagina sendo professora de educação física no futuro, uma vez que ama praticar exercícios físicos e ensinar.

No que diz respeito ao surfe, apesar da sua família ser voltada para a praia e seus irmãos e primos surfarem, o primeiro contato com o surfe se deu devido um amigo de seu irmão que a chamou para surfar.

**M.** - *Na hora que eu subi em cima da prancha eu me apaixonei, eu já surfava, mas não era um surf porque era de bodyboard<sup>2</sup>, era só mais pra brincar, aí eu entrei e nunca mais saí.*

Desde o início de sua prática, começou a frequentar o IEE. Cita que sua evolução no esporte foi rápida e que já faz dois anos que pratica o surfe. No que diz respeito ao ambiente envolvido, **M.** revela não gostar de surfar sozinha.

**M.** - *Eu não gosto muito de surfar sozinha porque agora que eu comecei a aprender a ler as ondas, a correnteza tudo me dá muito medo ainda, eu fico muito presa na hora de olhar para o mar, então eu prefiro surfar com alguém que sabe por que quando eu vou surfar sozinha, só com os meus pais, sem mais ninguém, eu procuro ver onde tem mais gente surfando.*

No que diz respeito a sua maior dificuldade na prática é a remada. Revela que por não ter muitos músculos, isso é dificultado. Em decorrência dessa dificuldade, muitas vezes se sente com raiva e brava.

Em torno dos seus ídolos no surfe, compartilha que na esfera de surfistas famosos admira Gabriel Medina, Ítalo Ferreira e Filipe Toledo, surfistas profissionais presentes na elite do Circuito Mundial de Surfe<sup>3</sup> e a Sophia Medina, irmã de Gabriel. **M.** revela que se pudesse falar algo para essas pessoas, pediria para não pararem, e

---

<sup>1</sup> Instituto Esporte e Educação

<sup>2</sup> É uma modalidade do surfe em que o surfista utiliza a prancha de bodyboard para surfar as ondas

<sup>3</sup> Competição internacional de surfe profissional

a partir disso diz que é muito bom trabalhar com o que gosta, porque também pode se divertir. Admira a capacidade que eles possuem de chegar aonde chegaram, compreendendo que existem muitas dificuldades na trajetória do surfe profissional. Fora do mundo de surfistas profissionais, admira os professores de surfe presentes em sua vida e a mãe de uma amiga que surfa, que possuem vontade de entrar na água e surfar.

Ao representar o mar e os elementos do mar na cartolina, **M.** pinta o mar de azul com tinta guache, por meio de um pincel que foi fornecido durante a atividade e com pinceladas não uniformes. No fundo desse mar foram colocadas estrelas prateadas. Também no mar ela desenhou com lápis alguns traços representando movimentos de ondas, além de ter colado duas ondas que estão sendo surfadas por dois surfistas.

O mar para **M.** foi caracterizado como um mar mexido<sup>4</sup>, o pintou com tinta guache azul em que o pincel trouxe o mar movimentado e ainda desenhou com lápis preto alguns movimentos sobre o mar. O mar mexido que representou proporcionou ondas para serem surfadas e revela que gosta de um mar mexido.

**M.** - *Aqui é pra representar um mar mexido, tipo quando as ondas levantam assim sabe?*

**E.** - *E um mar mexido é um mar que você gosta de estar?*

**M.** - *Depende, quando as ondas são gordas eu gosto porque é mais fácil pra mim pegar, mas eu gosto de um mar mexido.*

O mar mexido que está proporcionando ondas para o surfe foi descrito como um mar a ser partilhado entre surfistas. Os dois surfistas que estão sobre as ondas, Larissa e Roberto, estão compartilhando uma mesma onda. **M.** revela que apesar de na colagem parecer que a surfista está rabeando<sup>5</sup> o surfista, na verdade, está

---

<sup>4</sup> Um mar com ondas que não estão bem definidas.

<sup>5</sup> Rabear é um termo utilizado quando um surfista entra em uma onda que não tinha prioridade. A prioridade é definida pelo posicionamento do surfista na onda. O surfista que possui o melhor posicionamento para surfar determinada onda, é o que tem a prioridade.

compartilhando e, enquanto um está indo para a direita<sup>6</sup>, outro está indo para a esquerda da onda.

Ao falar do mar e do surfe, revela que sente uma conexão com o mar, quando está em uma onda só pensa naquilo, pensa apenas em estar no mar. Fala que ao estar nele conversa com Iemanjá, rainha dos mares, e pede que ela traga onda. Diz se sentir leve ao estar surfando uma onda “*como se tivesse só eu e o mar, o mar e eu*”.

**M.** - *Quando eu to surfando eu me sinto leve, como se o mundo tivesse só eu e o mar e o mar eu, eu gosto muito de falar, é brincar com a Iemanjá, né, rainha dos mares, aí ‘Iemanjá manda onda’, tudo pra mim é tipo, tem meus amigos tal eu converso, mas se eu to em uma onda eu só penso naquilo em mais nada, não importa horário nada, só aquilo, só aquilo, eu tá no mar.*

Representou um mar cristalino, em que as estrelas do mar podem ser vistas e que fotos podem ser tiradas. Em contrapartida foi questionado a criança como se sentiria com um mar com água turva, em que nada pode ser visto. Ela disse não gostar, pois não consegue ver nada que tem na água.

**M.** - *Não gosto de surfar, tenho um pouco de receio porque pode aparecer um bicho e eu não ver porque a água tá mais escura. Mas quando a água tá assim tem onda boa e quando a água tá boa eu caio na água.*

Coloca em seu mar elementos como estrelas do mar e águas vivas. A água viva é também representada pela figura da estrela do mar, portanto, ambos estão representados como estrelas no fundo do mar que pintou sobre a cartolina. Quando questionada sobre o seu interesse sobre ambos animais diz gostar de ambos convivendo no mar. **M.** revela que se fosse pra ser um desses animais seria uma água viva, e ao descrever o animal, o caracteriza com uma personalidade ciumenta.

---

<sup>6</sup> No mundo do surfe, as ondas normalmente são classificadas em direitas ou esquerdas, apesar de poderem abrir para os dois lados, como no caso da colagem. Uma direita é uma onda que abre e pode ser surfada para o lado direito, enquanto uma esquerda, para o lado esquerdo.

**M.** - *A água viva assim, se fosse pra definir uma personalidade seria ciumenta, mas não ciumenta das pessoas, mas ciumenta por estar no lugar dela, por isso que ela pega as pessoas e machuca as pessoas, é tipo um tubarão, ele acha que você tá invadindo o espaço dele e vai lá e agarra a sua perna.*

No entanto, revela que há mais estrelas do que águas vivas no mar. Já o seu interesse a respeito das estrelas do mar diz respeito a sua identificação com um personagem - Patrick - do desenho animado Bob Esponja. Neste desenho, animais marinhos e não marinhos convivem no fundo do mar. Patrick é uma estrela do mar: segundo **M.**, o personagem é extrovertido, procura animar todo mundo quando estão tristes e diz se identificar com ele.

Além do mar e dos elementos que o constituem, **M.** colocou em sua colagem outros componentes da natureza que estruturam o seu cenário como: nuvens desenhadas com lápis espalhadas na parte superior da folha, um sol pequeno e direcionado mais à direita da cartolina, uma rocha pintada de marrom no canto direito da folha e a areia representada por recortes de papel crepom amarelo na base da cartolina.

Segundo **M.**, ao representar a areia, gostaria de fazer algo diferente e utilizar o papel crepom. **M.** em sua fala também revela um conhecimento sobre a influência que a bancada de areia existente no fundo do mar exerce na formação das ondas

**M.** - *Da oito para o canto são as melhores ondas, da oito pra barrinha (mais para o canto esquerdo da praia) não são tantas, porque tem muita enchente, aí a bancada deu uma arruinada.*

Já a pedra que pintou no papel, diz que representa a pedra presente no canto direito da praia de Maresias, local chamado de “Canto do Moreira”. Relata que as pedras presentes no Canto do Moreira servem de referência para a prática do surfe. São importantes para se saber onde o surfista vai surfar, em que local do mar irá entrar. A pesquisadora questiona a importância do ponto de referência:

**E.** - *É bom ter um ponto de referência?*

**M.** - *Ótimo, pra você saber onde tá o pico, pra ver qual lugar você vai entrar, porque muito acontece isso, que tipo, a pessoa não sabe onde é o pico, não sabe onde fica a correnteza e fica atrapalhando as ondas dos outros e isso é chato.*

O ponto de referência também auxilia na comunicação de M. com seu professor de surfe, para assim saber para que lado da onda surfar (o surfista sempre se direciona para o sentido *em que a onda irá abrir, que pode ser direita ou esquerda*):

**M.** - *Como ponto de referência ele sempre fala “essa onda vai abrir pro canto do Moreira, essa onda vai abrir pra barra, então eu usei essas pedras como ponto de referência da onde as ondas vão abrir”*

M. representa um clima ensolarado, que apesar de ter nuvens, o sol está mais próximo do canto direito da folha, pois segundo ela está mais próximo para uma hora da tarde. Segundo ela:

**M.** - *Tá bem ensolarado, o sol mais ou menos de meio dia pra uma hora, um mar cristalino, tanto que dá pra ver as estrelas, um dia perfeito, vento perfeito, ótimo, não tem muito vento nem pouco vento, igual tá aqui.*

Além dos elementos da natureza, foram colocadas cinco figuras humanas no cenário de **M.**. Quatro figuras humanas são surfistas profissionais: Chloé Calmon (surfista profissional de longboard), Tatiana Weston-Webb (surfista profissional de pranchinha), Ítalo Ferreira (surfista profissional de pranchinha) e Gabriel Medina (surfista profissional de pranchinha). Outra figura humana colocada na colagem é um personagem do filme da Disney, “Luca”. Esse personagem foi nomeado por **M.** como Roberto. A única surfista profissional que não foi identificada como profissional pela participante foi Chloé Calmon, nomeada de Larissa pela criança.

No que diz respeito aos surfistas amadores, localizados no canto esquerdo da folha, **M.** relata que Larissa está ensinando o Roberto a surfar, pois é a primeira vez que ele está deslizando sobre as ondas em uma prancha de surfe. Foi revelado uma felicidade compartilhada por Larissa e pelo iniciante, apesar dele estar com medo do mar e nervoso por precisar se equilibrar na prancha. Segundo **M.**, eles estão dividindo a mesma onda, enquanto o menino surfa a onda para direita, a menina surfa para esquerda.

Já em relação aos surfistas profissionais, colocados no canto direito da folha e na areia, **M.** relata que Gabriel Medina, local de Maresias, chamou os outros surfistas, Tatiana Weston-Webb e Ítalo Ferreira, para surfarem juntos em sua terra natal. No entanto, esses surfistas estão indo para outro local surfar, um pouco mais distante do Canto do Moreira, na entrada 8 <sup>7</sup> da praia, pois de acordo com **M.**, as condições do mar estão melhores para a prática do esporte.

A cor que foi utilizada por **M.** para representar o mar foi o azul, carregado e forte. O azul é a mais profunda das cores. “Nele o olhar mergulha sem encontrar qualquer obstáculo, perdendo-se até o infinito, como diante de uma perpétua fuga da cor” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 107). A sua profundidade pode evocar a ideia de morte. É a cor que pode representar o “caminho do infinito em que o real se transforma em imaginário” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 107). O imaginário aqui utilizado, para a pesquisadora, refere-se ao mundo interno inconsciente e o real referindo-se ao mundo externo, o mundo do concreto. Para os egípcios o azul é a cor da verdade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001).

A luz da psicologia analítica, o azul, podendo simbolizar a cor da verdade, pode ser interpretado como sendo uma cor que se aproxima de conteúdos que compõem parte do si mesmo da pessoa, referentes ao mundo interno do indivíduo, o inconsciente. A escolha da cor azul, forte e carregada, por **M.** pode ressaltar a presença do inconsciente em sua colagem (CHEVALIER; GHEERBRANT; 2001).

A respeito do mar, esse elemento da natureza pode simbolizar a dinâmica da vida, em que nascimentos, renascimentos, transformações, a vida e a morte fazem parte. “Tudo sai do mar e tudo retorna a ele” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 592). No mar, as águas estão em movimento, ora o mar está agitado, ora está calmo, podendo simbolizar um estado transitório, como no senso comum “um mar de possibilidades”, que pode ser associado à incerteza, dúvida, indecisão, ambivalência (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001).

Assim como o mar, a própria psique dinâmica é transitória. O sujeito transita entre emoções, sentimentos e afetos. A relação que **M.** apresenta com o mar também é transitória, existem momentos em que está feliz, conseguindo surfar suas ondas, e

---

<sup>7</sup> Em Maresias, para acessar a praia existem várias entradas com numerações.

momentos que está com raiva porque sua força nos braços não é suficiente para que possa entrar na onda. Momentos que quer compartilhar uma onda e ensinar uma pessoa, visto na representação que faz de Larissa e Roberto, em que Larissa ensina Roberto a surfar e surfam a mesma onda. No entanto, tem momentos que **M.** marca um aspecto mais individual do esporte, em que o surfista quer surfar uma onda sozinho sem ser atrapalhado. Ela compartilha desse incômodo ao falar que alguns praticantes do esporte, por não saberem onde entrar no mar e entrarem no lugar errado, atrapalham a onda de um outro surfista.

O mar pode simbolizar o inconsciente, a “região submarina como símbolo do subconsciente é muito visto nos mitos em que os heróis navegam sobre a superfície e estão expostos aos perigos da vida simbolizados pelos monstros presentes na profundidade das águas” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 21). Ao mesmo tempo que ele dá vida, também pode tirá-la. “Os antigos, gregos e romanos, ofereciam ao mar sacrifícios de cavalos e de touros, eles próprios símbolos da fecundidade. Mas surgiam monstros das profundezas, a imagem do subconsciente, fonte também de correntes que podiam ser mortais ou vivificadoras.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 593). **M.** reconhece o caráter destrutivo do mar e entra em contato com o medo, ao surfar sozinha e quando a água do mar está turva. O aspecto turvo da água do mar a amedronta porque não consegue ver, discriminar o que está ali. Os aspectos que não são conhecidos por nossa consciência também podem ser assustadores e possuir um caráter destrutivo quando não bem integrados pelo ego. No entanto, entrar em contato com esses conteúdos é importante para o conhecimento de si, e por isso também possui o seu caráter vivificador.

O mar, entre os místicos, também simboliza o mundo e o coração humano, enquanto lugar das paixões (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). É no mar que **M.** se apaixona ao surfar, que diz se sentir leve, imersa dentro dele, conectada, feliz. É o lugar em que pode fazer o que ama, movimentar o seu corpo, exercitá-lo e deslizar sobre as ondas. Conectando-se e integrando-se ao mar, também se conecta consigo mesma, ampliando o seu espaço de consciência e aproximando-se de quem realmente é, do seu Self. A paixão é vista em sua colagem, em que os surfistas nas ondas estão felizes, surfando e compartilhando essa felicidade. O amor por ensinar citado por **M.**, é observado na surfista Larissa, que ensina o garoto iniciante a surfar e pegar a sua primeira onda.

O mar é como música; traz em si e faz aflorar todos os sonhos da alma. A beleza e a magnificência do mar provêm do fato de impelir-nos a descer nas profundezas fecundas da nossa alma, onde nos defrontamos conosco, recriando-nos, animando o “triste deserto do mar” (JUNG, 2021, p. 359).

Ainda sobre o mar, é dele que as ondas emergem, em diferentes formas e tamanhos, ora tubulares, ora cheias, ora grandes, ora pequenas.

Nas lendas gregas, as Nereidas, netas do Oceano, personificam as inúmeras ondas do mar. Eram de grande beleza e passavam o tempo a fiar, tecer, cantar, nadar com golfinhos, com suas cabeleiras a flutuar. Outro tanto de ações e imagens que podem ser atribuídas às ondas, que fazem e desfazem, incessantemente os seus líquidos bordados ao som de uma música sonora e grave (STRIEDER, 2019, p. 658).

As ondas podem simbolizar a atitude daquele que se deixa levar. Também podem simbolizar irrupções do inconsciente que atingem o ego e que podem ter tanto um caráter construtivo como um caráter destruidor. Na Bíblia, as ondas muitas vezes são representadas como perigos mortais no aspecto físico ou moral (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Em sua colagem, **M.** colocou ondas que são surfadas por uma surfista experiente e por um surfista iniciante. Ambos evidenciam a atitude de se deixar levar pelas ondas e ficam felizes por esse feito. Associando as ondas do mar como manifestações do inconsciente na consciência, é observado o caráter construtivo que existe quando ocorre uma integração entre consciência e inconsciente de forma saudável. Como visto na colagem, essa integração resulta na felicidade dos personagens. Acessar aspectos de si são importantes para abrigar a totalidade do ser e se aproximar do seu mais verdadeiro e autêntico si mesmo. Além disso, esse acesso de si é propiciado por meio do surfe. No entanto, como dito anteriormente, as ondas podem ser violentas e podem assustar surfistas iniciantes, assim como o surgimento de conteúdos inconscientes na consciência, que podem ser perturbadores para a consciência tanto por seu conteúdo, quanto pela forma como emergem.

Ao falar do mar e a partir do que foi compartilhado por **M.** na primeira etapa da atividade, é possível ver a sensibilidade à natureza muito presente em sua vida como um todo. Em sua casa possui vários animais e a prática do surfe envolve um contato direto e intenso com a natureza. Em relação ao surfe, a participante compartilha que quando vai surfar se sente leve, como se tivesse apenas ela e o mar. Ao falar de sua conexão com o mar, **M.** revela que ao surfar, sente apenas a sua presença e de mais ninguém. Nesta conexão, experiencia diversas emoções ao praticar o esporte como o

medo, ao enfrentar uma correnteza, a felicidade e a paixão ao estar no mar e o ódio, ao não surfar da maneira que gostaria.

Os arquétipos anima e animus são existentes na psique humana e são uma forma vital básica que impacta os indivíduos e as sociedades. É por meio dessas estruturas psíquicas que os seres humanos atingem as profundezas do seu inconsciente e se adaptam às exigências e necessidades dos sentimentos, imagens, emoções e pensamentos intuitivos com quem o ego se depara. Anima e animus dizem respeito ao feminino e masculino presente em todos os seres humanos (STEIN, 2000).

Acerca do arquétipo anima, ele“(...) contém as características que são tipicamente identificadas como femininas nessa cultura” (STEIN, 2000, p. 125). É importante lembrar que o gênero não está sendo tratado ao falar desse arquétipo, pois ele está presente em todos os seres humanos. Observada em padrões de comportamento, a anima representa os impulsos relacionados à vida. Tais impulsos se direcionam para uma conexão instintiva com outras pessoas e para o envolvimento, identificada e personificada como entidade feminina. Vista nas emoções, a anima é um arquétipo ligado a aspirações emocionais dos amores e rancores, medos, ansiedades, inflações, depressões, estados de espírito. Ela representa a sensibilidade à natureza. Como imagem, representa o feminino eterno assumindo forma em quatro tipos de feminino: Mãe, Hetaira, Amazonas e Medium. (JUNG, 1964; WHITMONT, 2010).

Ela aparece como a deusa da natureza, *Dea Natura*, e a Grande Deusa da Lua e da Terra que é mãe, irmã, amada, destruidora, bela feiticeira, bruxa feia, vida e morte, tudo em uma só pessoa ou em aspectos diferentes da pessoa; portanto, ela surge em inúmeras imagens de figuras femininas encantadoras, assustadoras, amigáveis, úteis ou perigosas, ou até mesmo em figuras de animais, como já vimos - principalmente como gato, cobra, cavalo, vaca, pomba, coruja -, que a mitologia atribui a certas divindades femininas. Ela aparece como sedutora, prostituta, ninfa, musa, santa, mártir, donzela aflita, cigana, camponesa, a vizinha do lado, ou como a Rainha do Paraíso, a Santa Virgem, para mencionar apenas alguns exemplos (WHITMONT, 2010, p. 168).

Ainda sobre a conexão com o mar, M. cita a orixá Iemanjá à pesquisadora. Ao entrar no mar, pede a ela licença e ondas. Conhecida como rainha dos mares, ela pode ser compreendida através do arquétipo da Grande Mãe. Muito cultuada no Brasil, a orixá é configuração de um mito vivo e sua história passou por algumas

transformações por conta da colonização. Na Umbanda lemanjá simboliza a maternidade, é quem multiplica a vida no mar, a sua morada. Para os umbandistas, a água marinha simboliza um local de purificação e limpeza do corpo e da alma, uma forma de proteção contra “vibrações negativas” e “forças do mal”. Essa orixá é muito cultuada nas águas do mar em que os adeptos oferecem presentes e pedem proteção. Uma das versões da narrativa de sua vida é contada pela autora Nina Rodrigues (VILELLA, 2020):

lemanjá nasce da união de Obatalá, o céu, e Odudua, a terra. Da união deles nascem dois filhos: Aganjú, a terra firme, e lemanjá, as águas. lemanjá casa-se com seu irmão Aganjú e dá à luz a um filho chamado Orungan. Seu nome quer dizer Orun, céu, e gan, no alto do céu. E quer significar o espaço entre o céu e a terra. Orungan apaixonou-se por sua mãe lemanjá, mas ela não dá ouvidos a essa paixão, Orungan aproveita a ausência do pai, persegue e viola sua mãe. Após o ato, lemanjá tenta fugir e Orungan tenta convencê-la que ninguém precisa saber o ocorrido e que ela pode permanecer com os dois, pois ele não pode viver sem ela. Ela rejeita tal proposta e o trata com desprezo e continua a correr. Orungan se aproxima e quando está prestes a alcançá-la ela cai de costas no chão. Imediatamente seu corpo começa a inchar, dos seus seios brotam duas torrentes de água, e seu ventre arrebenta. Das duas torrentes nascem uma laguna e do seu ventre nascem alguns dos orixás. Em memória desse acontecimento teria sido criada a cidade de Ifé (inchação, dilatação). Ifé se tornou assim a cidade sagrada dos Iorubás (VILELLA, 2020, p. 1).

Outra versão da narrativa é contada por Pierre Fatumbi Verger:

lemanjá (“Yemoja” em iorubá) é na África, “o orixá dos Egba”. lemanjá era filha de OlóòKun, deus do mar. Numa história de Ifá, ela aparece casada a primeira vez com Orunmilá, senhor das adivinhações, depois com Olofin rei de Ifé. Com o qual teve 10 filhos, cujos nomes correspondem a vários orixás. lemanjá foge de Ifé. Seu pai numa outra ocasião teria lhe dado uma garrafa com um líquido dentro e a instruído que se estivesse em perigo deveria quebrá-la no chão. Olofin manda seu exército atrás de lemanjá e esta, vendo-se cercada, não se rende e quebra a garrafa sendo conduzida imediatamente a Ókun, o oceano, lugar de residência de seu pai (VILELLA, 2020, p. 1).

A Rainha dos Mares, dá a luz a vários orixás, é fonte de vida, pois ela é o mar. Ela protege e isso é evidenciado nos cultos feitos a essa orixá, em que as filhas de lemanjá, pescadores, pedem proteção ao realizar as oferendas. Como Rainha dos Mares, pode também ser interpretada como rainha do inconsciente, uma vez que o mar pode simbolizar o inconsciente. Possui também o caráter de uma mãe terrível, vingativa, que seduz e devora, podendo ser a mãe da morte (VILELLA, 2020).

Na figura de lemanjá é possível observar a manifestação do arquétipo da Grande Mãe. Este arquétipo diz respeito: ao maternal, à sabedoria e à elevação

espiritual que ultrapassa o intelecto, à autoridade mágica do feminino, à proteção, ao que é bom, ao que é paciente, o que sustenta, que favorece o crescimento, à nutrição, a fecundidade, ao renascimento e ao lugar de transformação mágica. No entanto, como todo o arquétipo, também possui um caráter disruptivo, destruidor, como aquilo que: devora, seduz, envenena e provoca angústia. Pode remeter a um lugar escondido, secreto, obscuro, o mundo dos mortos, o abismo (VILELLA, 2020). O mar e a rainha que o rege são marcados por uma ambivalência, com caráter destrutivo, mas também integrador, devora, mas também acolhe e nutre. **M.** revela o conhecimento dessa ambivalência, ao demonstrar respeito ao entrar no mar, pedindo licença a lemanjá e sabendo que ao entrar nele pode tanto usufruir das suas ondas, como enfrentar a sua fúria nas condições adversas.

Como um dos componentes do mar, **M.** insere águas vivas, representadas como estrelas prateadas. A água viva é um animal que, a partir do seu nome e do seu modo de ser, pode ser pensado como fonte de vida, sensual, feminino, maternal, mas também pode ser destruidor e fonte de morte. A sua própria estética lembra o elemento água, mas a sua ação de defesa frente ao perigo é por meio da queimadura devido às toxinas que solta ao entrar em contato com um outro corpo e assim remetendo ao fogo. A água é o oposto do fogo. Ela é fonte de vida, força e pureza no plano espiritual e corporal. Pode simbolizar a fertilidade, a sabedoria, o feminino e o maternal. Também possui um caráter destruidor. Além disso, pode simbolizar as energias inconscientes, de tudo aquilo que é desconhecido pela consciência (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001).

A hipótese criada pela pesquisadora acerca da água viva retratada por **M.**, é que o animal pode representar capacidade de **M.** defender-se usando o seu aspecto agressivo. Assim como a água viva, ela é capaz de soltar as suas toxinas e marcar o seu território quando se sente ameaçada e invadida. No entanto, ela também evidencia um lado que se aproxima da coletividade, visto ao compartilhar o espaço com a estrela do mar e com os outros seres que estão na água.

Além das águas vivas, **M.** insere estrelas do mar em sua colagem. A estrela pode simbolizar fonte de luz. “Na glíptica maia, as estrelas são muitas vezes representadas como olhos, de onde brotam raios de luz” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 405). Os raios de luz de uma estrela se expandem no

espaço, assim como as estrelas do mar que possuem “braços” esticados e apontados para direções diferentes. A estrela parece iluminar um modo de ser de **M.**, que é expansivo e extrovertido, e que possui uma facilidade de se relacionar. Além disso, a menina revela ser a figura que anima o grupo, retomando um aspecto da estrela de iluminar lugares e de se expandir.

Ao falar de seu modo de ser, é possível interpretar que a disposição egóica de **M.** tende para a extroversão. Segundo Jung, o ego pode orientar-se por duas disposições ou atitudes: extroversão ou introversão. Essas atitudes dizem respeito a uma tendência, a um modo de se relacionar com o mundo, interno e externo, mas ambas atitudes estão presentes nos indivíduos. Tal tendência é influenciada pelo contexto sociocultural em que um indivíduo se encontra e, portanto, se a cultura que um indivíduo está inserido valoriza mais a extroversão, o seu ego adapta-se, desenvolvendo mais esse tipo psicológico. Em uma pessoa que tende para o tipo psicológico introversão, a consciência tende a ser mais voltada para o mundo interior, apresentando-se como uma figura mais tímida, com interesses mais solitários. Em contrapartida, em uma pessoa do tipo extroversão, a consciência tende a ser dirigida para objetos externos e possui uma maior facilidade de socialização, com maior facilidade para se enturmar (STEIN, 2000; WHITMONT, 2010).

A água viva e a estrela do mar podem representar simbolicamente aspectos da psique inconsciente e consciente, respectivamente. **M.** revela que acha interessante a convivência de ambos os animais dentro do mar. Mesmo marcados por diferenças, assim como o inconsciente e a consciência, eles coexistem. Neste aspecto, é possível pensar sobre o arquétipo da alteridade, que contempla o eu e o outro, levando em conta as diferenças (VERGUEIRO, 2009). A água viva, a estrela do mar, e até os surfistas que estão na água, convivem no mesmo ambiente mesmo com diferenças marcantes entre eles. Da mesma forma, é possível existir uma dinâmica psíquica saudável em que o inconsciente e a consciência coexistem, se distanciando de uma unilateralidade por meio da atitude compensatória do inconsciente. Quando uma pessoa é mais extrovertida, como é o caso de **M.**, o seu inconsciente atuará de forma oposta à consciência, direcionando-se para introversão. Assim como a água viva em uma situação de ameaça, o inconsciente se manifesta para a manutenção da regulação psíquica.

Outro elemento da natureza colocado na base da cartolina foi a areia. Em algumas cerimônias xintoístas os grãos de areia representam a chuva, um simbolismo de abundância. A areia é penetrável e abraça as formas que a ela se moldam e símbolo de matriz de útero (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Representada na colagem foi colocada na base do papel, com crepom amarelo recortado, com um espaçamento entre os recortes evidenciando o branco da cartolina. A areia de **M.** é marcante e ocupa toda a base do papel na horizontal e cerca de um terço do espaçamento em altura. O oceano e a formação das ondas são influenciados fortemente pelo fundo do mar, pela bancada, que pode ser de: areia, pedra ou recife. Na praia em questão, o fundo é de areia, e como a própria **M.** compartilha, se a bancada de areia no fundo do mar não está boa, isso influenciará na formação das ondas e assim na qualidade das condições para o surfe.

Da mesma forma que a areia é uma base que influencia as ondas, o ser humano possui também uma base, uma estrutura que influencia o seu desenvolvimento. Associando a simbologia da areia com o Self e o seu papel central na psique, ele pode ser compreendido como um útero que proporciona o desdobramento da vida psíquica. A psique do ser humano, em sua totalidade, é composta pelo inconsciente, coletivo e individual, e a consciência. O centro regulador dessa totalidade é o Self e é ele que proporciona uma estrutura, “uma terra fértil” para o desenvolvimento do ser no mundo. A forma que a esfera inconsciente e a esfera consciente dialogam uma com a outra irá depender desse centro regulador. No cenário elaborado por **M.**, a areia chama atenção pela forma que se dispõem e sua cor, dando a impressão para a pesquisadora de um componente importante da colagem. Na fala da participante, ela revela a importância da areia para a formação das ondas e a prática do esporte. Se relacionada ao Self, é possível criar a hipótese de um self estruturado de **M.**, que proporciona o seu desenvolvimento saudável, lhe dando uma perspectiva de futuro e permitindo se aventurar pela vida por meio dos esportes, das relações sociais.

A cor amarela está presente no sol e na areia na colagem de **M.**. Na cosmologia mexicana atrela-se o amarelo ao mistério da renovação, uma vez que, no início da estação das chuvas, antes que o verde surja, o amarelo é evidenciado, como se fosse a cor da pele nova da terra. Essa cor também está associada à terra fértil na China, ao ponto de ser utilizada no quarto nupcial de um casal para assegurar a fertilidade. O amarelo também pode ser anunciador do declínio, da velhice e da aproximação da

morte. A pele fica amarelada quando a morte se aproxima, assim como a terra, ao perder o seu manto de verdura (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001).

Além de ser a cor que mais se aproxima da cor da areia, o seu uso pode ser interpretado como a manifestação de um impulso de vida, atrelando-se à ideia de terra fértil e renovação, que implica no ciclo da vida em que o nascimento e a morte estão presentes. A dinâmica psíquica, organizada pelo Self, que pode ser representado pela areia, é marcada por um movimento de transformação e renovação. Para a ampliação da consciência e assim a continuidade do processo de individuação, a morte simbólica é necessária para a transformação e o renascimento. Em momentos de transição, como a passagem da infância para a adolescência, uma parte da infância precisa morrer para se transformar e permitir a chegada da adolescência. Esse ciclo de vida-morte-vida, marcado por um movimento de transformação, é visto na natureza, no mar, na areia, que transbordam vida por meio da morte e do renascimento.

O sol é um elemento da natureza possui sua contradição, pois ao mesmo tempo que dá a vida, é fecundador, fonte de luz e calor, ele também tem o seu caráter destruidor, pode queimar, ser fonte de seca e se opor às chuvas, matar. Pode simbolizar a ressurreição e a imortalidade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Em sua colagem, **M.** procurou representar um dia ensolarado, com condições nas quais gosta de surfar, podendo indicar que a simbologia do sol pode estar atrelada ao sol como fonte de vida, fecundador, que agrega luz ao cenário. A posição em que foi colocado no papel, segundo a participante, indica um horário próximo do meio-dia. O maior pico dos raios solares ocorre por volta desse horário, com uma intensidade maior da luz e pode representar uma grande potencialidade de desenvolvimento e de vida de **M.**

Outro elemento da colagem é a pedra presente no canto direito do papel. Ela traz a solidez, que se equilibra e se contrapõe com o resto do cenário composto pela fluidez do mar e da areia. Ao pensar na simbologia da pedra, ela pode ocupar um lugar de distinção. Na tradição bíblica a pedra pode simbolizar a sabedoria e é frequentemente associada à água. Possui três virtudes, segundo Hildegarda de Bingen: a umidade, que a impede de se dissolver, a palpabilidade, que permite ser tocada, e o fogo, presente dentro de si, que a torna quente e possibilita a sua dureza (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). A pedra, segundo **M.**, representa as pedras do Canto do Moreira, que são utilizadas como ponto de referência. Ela pode representar aquilo que é mais palpável e que pode ser observado e conhecido, situando-se na

esfera da consciência. Ter algo concreto em sua vida que parece lhe dar um sentimento de segurança, em que permite saber o caminho que gostaria de seguir dentro e fora do mar.

A respeito das figuras humanas, dois surfistas amadores estão representados na colagem. A surfista Larissa é uma figura central no cenário e é fonte de sabedoria, coletividade e ensino. Ela está familiarizada com o mar e possui mais experiência que o garoto com quem compartilha a onda, mas mesmo assim procura ajudá-lo e ensiná-lo a deslizar sobre as ondas. A partir disso, é observado um senso de coletividade e de cuidado por parte da surfista. Ela possui um papel importante de ajudar o outro a lidar com suas emoções como o medo frente ao novo e a um ambiente que não se tem controle.

Na primeira etapa da atividade, **M.** revela a sua vontade de ser professora, por gostar de ensinar e de estar na liderança. A figura de Larissa pode ser compreendida como uma projeção de si mesma nesse cenário da colagem. Nessa figura também é possível supor a manifestação do arquétipo da Grande Mãe. A sabedoria, a bondade, o cuidado, a que sustenta e que proporciona as condições necessárias de desenvolvimento do outro, são características que são apresentadas nesse arquétipo e observadas na surfista amadora e também em **M.** Também é possível ver na figura de Larissa, como professora, o arquétipo de velho sábio, que aparece em um contexto em que é necessário um bom conselho, um planejamento e uma compreensão (JUNG, 2000; VERGUEIRO, 2009). Larissa está em uma posição de dar um bom conselho e ajudar Roberto no surfe, esporte em que ele é inexperiente e em um ambiente que não é familiarizado.

Ainda sobre a figura de Larissa, é possível relacionar a sua imagem com a deusa grega Themis. Essa deusa é representada com uma balança em sua mão direita, uma espada em sua mão esquerda e uma venda em seus olhos. Fruto da união entre Gaia e Urano, é a deusa da justiça e símbolo da ordem e do Direito divino. A sua espada na mão representa a força, o poder, enquanto a balança representa o equilíbrio. Já os pratos iguais na balança representam a igualdade, enquanto a venda representa a imparcialidade (ABREU; CRUZ, 2022). A simbologia de igualdade e justiça pode ser observada na surfista Larissa. Ao mesmo tempo que é detentora de poder por ter o conhecimento sobre o mar e sobre o surfar, ela compartilha desse conhecimento com Roberto, iniciante no surfe. A surfista também pode representar a igualdade, em que compartilha a onda com o aprendiz, sem realizar qualquer distinção

privilegiada por ter mais experiência. A ação de ensinar de Larissa, portanto, perpassa por uma figura que provê conhecimento junto com um senso de justiça e igualdade na prática do esporte.

Além disto, a relação vista entre os dois surfistas, que são marcados por diferenças não apenas de gênero, mas também de experiência no surfe, pode relacionar-se com o arquétipo da alteridade. Como já citado, é um arquétipo que revela um movimento de convivência entre os diferentes (VERGUEIRO, 2009). Mesmo tendo mais experiência que Roberto, Larissa compartilha da mesma onda que ele. Além da troca entre os diferentes, o arquétipo do mestre aprendiz é presente nesta relação, em que a troca entre Roberto e Larissa é permeada pelo ensinar e aprender.

A respeito dos surfistas profissionais colocados na cartolina por **M.**, eles não foram colocados em destaque e não participaram com muita relevância em sua descrição em torno da cena. No entanto, é possível interpretar que essas figuras se afastam de um espaço coletivo por se isolarem e escolhem surfar em um outro lugar, de modo a não ajudar no processo de aprendizagem de Roberto. Estes surfistas podem representar uma persona que atletas profissionais carregam em nossa sociedade, se aproximando de um caráter mais individualizado do esporte. A persona, como já dito anteriormente, é o rosto que utilizamos na esfera social e que implica em estereótipos sociais e culturais. Um surfista profissional está inserido no mundo competitivo e individual e, para ganhar uma competição, precisa focar em seu próprio desempenho e nas próprias ondas. Eles não dividem ondas, mas as disputam e lutam por elas, para atingir sua meta final, o pódio.

**D.**

**D.** foi o último participante a realizar a atividade. Tem 13 anos, se mostrou mais tímido no início, mas conseguiu falar bastante de si na primeira etapa da atividade. Todavia, na segunda etapa o menino aparentou estar nervoso para realizar a colagem, receoso e preocupado de ficar feio, mostrando uma forte resistência para realizar a colagem, disse que estava sem criatividade. Relutou bastante para falar sobre a sua colagem, compartilhando que não tinha gostado do produto final e que estava estranho. Diz que normalmente gosta de desenhar, mas quando está se sentindo inspirado. A duração da primeira etapa da atividade, em que foi realizada uma conversa para obtenção de informações iniciais, durou aproximadamente onze minutos. Já a segunda etapa, a da colagem, foi realizada em aproximadamente trinta

minutos e a conversa sobre a obra final também durou aproximadamente onze minutos.

Para a análise da colagem, a pesquisadora primeiro transcreveu tudo o que foi gravado nas duas etapas do trabalho. Posteriormente, selecionou e separou os elementos presentes na obra de **D.**. A pesquisadora primeiro colocou como foi apresentado cada elemento e o que o entrevistado falou sobre cada um, revisando as duas etapas do trabalho que falou sobre si e sobre a sua colagem. Tudo o que foi dito com as próprias palavras do entrevistado foi colocado em itálico. Por fim, foi feita uma análise de tudo aquilo que foi relevante para o estudo, realizando associações com conceitos teóricos, para uma compreensão mais efetiva de tudo que foi compartilhado e para poder assim retomar o objetivo do trabalho. No final da análise terá a imagem da colagem realizada:

#### Análise da colagem

Segundo o participante, o surfe é um esporte que gosta de praticar sozinho, pois com companhia ele não consegue focar na prática, apesar de outras pessoas estarem também surfando. Ele gosta muito da sensação que o surfe lhe proporciona, que para ele é boa e o deixa feliz. Para **D.** o esporte foi algo transformador, mudou a sua vida. Segundo ele, antes do surfe ele era mais depressivo, não saía de casa, não brincava, apenas ficava assistindo televisão. Quando saía era para ir à escola. Quando começou a surfar tudo mudou, ele começou a conhecer mais pessoas e sentiu uma mudança dentro de si. Relatou que nos dias de hoje se vê como o palhaço da turma, identificando-se com um personagem de uma série de televisão, “Stranger Things”, chamado Dustin. Atualmente não se vê sem o surfe, esporte que é uma fonte de diversão para ele.

**D.** - *É um negócio muito bom de se sentir, porque eu nunca pensei em surfar, nunca, pra mim surfar era só um negócio pra mudar a consciência sabe, pra mim surfar é muito mais do que isso, surfar, nossa mudou totalmente a minha vida.*

A sua maior dificuldade no esporte é o momento em que precisa levantar na prancha. Teve uma época em que pensou em parar de surfar por conta de ser cansativa a rotina de surfe e escola, mas que um homem presente em sua vida que

admira bastante disse para ele não desistir porque se não ele não iria a lugar nenhum. A respeito das pessoas que admira no surfe na esfera dos surfistas profissionais, cita Gabriel Medina pelas manobras que realiza.

Ao representar o mar, **D.** utiliza papel crepom azul escuro, que cobre a maior parte do centro do papel, e tinta guache azul claro, pincelando com intensidade uma faixa grossa de tinta, acima e abaixo da folha crepom. O mar não atinge a base da folha, de modo a ter uma parte em branco na base da cartolina. Dentro do mar, na folha de crepom, **D.** inseriu um tubarão branco grande, localizado mais à esquerda e mais embaixo do crepom. No lado direito da folha, mais para cima, próximo à faixa de tinta azul, colocou uma onda, um longboard verde e um policial em cima da prancha. Por fim, na faixa de tinta azul, na parte superior da cartolina e mais próxima ao lado esquerdo, colou uma baleia jubarte; sendo que seu rabo está presente dentro do mar e o resto do seu corpo encontra-se fora, no espaço que seria o céu.

Segundo o participante, a água é cristalina, clara e perigosa por possuir tubarões dentro dela.

**D.** - *É uma água muito clara, muito cristalina, só que havia muito tubarão, onde tem muita boniteza tem muito perigo.*

O mar presente, de acordo com **D.**, é repleto de ondas cavadas, grandes e que fecham muito, o que dificulta a prática do surfe. O vento na colagem também é intenso, tornando o mar mexido e bagunçado. Segundo o participante, o mar ficou mexido dessa forma com a presença do tubarão, deixando as ondas maiores e com influência de vento.

O nome dado por **D.** à sua colagem é “Águas Rasas<sup>8</sup>”. Ele revela que um surfista, chamado Gabriel Medina e representado pela figura de um policial, está surfando uma onda intermediária e cavada<sup>9</sup>. Segundo ele, o surfista está participando de um campeonato de surfe junto com outros 3 participantes.

De acordo com **D.**, o tubarão branco presente no cenário estava sendo alimentado por pessoas que jogavam restos de carne e peixe na água. No entanto, ele atacou uma pessoa dentro do mar e, em decorrência disso, parou de ser

---

<sup>8</sup> Águas Rasas é o nome de um filme de surfe.

<sup>9</sup> Ondas que quebram mais rápido e com mais força e podem formar tubos.

alimentado. Dado o contexto, o tubarão foi atraído pelo sangue derramado por um outro surfista que havia se acidentado e cortado o braço com a quilha<sup>10</sup> de uma prancha. Apesar desse surfista não ter sido vítima de um ataque do animal, pois saiu do mar a tempo, o tubarão atacou o surfista Gabriel Medina. Antes de pegar uma onde ocorreu o ataque do tubarão, que mordeu o seu braço esquerdo e mutilou os seus dedos. **D.** relata que após o ataque o surfista ficou bem. Segundo ele, quando tem um surfista na prancha, ele aparenta ser uma tartaruga, que é um alimento para o tubarão, e por isso favorece o ataque. Após o acontecido, encontraram o tubarão encalhado em uma pedra. Para comprovar que era de fato o animal, pessoas pegaram uma prancha que tinha a mordida do tubarão e viram se encaixava na boca do animal encalhado na pedra<sup>11</sup>. Confirmaram que era, e em decorrência disso o mataram.

Além do tubarão, **D.** colocou uma baleia na superfície do mar. Segundo ele:

**D.** - *Eu só coloquei ela porque acho que no final, pra dar um efeito que deu tudo certo, porque pra mim as baleias são inofensivas, elas só abrem a boca assim mais pra respirar eu acho.*

De acordo com **D.**, a baleia e o tubarão não se relacionam. O tubarão não gosta da baleia e gostaria de atacá-la, mas não faz nada a respeito porque, para ele, a baleia tem uma força superior à do tubarão. Em contrapartida, a baleia fica na dela e “não liga” para o tubarão e nem para os demais surfistas presentes na água.

Sobre os elementos que não envolvem o oceano, foi colocada uma grande nuvem, que ganha destaque no cenário e é responsável por provocar vento. As outras nuvens colocadas no papel, de acordo com **D.**, existem porque sempre que ocorre uma tempestade, atrás das nuvens escuras possuem nuvens brancas. Já o sol que inseriu na colagem foi colocado no canto esquerdo superior do papel e, segundo **D.**, ele está cada vez mais coberto pela nuvem de tempestade.

O símbolo do mar é amplo. Ele pode simbolizar a dinâmica da vida que envolve nascimento, transformação e morte. Também pode representar o inconsciente, que é

---

<sup>10</sup> As quilhas são instrumentos utilizados na prancha para dar velocidade e estabilidade.

<sup>11</sup> A cena descrita se assemelha a cena de um filme de surfe chamado “Soul Surfer”, em que uma surfista é atacada por um tubarão e a sua prancha com a mordida é utilizada para identificar o animal que realizou o ataque.

um grande mar repleto de seres desconhecidos pela consciência, mas que compõem a psique do indivíduo e diz respeito a quem realmente é.

Quem olha dentro da água vê sua própria imagem, mas atrás dele surgem seres vivos; possivelmente peixes, habitantes inofensivos da profundidade - inofensivos se o ego não fosse mal-assombrado para muita gente. Trata-se de seres aquáticos de um tipo especial. Às vezes, o pescador apanha uma ninfa em sua rede, um peixe feminino, semi-humano (JUNG, 2000, p. 34).

Na Bíblia frequentemente simboliza a hostilidade de Deus, enquanto para os místicos o mar simboliza o mundo e o coração humano, local das paixões (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2001). O seu aspecto transitório e as polaridades são evidenciados na colagem de **D**. O mar representado é visto com duas polaridades, uma que implica um mar calmo e a outra um mar mexido, com vento e ondas difíceis de serem surfadas. O mar calmo existe quando o tubarão não está presente, enquanto o mar turbulento é com a presença desse animal. Apesar da psique se movimentar entre as polaridades, a dinâmica psíquica de **D**. parece tender para uma unilateralidade, em que o aspecto turbulento é colocado mais em evidência, como visto na cena retratada de um surfista sendo atacado por um tubarão.

No que diz respeito ao aspecto transitório, **D**. revela que antes da existência do tubarão o mar era calmo, e com a sua presença torna-se agitado. A dinâmica psíquica também é marcada por essa transitoriedade. Às vezes a turbulência é predominante e conteúdos inconscientes podem emergir para a consciência e assustar o indivíduo. No entanto, mesmo sendo difícil ampliar a consciência, é importante de ser feita para dar continuidade ao processo de individuação do ser humano. A redução da unilateralidade e abertura de possibilidades para uma maior fluidez da dinâmica psíquica, feita por meio da integração dos conteúdos inconscientes à consciência, contribuem para a manutenção da saúde física e psíquica e auxiliam o indivíduo a ter um maior conhecimento de si.

O crescimento do ego para fora do inconsciente - impulsionado por um poderoso instinto para ficar separado do mundo circundante a fim de adaptar-se de um modo mais efetivo ao meio ambiente - resulta numa separação entre a consciência do ego e a matriz inconsciente donde provém. A tendência do ego é para tornar-se unilateral e excessivamente confiante em si mesmo. Como já vimos, isso baseia-se no modelo arquetípico do herói. Quando isso acontece, o inconsciente começa a compensar essa unilateralidade (STEIN, 2000, p. 157).

Ainda a respeito do mar, as ondas presentes na representação do participante são ondas difíceis de serem surfadas. Elas não permitem uma continuidade por fecharem rápido, não abrirem para os lados e sofrerem influência do vento. Neste cenário, as ondas aparentam agir descontroladamente, como ocorre em situações de tempestade podendo ser comparadas “(...) aos dragões das profundezas. Passam a simbolizar, então, as súbitas irrupções do inconsciente, outra massa, de ordem psíquica, de uma inércia enganadora, impelida pelas pulsões instintivas a atacar o espírito, o ego dirigido pela razão” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 658). Associando as ondas do mar como manifestações inconscientes, o cenário da colagem de **D.** pode representar como as manifestações inconscientes emergem na consciência sem aviso prévio, de forma incontrolável e muitas vezes violenta. Carregadas de energia, as ondas do inconsciente podem assustar e gerar medo no indivíduo, podem trazer aspectos que podem ser difíceis de entrar em contato, vistos como “perigosos” pela perspectiva da consciência. No entanto, é este “perigo” que promove mudança e transformação, por dizer respeito a quem o indivíduo realmente é.

A dificuldade de surfar as ondas no cenário de **D.**, pode ser compreendida como uma metáfora para o desenvolvimento do ser humano. Surfar as ondas da vida não é uma tarefa fácil, existe sofrimento e luto. Todo o desenvolvimento perpassa por momentos difíceis de serem enfrentados, pois se haver com os obstáculos que a vida interna e externa do indivíduo não é uma tarefa fácil, mas é importante “(...) a aceitação de si mesmo com as respectivas possibilidades correspondentes, mas também com as dificuldades” (KAST, 1997, p. 10). Os conteúdos inconscientes não são neutros, apáticos, possuem energia considerável, estão atrelados à emoção, podem causar mal-estar, podem provocar medo e “Isso explica a resistência, mesmo o medo, que muitas vezes as pessoas sentem de se aproximar de qualquer coisa que diga respeito ao inconsciente” (JUNG, 1964, p. 124). No entanto, conteúdos que antes não eram conscientes, ao tornarem-se conscientes são importantes para o desenvolvimento pessoal e conhecimento de si mesmo, pois conhecendo a si, é possível compreender os limites e recursos disponíveis para dar continuidade a vida.

Mesmo com condições externas difíceis como vento e um mar mexido, a onda inserida por **D.** na colagem, é surfável pelo surfista Gabriel Medina. Assim como a onda possibilita o surfe do surfista, entrar em contato com os conteúdos inconscientes possibilita o desenvolvimento do indivíduo. Mesmo assim, a pesquisadora criou a

hipótese de que na colagem, **D.** parece apresentar uma dificuldade de entrar em contato com os conteúdos da profundidade da psique, visto que a representação do surfista foi feita pela figura de um policial, que pode simbolizar censura e repressão.

Retomando a sua maior dificuldade no surfe, a criança cita que o seu maior desafio é levantar-se da prancha. Para subir em uma prancha e ficar de pé nela é necessário uma estrutura e uma base firme que garanta o seu equilíbrio. Como o próprio participante disse, não é força, mas jeito, caso contrário, o indivíduo se desequilibra e cai na água. Além disso, o mar é representado por **D.** como se estivesse flutuando, sem nenhuma areia colocada na base do papel. Por meio das interpretações realizadas, **D.** aparenta carecer de uma base mais estruturada, um Self, para lidar com as demandas internas e externas. Os conteúdos internos parecem ser muito assustadores para ele. A agressividade parece lhe assustar. No entanto, todo o ser humano a possui, pois é ela que gera movimento e é vital para a sobrevivência. Quando usufruída de forma saudável, permite um desenvolvimento individual como um todo. No entanto, parece que a única consequência da agressividade possível para **D.**, é devastadora.

A respeito dos animais inseridos por **D.** em sua colagem, o tubarão aparenta ser a figura mais significativa, tendo em vista que é o protagonista da cena violenta retratada. O tubarão é colocado como um animal agressivo que quer atacar a todos. Tendo isso em vista, pode ser visto como uma figura de projeção da criança, neste caso, do seu aspecto agressivo, podendo ser associado ao arquétipo animus. A respeito do arquétipo animus, as características nele atreladas são relacionadas à ação, à capacidade, ao julgamento e características conceitualmente e tradicionalmente definidas como masculinas. Nesse arquétipo a rigidez, a agressividade, a racionalidade, a autoridade, a inflação e o sentimento de posse estão presentes (WHITMONT, 2010).

No entanto, o ataque do tubarão é justificado devido à fome decorrente da privação que sofreu. O animal agride, pois é movido pelo instinto de sobrevivência e, para sobreviver, precisa se alimentar. Ele está com fome porque as pessoas pararam de lhe dar alimento. O alimento pode ser compreendido como o afeto, que é o que alimenta a alma, a vida psíquica. O posicionamento das pessoas de suprimir o acesso ao alimento pode ser atrelado a uma posição de julgamento, moralidade, imposto pela sociedade. Essa mesma sociedade que julga é responsável pela troca, mas também pela supressão do afeto. Se um indivíduo faz algo que não condiz com o meio social

em que vive, ele é julgado, excluído e seu acesso à afetividade é reduzido (WHITMONT, 2010).

Como consequência da restrição afetiva, a conduta agressiva do tubarão surge e realiza o ataque ao surfista Gabriel Medina, lhe tirando os dedos da mão esquerda. A mão pode simbolizar o contato com o afetivo (FARAH, 2008). O policial, que pode estar associado à repressão e censura, ao ter os dedos retirados, pode representar um pedido de “preciso sentir, preciso entrar em contato com o afeto”. O tubarão, a agressividade, luta contra a censura e a opressão para poder ter acesso a esse alimento, o afeto. A agressividade aqui, apesar de poder ser assustadora para **D.**, é a responsável pelo movimento de tentar obter afeto a partir da relação com o outro.

Além do tubarão, a baleia é o outro animal que foi inserido na colagem de **D.**. No mito de Jonas, a baleia é a arca na qual Jonas entra, podendo simbolizar a morte iniciática e a saída; e seu interior pode significar a ressurreição, o novo nascimento. No alfabeto árabe, a letra *nun* significa em especial a baleia; o próprio formato da letra simboliza a arca e Noé flutuando nas águas, e uma taça, que pode significar útero (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Esse animal é um mamífero que pode remeter ao maternal, trazendo aspectos de acolhimento e segurança. Ao falar da baleia, **D.** traz um caráter passivo e de esperança, dizendo que é um animal inofensivo e que simboliza o “vai ficar tudo bem”. Sua passividade e a perspectiva de futuro que traz, podem relacionar-se ao aspecto continente da baleia, que fornecendo acolhimento e nutrição, possibilita o desenvolvimento da vida. Com isso, pode indicar o novo, aquele que morreu, mas renasceu transformado. Essa simbologia de transformação, em conjunto com a fala de **D.** evidencia uma potencialidade de transformação dentro de sua psique e esperança de mudança dentro do caos.

A baleia está com a maior parte de seu corpo fora d'água e aparenta estar se direcionando ao sol, no lado superior esquerdo. O sol pode simbolizar a fonte de vida, luz e calor. Essa cena pode ser compreendida como uma conexão com aquilo que está fora da esfera inconsciente, a consciência, um caminho para a integração dos dois mundos que diz respeito ao processo de individuação e do caminho de uma psique mais equilibrada e saudável. O movimento, o pulo da baleia, é essencial para a aproximação do sol, da fonte de vida e da renovação. O tubarão também tem um papel importante neste contexto, porque ele também provoca o movimento dos mares, do inconsciente, e que gera também a transformação do ser.

No entanto, apesar da baleia poder simbolizar a transformação e ser colocada em movimento, pulando da água, tem também um lado que pode ser considerado como “negativo”. **D.** cita que o animal não se relaciona e nem dá importância para ninguém do cenário. A ausência de relação com o outro, o excesso de conforto e segurança podem impedir a trajetória do herói, marcada por movimento e transformação. A trajetória do herói pode ser percebida na produção da criança. O mito do herói é encontrado no mundo todo, como exemplo, na mitologia clássica da Grécia e de Roma, no Extremo Oriente, em nossos sonhos: é um mito que possui uma forma universal, apesar de ter as suas particularidades e diferenças de acordo com a cultura (JUNG, 1964).

Ouvimos repetidamente a mesma história do herói de nascimento humilde, mas milagroso, provas de sua força sobre-humana precoce, sua ascensão rápida ao poder e à notoriedade, sua luta triunfante contra as forças do mal, sua falibilidade ante a tentação do orgulho (*hybris*) e seu declínio, por motivo de traição ou por um ato de sacrifício "heróico", no qual sempre morre (JUNG, 1964, p. 142).

Nesse mito, o herói recebe ajuda de guardiães, que possibilitam exercer tarefas sobre-humanas que não conseguiria realizar sozinho e, tais guardiães são representações simbólicas da psique total. O herói deve conhecer suas fraquezas e forças, tomar consciência delas para conseguir enfrentar as difíceis tarefas que surgem na vida. Quando o herói morre, o seu valor simbólico é de obtenção da maturidade, pois passou pelas tarefas e passou por um processo de transformação (JUNG, 1964).

“(…) é importante reconhecermos que em cada fase desse ciclo a história do herói toma formas particulares, que se aplicam a determinado ponto alcançado pelo indivíduo no desenvolvimento de sua consciência do ego, e também os problemas específicos com que ele se defronta em um dado momento” (JUNG, 1964, p. 144).

**D.** revelou tarefas difíceis de serem enfrentadas, as ondas que fecham, o mar com vento e com ondas grandes que dificultam o surfe. O perigo, colocado com a presença do tubarão, é evidente. Como surfar as ondas? Como estar no mar nestas condições? Tomar consciência de que existem dificuldades, aspectos nossos que nos assustam, como a agressividade do tubarão, possibilita o movimento de transformação e o caminho para o “vai ficar tudo bem”, para a maturidade. Ter consciência do medo da perda de afeto também é importante, assim como a

perspectiva de melhora, simbolizada pela baleia. O processo de individuação, que está simbolizado também no mito do herói, pode ser visto no cenário retratado, em que dificuldades são enfrentadas, transformações surgem e o caminho para se deparar consigo mesmo se aproxima.

Ainda a respeito do mito do herói, o nome dado por **D.** para a colagem foi “Águas Rasas”. Esse nome é o título de um filme que diz respeito a uma surfista que surfa em uma praia paradisíaca e isolada e é atacada por um enorme tubarão. Ao longo da trama, a protagonista consegue se abrigar em um recife de corais, temporariamente, mas precisa sair da água. Esse filme pode representar a trajetória do herói, em que o indivíduo sai de sua base, se aventura pelo mundo, passa por desafios, muitas vezes dolorosos, mas que geram transformação e crescimento.

Por fim, a respeito das nuvens, **D.** representou nuvens carregadas. “Na tradição chinesa a nuvem indica transformação, por que o sábio deve passar para se aniquilar, de acordo com o ensinamento esotérico do disco de jade” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 648). Esse elemento da natureza está ligado ao símbolo da água, que diz respeito a fecundidade, fonte de vida. Além disso, pode simbolizar a metamorfose viva no sentido de vir a ser (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). As nuvens representadas na colagem são distintas. A maior é colocada como central no papel e aparenta estar carregada, tanto em seu tamanho como na cor azul, enquanto as outras duas são menores, em que o branco predomina e estão colocadas em menor destaque, no canto direito superior da folha. A criança diz que as nuvens menores se fazem presente em contextos como esse, atrás das nuvens escuras. A nuvem maior causa o vento e parece indicar tempestade, e assim uma mudança no mar de **D.**, ou seja, uma mudança em seu inconsciente. A tempestade, com ondas fortes, grandes, podem levar à morte de um ser. A morte pode ser vista como simbólica, em que uma parte de si morre para que ocorra uma transformação psíquica e assim uma renovação.



**J.**

**J.** têm 11 anos e se mostrou interessado e curioso para a realização da atividade, apesar de ser um pouco tímido. Sua timidez e voz baixa não interferiram no compartilhamento das informações pessoais na primeira etapa da atividade; inclusive compartilha um sonho seu na etapa da colagem, uma vez que colocou elementos do sonho na cartolina. Realizou ambas as etapas da atividade com disposição. A duração da primeira etapa da atividade, em que foi realizada uma conversa para obtenção de informações iniciais, durou aproximadamente dezessete minutos. Já a segunda etapa, a da colagem, foi realizada em aproximadamente em trinta minutos e a conversa sobre a obra final durou aproximadamente treze minutos.

Para a análise da colagem, a pesquisadora primeiro transcreveu tudo o que foi gravado nas duas etapas do trabalho. Posteriormente, selecionou e separou os elementos presentes na obra de **J.**. A pesquisadora primeiro colocou como foi apresentado cada elemento e o que o entrevistado falou sobre cada um, revisando as

duas etapas do trabalho que falou sobre si e sobre a sua colagem. Tudo o que foi dito com as próprias palavras do entrevistado foi colocado em itálico. Por fim, foi feita uma análise de tudo aquilo que foi relevante para o estudo, realizando associações com conceitos teóricos, para uma compreensão mais efetiva de tudo que foi compartilhado e para poder assim retomar o objetivo do trabalho. No final da análise terá a imagem da colagem realizada.

:

Análise elementos da colagem:

Para **J.**, o surfe é presente tanto nos finais de semana quanto durante a semana, apesar de preferir ficar em casa nos finais de semana. Tem 11 anos e mora com a sua mãe e com os seus irmãos, sendo que um é mais velho e outro mais novo. O seu pai é falecido. Além do surfe, pratica futebol e Jiu Jitsu. Participa de competições no Jiu Jitsu e diz gostar e que, apesar de nunca ter perdido nas competições (pois não estar em primeiro lugar para ele não é sinônimo de perder), compreende que a perda depende do dia; a frase que o define é “cada cão tem o seu dia de sorte”. Diz se sentir privilegiado por competir pois, de acordo com ele, nem todos conseguem competir por medo. Quando fica nos finais de semana em casa, gosta de assistir um desenho de aventura chamado “O Mundo de Greg”, em que se identifica com os personagens, que segundo **J.**, possuem sua personalidade que varia a cada dia e que são marcadas por: aventura, ação e curiosidade.

**J.** - *Tem vezes que eu quero me aventurar, tem vezes que eu quero lutar com espadas, tem vezes que eu quero descobrir coisas e enterrar.*

O seu início no surfe se deu com um convite feito por seu amigo para surfar no IEE, fazendo um ano e meio que começou a frequentar o instituto. A sua grande companhia no surfe é o seu amigo de dez anos, com quem gosta de surfar. **J.** diz que aprende com ele na água, além de não praticar o esporte sozinho.

**J.** - *Prefiro surfar conversando com alguém do que surfar sozinho sem conversar com alguém, e também se acontecer alguma coisa, ninguém vai saber.*

Ao falar da sensação que tem quando está surfando, ele relata um sentimento positivo, felicidade e conexão com o mar que, segundo ele, todo surfista sente. Também compartilha a presença do medo e da raiva ao surfar, como quando leva um caldo e quando as coisas fogem do controle.

*J. - A primeira vez que eu peguei uma onda eu fiquei bem feliz, mas a primeira vez que eu tomei um caldo eu fiquei bem bravo porque minha prancha saiu, o leash<sup>12</sup> soltou do meu pé e foi pro raso, aí eu fui nadando até o raso. Minha amiga também me ajudou, a minha prancha ia quebrar aí ela me ajudou, eu senti um pouco de medo.*

Compartilha que a sua maior dificuldade no surfe é não conseguir furar a onda, tendo em vista o grande volume de sua prancha.

Um ídolo do surfe que possui e foi citado por ele foi o personagem de um filme de desenho animado chamado “Tá Dando Onda”, que retrata a vida de um pinguim surfista e o mundo do surfe em que vive. Segundo J., sua admiração é justificada pois:

*J. - Ele era o único que surfava, surfava com uma prancha de gelo, aí todo mundo julgava, aí ele começou a surfar bem, aí começou a ir pra outros lugares, no caso aconteceu comigo, eu era ruim aí eu comecei a melhorar.*

Além do surfe, J. cita a sua paixão pela robótica, sendo algo que gostaria de fazer no futuro. Diz querer fazer um robô pessoal para cada pessoa, que irá acompanhar cada um individualmente em sua vida.

*J. - Vai ouvir tudo que você falar sem reclamar, vai guardar tudo, vai te lembrar umas coisas, vai guardar tudo na memória dele e vai ser um robô pessoal, individual, e também pra uma pessoa que não gosta de ficar sozinha, sem conversar.*

A respeito das pessoas que admira no surfe e que são profissionais cita Gabriel Medina, Ítalo Ferreira e Cadu Maverick do desenho animado “Tá Dando Onda”, admirando o surfe deles. Fora da esfera dos profissionais, admira o seu amigo, por surfar bem e ser mais novo.

---

<sup>12</sup> É um acessório responsável por prender a prancha ao surfista.

O mar que representa na colagem é compartilhado como calmo e perfeito, um mar de surfistas que mesmo em dias mais cinza fica com ondas grandes, mas não fica bravo. O mar foi pintado com lápis de cor, com traçados fortes na horizontal, com azul escuro e claro. Compartilha que, para ele, um mar de ondas grandes é legal, positivo, mas possui um outro lado, o negativo, que é levar uma onda na cabeça. No caso da colagem, o mar é representado com cerca de um metro de onda. Ele está sendo aproveitado pelos surfistas João Frango, Cadu Maverick e a surfista que já está na areia. Todos estão felizes, principalmente o João Frango, que segundo J. pegou um tubo. Ele também cita que o mar é controlado por Poseidon, que quando está bravo torna o mar também bravo.

Embaixo do mar, J. coloca elementos dourados para representar a areia. O elemento dourado delimita onde começa o mar e onde começa a areia. Os elementos dourados formam uma linha e ocupam pontualmente alguns espaços em branco que são considerados areia pela criança. A areia representada é em grande parte ocupada por branco e alguns elementos dourados. Segundo J., é muito valiosa e nem todos conseguem ter acesso a ela.

*J. - Esses negócios dourados, né, é que o ouro como é o mais valioso e a areia pra algumas pessoas é bem valiosa, pras pessoas que moram em São Paulo, aí eu coloquei esses negocinhos dourados, porque tem muitas pessoas que não podem pisar na areia, aí o ouro é bem valioso, aí a areia pra mim é bem valiosa, o ouro representou a areia.*

Na composição do cenário J. coloca o símbolo “Om” no canto inferior direito na colagem e diz não saber o significado, mas o motivo do porquê colocou foi por ter visto e achado legal em sua professora do terceiro ano, que possuía uma tatuagem com esse símbolo e também usava camisetas que o tinham estampado. Também coloca três nuvens feitas de algodão no canto esquerdo superior e no meio, sendo que na nuvem central está Poseidon. Um sol é colocado no canto superior direito, revelando que o clima do cenário é o que as pessoas gostam de surfar, pois segundo ele, refresca.

Na colagem que realizou, o mar representado é a casa de Aquaman, protagonista do filme do Aquaman<sup>13</sup>, e a casa de Cadu Maverick, protagonista do filme “Tá Dando Onda”<sup>14</sup>. O Aquaman está na areia, localizada na base do papel, mais próximo ao canto esquerdo da folha, enquanto Cadu está no canto inferior direito da folha, também na areia. Em ambos os filmes o mar é central. No primeiro filme Aquaman é um herói que disputa com seu irmão para impedir que ocorra uma guerra entre o mundo submarino e a superfície. No segundo filme é retratado a vida de Cadu Maverick, um jovem pinguim que sai da Antártida para surfar e competir em uma ilha. Outros personagens de filme inseridos na colagem foram João Frango, um frango que acompanha Cadu Maverick e um personagem do filme Moana chamado Maui.

A respeito do personagem Aquaman, relata ser filho de uma deusa e de um humano. De acordo com **J.**, a mãe é alvo de julgamento de seu outro filho, irmão de Aquaman, por ter se relacionado com um humano. Fruto dessa união, **J.** relata que Aquaman nasce e aprende a entrar em contato com os seus superpoderes em Atlântida, local onde mora. **J.** compartilha a figura de Aquaman como alguém que ajudava as pessoas que estavam em perigo no mar, nadava rápido e conversava com os animais. Segundo ele, o herói conquistou um tridente, símbolo que representava o verdadeiro dono do mar. No entanto, **J.** revela que o verdadeiro dono era Poseidon. Mesmo assim, segundo ele, Aquaman é responsável por criar as ondas para os surfistas do cenário.

Outro personagem que foi inserido no cenário é o Maui, do filme “Moana”, colocado na base da folha, mais próximo ao canto direito. Segundo **J.**, “ele está se achando”, por ser um semideus.

A respeito do Poseidon a criança relata que apenas o colocou por ser o Deus do mar. **J.** diz que a figura divina e o herói Aquaman não se relacionam pois possuem um conflito marcado por uma disputa de poder para controlar o mundo marinho. A diferença marcante entre ambos é que um é Deus e outro herói, sendo que **J.** defende que Poseidon é mais forte que o Aquaman. O Deus é colocado na parte superior do

---

<sup>13</sup> No filme Aquaman, esse herói disputa com o seu irmão para impedir que ocorra uma guerra entre o mundo submarino e a superfície.

<sup>14</sup> No filme “Tá Dando Onda”, é retratado a vida de Cadu Maverick, um jovem pinguim que sai da Antártida para surfar e competir em uma ilha.

papel em cima de uma nuvem, e a justificativa de tê-lo colocado ali foi por conta de nunca ninguém o ter visto.

Ao falar de seus ídolos do surfe e sua admiração, compartilhou o personagem Cadu Maverick com o qual se diz identificar. Segundo **J.**, Cadu é o melhor surfista do mundo, que surfava com uma prancha de gelo e era alvo de julgamento. De acordo com ele, este personagem evoluiu no mundo do surfe, indo para outro patamar e surfando com bons surfistas.

**J.** - *Ele começou a surfar bem, aí começou a ir pra outros lugares, no caso aconteceu comigo, eu era ruim aí eu comecei a melhorar, aí eu me identifiquei com ele.*

Animais também foram colocados na produção de **J.** como: um baiacu, duas cobras (uma preta e uma amarela) e um caranguejo. A respeito do baiacu, ele foi inserido dentro do mar, no canto direito da folha. **J.** revela que o animal se sente bem por ninguém estar próximo dele. É um peixe que gosta de ficar no fundo, mas que vai para o raso “para não fazer nada”. A respeito das duas cobras e o caranguejo que inseriu na areia da colagem, no canto inferior direito da folha, **J.** compartilha que o motivo que os colocou foi em decorrência de um pesadelo que teve.

A narrativa de seu pesadelo teve como ponto central uma família composta por duas filhas, um filho e uma mãe. Essa família morava em uma casa abandonada, no final de uma rua marcada pelo comércio. Mesmo abandonada, a casa rodeada por mato, era conhecida e todos sabiam que era moradia de tal família. De acordo com a criança, era um local onde os únicos animais presentes eram insetos. O conflito presente no sonho foi marcado pela ação do menino da família, que inseriu dois pregos na orelha de um gato e mostrou para as pessoas a sua ação. Como consequência do acontecimento e da desaprovação das pessoas, decidiram matar a família pois, *“tão fazendo muita coisa má”*. A cada filho morto, a mãe colocava um tapete no chão. No total foram colocados três tapetes.

A criança apareceu no sonho ao ir junto com seus amigos, depois da escola, em direção à casa. Ele subiu em uma árvore e observou tudo que estava acontecendo de forma a presenciar a morte de todas as crianças. Quando desceu da árvore, relata ter visto uma cobra amarela e logo em seguida tê-la pulado. Logo depois avistou uma cobra preta. A cena em seguida foi marcada por **J.** caindo de um barranco, tropeçando em uma pedra e caindo de costas. Em suas costas, relatou que tinha um caranguejo.

Além dos animais, inseriu em sua colagem algumas figuras humanas como: um menino realizando um movimento com a mão e uma mulher com uma prancha. O menino, segundo J., está surpreso e apontando para uma surfista que desconfia que é famosa, mas não sabe o seu nome. Ambas as figuras humanas foram colocadas no canto inferior direito da folha.

O mar na colagem realizada por J. trouxe o seu aspecto transitório, em que existem momentos de calma, com ondas pequenas, e momentos em que se transforma em um mar mais agitado, com ondas grandes. Embora tenha destacado a ambivalência do ambiente marinho, não identificou um mar grande como bravo. Os surfistas no cenário foram descritos como felizes e se divertindo em um mar com ondas de um metro e meio de altura (considerado grande pelo J.). Compreendendo o mar como um símbolo do inconsciente e as ondas como produto de suas irrupções na consciência, ao falar que um mar com ondas grandes, não significa que é bravo, é possível interpretar que nem tudo que é desconhecido pela consciência, mesmo grandioso, tanto no aspecto quantitativo quanto qualitativo, é atrelado a algo com caráter destruidor e assustador. Os conteúdos inconscientes que emergem na consciência aproximam o indivíduo dos aspectos que dizem respeito a si e ao seu próprio funcionamento. Essa visão se distancia de um olhar sobre o inconsciente associado à destruição e pode indicar um movimento de aproximação e integração de seus aspectos incontroláveis (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001).

A consciência, não importa sua extensão, deve sempre permanecer o círculo menor dentro do círculo maior do inconsciente, uma ilha cercada pelo mar; e, como o próprio mar, o inconsciente contém uma interminável abundância de criaturas vivas, em perpétuo auto-reabastecimento, uma riqueza de seres que ultrapassa de muito o que podemos imaginar. Podemos conhecer há muito tempo o significado, os efeitos e as características dos conteúdos inconscientes sem jamais sequer vislumbrar sua profundidade e potencialidade, pois que eles são capazes de variações infinitas e nunca podem ser despotencializados. O único meio de acessá-los na prática é tentando atingir uma atitude consciente que permita ao inconsciente cooperar, em vez de ser mobilizado a opor-se (CONGER, 1993, p. 86).

Um movimento de integração com inconsciente implica reconhecer todas as suas facetas, e mesmo um mar grande de um metro não ter, a princípio, um caráter que o assusta, mas que o atrai; este mesmo mar também pode modificar aquilo que sente e gerar movimentos de raiva e medo. Essas emoções foram evidenciadas em momentos em que não possui controle algum, como o episódio que exemplificou em

que levou um caldo<sup>15</sup> de uma onda. “Mas surgiam monstros das profundezas, a imagem do subconsciente, fonte de correntes que podiam ser mortais ou vivificadoras” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 592). Mesmo o caldo podendo ter um caráter mortal, em que o indivíduo pode se afogar nas águas salgadas, ele também pode ser vivificador, pois a partir do caráter caótico das forças das ondas, a pessoa pode aprender a lidar com a situação que não possui controle. No caso de **J.**, mesmo com medo e raiva, ele não se afogou e continuou entrando no mar e surfando.

“Mas o oceano é também, quando está agitado, a extensão incerta, cuja travessia perigosa condiciona a chegada à costa” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 650). As sombras que emergem na consciência, mesmo assustadoras em alguns momentos, parecem auxiliar **J.** em seu processo de aprendizado na vida e podem indicar um caminho de integração de si, pois ele entra em contato com aquilo que o assusta e a partir disso se transforma, nada, e chega na costa. Esse movimento de integração pode ser visto em outros âmbitos de sua vida que ultrapassam o mar, como nas competições e na forma como lida com as perdas. Segundo ele, “cada cão tem o seu dia de sorte”, e a perda é vista como algo temporário e mutável.

O caráter mutável do mar, símbolo do inconsciente, é também expresso na forma como **J.** se coloca no mundo. A criança compartilhou que a sua personalidade é marcada por aventura, ação e curiosidade, “*tem vezes que eu quero me aventurar, tem vezes que eu quero lutar com espadas, tem vezes que eu quero descobrir coisas e enterrar.*” A ação criativa observada na criança parece ser facilitada por poder possuir um ego mais estruturado e forte, assim lidando de forma construtiva com o seu mundo interno e externo.

Porque temos um ego, possuímos a liberdade para fazer escolhas que podem desafiar os nossos instintos de autopreservação, propagação e criatividade. O ego contém a nossa capacidade para dominar e manipular vastas somas de material dentro da consciência. É um poderoso ímã associativo e um agente organizacional. Uma vez que os humanos possuem tal força no centro da consciência, eles estão aptos a integrar e dirigir grandes quantidades de dados. Um ego forte é aquele que pode obter e movimentar de forma deliberada grandes somas de conteúdo consciente” (STEIN, 2000, p. 27).

A respeito do mar e sua relação com ele, **J.** revelou uma conexão existente:

---

<sup>15</sup> “Levar um caldo” é quando o surfista ou o banhista é tomado pela onda e fica por alguns segundos debaixo d’água.

**J.** - *Eu sinto uma conexão com o mar, todo o surfista né.*

Nesta afirmação é possível observar que a conexão com esse elemento da natureza parece ser algo muito presente entre a comunidade de surfe. A manifestação do arquétipo anima pode ser observada, tendo em vista que não apenas a conexão, mas o contato com as emoções, como medo e felicidade, está envolvido na prática. Ainda a respeito da afirmação de **J.**, é possível observar uma identificação dele com os surfistas, podendo lhe dar uma sensação de pertinência e valorização dentro de um grupo (JUNG, 1964).

As tonalidades de azul colocadas no mar de **J.** e a forma como os traçados foram colocados na folha aparentam uma linearidade e um fluxo horizontal de movimento. Pode remeter a uma veia, veículo na qual o sangue circula constantemente e percorre todo o corpo humano, lhe fornecendo oxigênio e vida. No caso da colagem, a veia é o mar, é a grande vida psíquica que está em fluxo, em movimento, é um “caminho do infinito em que o real se transforma em imaginário” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 107), visto na simbologia presente na cor do mar, o azul. As diversas tonalidades da cor podem indicar as diversas intensidades de energia presentes no inconsciente e dão também um aspecto de movimento, dinâmico, característico da psique. O sistema psíquico unificado e equilibrado é tarefa do si-mesmo, e para isso, esse dinamismo é necessário para permitir um caminho para integração (STEIN, 2000).

A respeito dos elementos inseridos no mar, dois personagens e um peixe foram colocados: Cadu Maverick, João Frango e um baiacu. O peixe pode simbolizar o elemento água, vida e fecundidade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Ao falar do peixe, animal que pode simbolizar conteúdos inconscientes, **J.** disse que gosta de ficar no fundo, o fundo inconsciente, mas que às vezes vai para a superfície, assim como os complexos, que quando constelados emergem na consciência.

Na colagem, abaixo do mar, elementos dourados delimitam a areia do cenário. A areia pode simbolizar a esfera uterina, “fácil de ser penetrada e plástica, a areia abraça as formas que a ela se moldam; sob esse aspecto, é um símbolo de matriz de útero” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 79). Ao abraçar as formas que a ela se moldam, serve como estrutura, assim como o Self na psique, responsável por

organizar e integrar os conteúdos, com dinamismo e tentativa de um equilíbrio. A areia para **J.** é valiosa e nem todos conseguem ter acesso a ela, assim como o ouro para a criança. O ouro pode simbolizar o conhecimento, a renovação da natureza e, para os Astecas, o caráter novo da terra antes do surgimento do verde (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). “Na tradição grega, o ouro evoca o Sol e toda a sua simbólica fecundidade-riqueza-dominância, centro de calor-amor-dom, foco de luz-conhecimento-brilho” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 671). **J.** reconhece o privilégio que possui por ter uma boa base, valiosa como o ouro, que lhe permite um caminho para o conhecimento e conseqüentemente constante renovação. Com isso consegue lidar com o medo de forma produtiva, que não o paralisa. Como visto em uma situação que estava surfando no mar com sua amiga e perdeu a sua prancha. A prancha é fonte de segurança, é uma boia para o surfista dentro de um ambiente marcado por uma ausência de controle, em que as forças da natureza atuam com intensidade. Mesmo com a ausência dela, consegue nadar para a praia. Além disso, **J.** estava surfando com uma companhia. O seu caráter prevenido parece o ajudar a lidar com situações em que o medo pode ser mais presente e compõem uma característica sua de ser corajoso.

Nas competições, mesmo com ansiedade e medo, enfrenta e compete, compreendendo que terá dias que irá vencer uma competição e dias que perderá, uma vez que, como citado anteriormente pela criança, “cada cão tem o seu dia de sorte”. **J.** com uma areia que lhe dá estrutura, consegue lidar com suas emoções, com desafios, assumir riscos, dentro e fora do surfe, e isso pode ser compreendido por ter conhecimento sobre tais questões e seus recursos, se desafia, se transforma e se renova constantemente. Não à toa, no canto esquerdo da folha coloca o símbolo “Om”, que é carregado de sentido na tradição hindu: som criador que tem por qualificativo “dourado”, cor que pode estar associada à renovação, ao inesgotável (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001).

Acerca de um personagem colocado dentro do mar, Cadu Maverick foi uma figura com quem **J.** se identificou e que, assim como ele, está em um processo de evolução no surfe. Esse personagem se joga para o mundo, surfando em outros mares e se desafiando. Ele sai de sua terra natal, a Antártida, e viaja para a ilha Pen-Gu para surfar outras ondas e participar de um campeonato. Tanto na trajetória do personagem do filme quanto de **J.**, é destacada a jornada do herói. “O herói passa pela provação

ou tortura ou ameaça de aniquilação, encontra a sabedoria e o amor, é crucificado, morre e renasce”. (STEIN, 2000, p.122). Ambos surfam os diversos mares do mundo, interno (psique), e o externo (mar propriamente dito). Se desafiam em diferentes ondas, lidam com as próprias emoções como o medo e a felicidade, e lidam constantemente com o não controle ao estarem lidando com a mãe natureza. Em cada desafio, a ameaça e a morte estão presentes. A morte aqui dita não é literal, mas simbólica, pois revela um fim a uma parte do ser para que ocorra a transformação e assim o recomeço, a renovação e o renascimento. Quando **J.** enfrenta um mar que o castiga, que lhe tira a sua fonte de segurança, a prancha, é obrigado a nadar em suas águas para a sua sobrevivência. Para nadar precisa usar e reconhecer os recursos internos que possui para enfrentar a situação, assim como as suas limitações, forças e fraquezas (JUNG, 1964; STEIN, 2000).

Cadu Maverick foi colocado na colagem dentro do mar, surfando uma onda, e pode simbolizar o surfar no inconsciente, uma aproximação e integração com os conteúdos inconscientes que permitem a continuidade do processo de individuação. Além disso, mesmo com uma trajetória individual, tanto Cadu Maverick como **J.** possuem companhias na prática do esporte. **J.** tem o seu amigo de 10 anos que o acompanha no surfe e sabe que se algo acontecer com ele terá ajuda e será visto. No cenário da colagem, a companhia de Cadu Maverick é João Frango, que surfam juntos no mar e na mesma onda. O estar com o outro para **J.** parece ser algo importante, como fonte de segurança e troca afetiva. Ele revela também este fato ao falar do sonho que possui de produzir robôs no futuro que possam fazer companhia para as pessoas.

A emoção é por um lado o fogo alquímico, cujo calor traz tudo à existência e queima todo o supérfluo (*omnes superfluitates comburit*). Por outro lado, a emoção é aquele momento em que o aço ao golpear a pedra produz uma faísca: emoção é a fonte principal de toda tomada de consciência, Não há transformação de escuridão em luz, nem de inércia em movimento sem emoção (JUNG, 2000, p. 105).

Além de Cadu Maverick, Aquaman foi outro personagem colocado na produção de **J.** e que também traz o aspecto do arquétipo do herói. Dando continuidade à trajetória do herói, ele sai da superfície e se adentra nas profundezas do mar, em um contexto que uma guerra contra a superfície seria declarada por seu meio irmão. Em um trecho do filme, sua mãe diz que a figura de filho representa a possibilidade de coexistência entre os dois mundos, o da superfície e o das profundezas do mar. É

possível realizar uma interpretação da superfície sendo como a consciência e o mar, como já apresentado neste estudo, compreendido como o inconsciente. A trajetória do Aquaman pode revelar como o contato com a imensidão psíquica não é uma tarefa fácil. Ampliar a consciência e entrar em contato com as próprias sombras é árduo, conflituoso e envolve morte de diversos aspectos do ser que entra em guerra consigo mesmo. Todavia, a partir da morte vem a ressurreição de um indivíduo transformado, que entrou em contato com os seus poderes e forças, mas que para isso também lidou com suas limitações e obstáculos (AMARAL FILHO; ARAÚJO; LIMA, 2021).

Outra figura importante inserida na colagem foi Poseidon, retratado como o Deus do Mar. Ele possui o domínio das águas e possui um tridente que pode representar a ação de criar ondas e relâmpagos, “(...) deus dos tremores de terra, provindo os abalos, segundo os antigos, das tempestades do mar, sobre o qual repousam os continentes” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 738). Pode simbolizar as águas de baixo, a vida inconsciente e o seu aspecto mais violento e assustador (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). O deus pode também simbolizar o arquétipo animus, em que a agressividade e a autoridade estão presentes, mas que são necessárias para a ordem nas profundezas do mar. Neste contexto em que Poseidon exerce sua autoridade, a figura de Aquaman é colocada dentro de uma posição hierárquica inferior à de Poseidon. Até o local em que a figura divina é colocada na cartolina é acima de Aquaman, sobre uma nuvem. A relação entre ambos se assemelha a um relacionamento de pai e filho. No período da adolescência, ocorre um processo de desidealização da figura paterna, em que os defeitos paternos começam a ser observados pelo adolescente, que faz críticas e contesta a autoridade. A persona da figura paterna deixa de ser do herói e a sombra emerge frequentemente para a consciência, originando conflitos no relacionamento entre ambos (FARIA, 2007; STEIN, 2000).

No cenário, foram colocadas três nuvens pequenas. Como produtoras de chuva, são fontes de fecundidade, metamorfose em virtude do seu vir a ser e podem também estar ligadas a revelações proféticas (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). A nuvem do centro é responsável por sustentar Poseidon, rei dos mares. Ela pode ser compreendida como responsável por dar base e terra fértil para o inconsciente. Mesmo Poseidon podendo simbolizar a potencialidade responsável pela agressividade, é ela que gera o movimento da psique e a fecundidade dos mares.

Sem um nível de agressividade, o movimento que gera mudança e transformação não é possível (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001).

Além das nuvens, um sol pequeno foi colocado no canto direito superior da cartolina. O sol também pode simbolizar a fecundidade. Também pode ser símbolo do conhecimento, daquilo que dá vida, mas também dá a morte (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Elementos como o sol, as nuvens, podem indicar a dinâmica psíquica de J., que pode ser observada em constante movimento, em que a morte de partes de si, a transformação e o renascimento são presentes e indicam um caminho para o amadurecimento, transição da fase da infância para a puberdade e continuidade do processo de individuação que acontece ao longo de toda a vida.

Outros personagens colocados na colagem, além dos já citados, foram um homem que está na areia e uma surfista. Segundo J. o homem estava apontando para a surfista porque ela era famosa e ficou surpreso ao vê-la saindo da água. A figura da surfista pode representar a imagem de um ídolo. Na fase da adolescência, a identidade é muito questionada, revisada e transformada. A construção da identidade envolve a figura de outras pessoas ao seu redor, modelos de comportamento, crenças e atitudes. Um processo saudável de compor a identidade é por meio da diferenciação e da integração, processo que requer tempo e reflexão. A figura do ídolo pode ser muito importante para o indivíduo, pois é um dos possíveis modelos cujos aspectos o adolescente pode se identificar, compondo parte deste de forma equilibrada e saudável (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Durante o processo da colagem, o participante relatou ter tido um pesadelo e colocou no papel alguns integrantes desse conteúdo onírico: duas cobras (uma preta e uma amarela) e um caranguejo, no canto inferior direito. Além dos elementos que colocou no papel, o tapete foi um objeto importante citado em sua narrativa. É importante ressaltar que o sonho é a maior expressão do inconsciente, e o fato de trazê-lo para a colagem mostra não apenas a importância dada ao conteúdo onírico, como a dinâmica de sua psique. Também é possível pensar que a atividade da colagem mobilizou a criança de tal forma que a fez lembrar e contar sobre o seu sonho. Neste artigo será feita uma tentativa de amplificação simbólica, para uma maior compreensão dos conteúdos trazidos por J.. Hipóteses foram criadas a partir do pesadelo e dos símbolos contidos nele. Tendo em vista que não foi realizada uma

intervenção psicoterapêutica com a criança, o que fugiria dos objetivos deste estudo, é necessário ressaltar que as interpretações são meros exercícios do pensamento, reflexões e análises simbólicas.

As camadas mais profundas falam através de imagens. Estas imagens devem ser consideradas como se nos apresentassem descrições de nós mesmos, ou de nossas situações inconscientes, na forma de analogias ou parábolas. Devemos traduzir as afirmações do sonho para alguma forma de conceituação que nos seja pelo menos acessível, ainda que esta tradução nunca possa ser completamente adequada, porque uma imagem onírica sempre aponta para muito mais do que pode ser colocado dentro de um conceito abstrato. A tradução é feita colocando as associações e amplificações da pessoa que sonha no contexto das imagens. Associações são os conteúdos que por acaso vêm à mente quando a imagem de sonho é considerada, sejam eles racionais ou irracionais (WHITMONT, 2010, p. 35).

O cenário presente no sonho era composto por uma casa abandonada, coberta por mato e habitada por uma família de quatro pessoas. A casa pode simbolizar o seu interior de **J.**, que mesmo sendo apresentada como abandonada, é rodeada por mato e insetos que podem simbolizar vida (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Neste contexto, **J.** está vendo uma cena de cima de uma árvore, com uma perspectiva ampla. A cena retratada é a da mãe colocando tapetes no chão por conta da morte dos seus filhos, que foram castigados pelo ato violento de um dos irmãos contra um gato. “Depois da morte de alguém, certos ritos populares se relacionam com os tapetes. Assim, em Fez, os tapetes da casa do falecido têm de ser substituídos por esteiras trazidas de uma mesquita. Estas cobrem o chão da casa durante três dias, incluindo o dia da morte” (CHEVALIER, GHEERBRANT; 2001, p. 864). Parece que **J.** observa o seu processo interno de transformação por meio das mortes no sonho, que são simbólicas e podem representar partes de dentro de si que morrem para que ele se desenvolva. Como já dito, morrer é necessário na jornada do herói para que ele renasça transformado.

Ao sair da árvore, **J.** se depara com uma serpente amarela e logo em seguida uma serpente preta. O amarelo é uma cor expansiva, da vida, da fertilidade, mas também pode indicar a aproximação da morte. A cor preta é uma cor de luto no Ocidente, indicando o término. Já no Egito Antigo e na África do Norte, simboliza a fecundidade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Muitas vezes nas representações da alquimia as serpentes são vistas dentro dos tubos de ensaio, tendo em vista que é ali que irão passar por consecutivas transformações. São a prima matéria que morre, se separa, apodrece e renasce (EDINGER, 2008). “A serpente permanece o senhor

da dialética vital, o ancestral mítico, o herói civilizador, o dom-Juan mestre das mulheres e, assim, o pai de todos os heróis ou profetas que, como Dionísio, surgem num momento determinado da história para regenerar a humanidade” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 822). Possui um caráter ambivalente pois pode matar com o seu veneno, evidenciando a sua força hostil e agressiva (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Todavia, é com a mesma força e agressividade que é capaz de regenerar a partir da morte. As serpentes que aparecem no sonho de **J.** podem representar partes de si que se regeneram após a morte.

Além disso, após se deparar com as serpentes, o garoto cai na terra e perde o controle, como se ele se afastasse das partes de si que morreram. **J.** cai no barranco como uma semente que cai na terra e depois germina, resultando em uma nova planta. É necessário afastar-se de suas partes mortas para fertilizar e produzir novos frutos. Essa cena pode ser interpretada como um momento em que a criança está se preparando para abandonar a fase da infância para entrar em outra, a da adolescência.

Por fim, no pesadelo **J.** compartilha que, após cair do barranco, tropeçou em uma pedra e caiu de costas. Nelas tinha um caranguejo, que pode simbolizar a transcendência (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Segundo Carl G. Jung (1964), a transcendência é um simbolismo ligado às tradições sagradas e atrelado aos períodos de transição da vida humana, uma forma de libertação, em que o ser humano se liberta de qualquer estado de imaturidade (JUNG, 1964).

O caranguejo é um avatar das forças vitais transcendentais, as mais das vezes de origem ctoniana, mas também uraniana. O caranguejo vermelho da Melanésia, que revelou a magia aos homens, é um exemplo disso, enquanto que o caranguejo mítico do fundo dos oceanos, cujos movimentos desencadeiam as tempestades, é uma figura tipicamente ctoniana, que permite incluir esse animal entre os grandes cosmóforos, tais como a tartaruga, o crocodilo, o elefante” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 186).

A partir do simbolismo do caranguejo, é possível interpretar o seu aparecimento como um marco importante no final do sonho de **J.**, pois destaca a aproximação do fim de um ciclo de sua vida, a infância, e evidencia a obtenção de uma maturidade do participante a partir das mortes simbólicas presenciadas no conteúdo onírico.



I.

I. tem 13 anos e se mostrou curiosa e interessada em realizar a atividade proposta pela pesquisadora. Mostrou-se bem expressiva, o que foi observado nas relações que tinha com os outros participantes durante a atividade. Parecia às vezes tentar chamar a atenção deles quando ela ou eles estavam realizando a colagem. Antes de sua vez chegar, I. já queria escolher e garantir as figuras que colaria na cartolina, com receio de não as ter no momento da atividade. A pesquisadora ressaltou para a I. que todos tinham as mesmas figuras e que ela não precisava se preocupar com isso, mesmo assim ela continuou por um tempo com a atitude.

Após a produção da colagem, foram realizadas algumas perguntas para compreender os elementos colocados no papel. I. realizou explicações rápidas e curtas, não se aprofundando muito. Além disso, os seus relatos foram confusos em

alguns momentos. A duração da primeira etapa da atividade durou aproximadamente treze minutos. Já a segunda etapa, a da colagem, foi realizada em aproximadamente trinta minutos e a conversa sobre a obra final durou em torno de onze minutos.

Para a análise da colagem, a pesquisadora primeiro transcreveu tudo o que foi gravado nas duas etapas do trabalho. Posteriormente, selecionou e separou os elementos presentes na obra de I.. A pesquisadora primeiro colocou como foi apresentado cada elemento e o que a entrevistada falou sobre cada um, revisando as duas etapas do trabalho que falou sobre si e sobre a sua colagem. Tudo o que foi dito com as próprias palavras da entrevistada foi colocado em itálico. Por fim, foi feita uma análise de tudo aquilo que foi relevante para o estudo, realizando associações com conceitos teóricos, para uma compreensão mais efetiva de tudo que foi compartilhado e para poder assim retomar o objetivo do trabalho. No final da análise terá a imagem da colagem realizada.

### Análise da colagem

O surfe para I. é presente com mais frequência no ambiente do IEE, pois aos fins de semanas sai com as suas amigas que não praticam o esporte e nos outros dias da semana não tem companhia para ir surfar. Quatro esportes estão presentes em sua rotina: surfe, jiu-jitsu, tênis de praia e futebol. Pratica o surfe no Instituto faz um ano, mas a introdução ao esporte ocorreu anteriormente, com o seu tio de consideração. I. compartilha que desde pequena ama água e sempre ficava nela ao ir para a praia e que na época não gostava muito do esporte, mas que o praticava porque os seus tios gostavam. Todavia, revela que a primeira vez que teve a sensação de ser levada pela onda deitada em uma prancha foi de vitória.

*I. - Foi uma sensação de vitória, foi uma sensação de que você gosta daquilo.*

No entanto, compartilhou que o interesse maior pelo surfe se deu com a sua entrada no IEE. Segundo I., sua mãe a obrigava a ir para as aulas de surfe, e logo em seu primeiro dia o professor a trocou de um bodyboard para uma prancha. Ela citou que a sua paixão pelo surfe teve início com a entrada de um outro professor no instituto, pois sempre lhe deu muita atenção. Revelou que a partir desse momento descobriu que o que quer da sua vida é o surfe. Compartilhou que em seu futuro quer

ser surfista profissional, mas que também pensa em ser advogada por conta de seu avô, desejo também compartilhado por sua família. O seu avô faleceu antes de I. ter a oportunidade de conhecê-lo, mas sabe que ele foi o responsável por sua família ter um terreno em Maresias.

A participante revelou que possui incentivo no surfe por meio do patrocínio do seu tio que a introduziu no esporte. O âmbito profissional no esporte também foi presente na vida de seu pai, que teve uma carreira como jogador profissional de futebol, mas em decorrência do falecimento de sua mãe, avó de I., precisou interromper o seu sonho e ir para Bahia para administrar as terras dos seus pais.

A respeito da prática do surfe, I. revelou que gosta de surfar com a companhia dos integrantes do IEE. Ela retomou a sua relação com o novo professor do Instituto, pois segundo ela, o professor antigo não lhe dava atenção, diferentemente do novo, que dá atenção a todos.

*I. - Sabe aquele professor que você sabe que vai tá ali pra te ajudar pra qualquer coisa? Então, o T. era esse professor, ele me ajudou pra caramba, me incentivou, ele sempre foi o professor que me ajudou com tudo, aí quando a outra professora chegou, ela também começou a me ajudar e foi muito legal.*

Sobre a sensação que tem ao surfar, I. revelou uma conexão com o mar e com o esporte.

*I. - Quando eu tô no mar com a prancha ou só no mar, é como se o mundo ali não existisse, é só eu e aquilo ali.*

A sua maior dificuldade no surfe é a prancha que utiliza para surfar. Atualmente usa um stand-up, ressaltando que é um “stand-up profissional”, uma prancha maior, que flutua bastante na água, permite que o surfista entre com mais facilidade na onda e ajuda no equilíbrio ao ficar em pé. Todavia dificulta as manobras. Quando tenta surfar de pranchinha, possui mais dificuldade para entrar na onda.

Ao falar das pessoas que admira no mundo do surfe, citou T., o atual professor do IEE, pelo seu surfe e sua versatilidade em surfar com qualquer prancha, a forma que realiza as manobras e a forma como ensina.

*I. - Quando eu crescer eu quero muito dar aula aqui e tentar chegar aos pés do Matheus porque ele é muito bom, eu admiro muito ele.*

Também admira outra professora que saiu do IEE, revelando que o seu ensino era diferente por ser uma menina. Além disso, segundo **I.**, a professora já tentou fazer parte do mundo profissional do surfe, mas não conseguiu e assim começou a dar aula.

*I. - Ela ajuda a gente de uma forma totalmente diferente por ela ser menina.*

A participante compartilhou que os seus ídolos famosos no surfe são Ítalo Ferreira e Gabriel Medina, pois admira a capacidade deles de terem chegado aonde estão atualmente, na elite profissional do surfe, a forma como surfam, inspiram e ajudam as pessoas.

*I. - Se eu pudesse fazer um pedido pra essas pessoas seria a mesma coisa da **M.**, não desista porque é muito gratificante pra gente ver que eles chegaram lá porque aqui no Brasil a gente não tem muitos meios e eles conseguiram, então talvez a gente também consiga. Tipo, o Gabriel começou aqui em Maresias e depois foi crescendo, passou por muita coisa né, mas conseguiu chegar lá e ser quem ele é hoje, conhecido pelo mundo inteiro.*

A respeito da colagem que realizou, **I.** iniciou dizendo que o seu desenho foi “sarcástico” pela cena retratada de uma menina empurrando a outra. Elas estão surfando na mesma prancha porque o professor as obrigou, mas segundo **I.**, não se gostam e são inimigas. O motivo por não se gostarem é porque uma imitou a roupa da outra.

*I. - Ela falou “agora você vai morrer pros tubarões”, aí jogou.*

Três figuras estão surfando no mar da colagem. Uma figura de uma surfista humana outras duas personagens do filme “Lilo e Stitch”, que estão compartilhando a mesma prancha. Segundo **I.**, a surfista humana está feliz surfando a onda e está bem posicionada.

Dentro da água colocou peixes, alguns reais, outros em desenho, sendo que um deles é o personagem Nemo, do filme “Procurando Nemo”, o Linguado e o caranguejo do filme “A Pequena Sereia”. Outras figuras humanas que colocou foram a Ariel do filme “Pequena Sereia” e o surfista profissional Ítalo Ferreira. As figuras que foram citadas estão na parte esquerda do mar na cartolina. Na parte direita, I. colocou uma baleia, mais próxima do meio, um tubarão, mais próximo do canto direito da folha, e entre ambas as figuras colocou um monstro marinho do filme da Disney “Luca”.

O “monstrinho”, segundo ela, é fruto da união entre a baleia e o tubarão. Segundo I., não é uma família unida, mas a proximidade que existe é maior entre a mãe e o filho, pois o pai é muito nervoso. Segundo ela, o tubarão, o pai do “monstrinho”, já tentou comê-lo porque achava que era um humano. Mesmo assim, de acordo com ela, o tubarão tem uma boa relação com o filho. A baleia, a mãe do “monstrinho”, também tem uma boa relação com o filho e é uma mãe que esquece as coisas, fazendo referência à personagem Dory do filme “Procurando Nemo”. I. citou que o monstrinho não possui irmãos e as companhias que gosta dentro do mar são a Ariel e o Ítalo Ferreira, seus amigos mais próximos. Também I. compartilhou que o “monstrinho” não gosta de viver no mar e que gostaria de ir para a superfície, pois assim poderia se transformar em um humano.

Ao falar de Ariel, diz que os peixes próximos, animados, são seus amigos. I. também descreve a sereia e o “monstrinho” como psicopatas por conseguirem ver peixes imaginários, animados. No entanto, ressalta que Ariel e o “monstrinho” são reais (apesar de também serem desenhos animados de filme).

*I. - É como se eles imaginassem o que os animados falassem igual a eles e os peixes não falam.*

Outra figura humana colocada na colagem foi o surfista profissional Ítalo Ferreira. Ao falar de Ítalo, disse:

*I. - O Ítalo caiu ali pra se afogar.*

Próximo dele possui peixes, reais, que tenta pescar. Os peixes, que são animações, não são vistos por Ítalo, apenas pelo “monstrinho” e pela Ariel. De acordo com I., Ítalo está afastado das meninas por elas acharem que ele é um psicopata por

ver Ariel e o “monstrinho”. **I.** revelou que Ítalo fala para elas ficarem distantes de Ariel e o “monstrinho”, mas elas não acreditam nele, porque não acham que tais figuras existem. O motivo pelo qual o surfista sugere que as garotas fiquem distante de tais figuras é que, por mais que sejam do bem, podem dar medo.

***I.** - Por isso que ele fica afastado, ele fica afastado do povo e tem os seus amigos imaginários, como o ser humano acha, só que na verdade não é.*

O céu representado por **I.** está nublado, com várias nuvens e chovem estrelas. Segundo ela, o motivo pelo qual representou esse céu foi porque todas as outras crianças representaram um céu ensolarado. Além disso, embaixo das nuvens colocou estrelas nas cores: prata, dourado, azul e vermelho. Segundo **I.**, essas cores estão presentes na bandeira dos Estados Unidos, com exceção do dourado, mas quis representar o Brasil com tal cor. Também utilizou a cor cinza para pintar o céu.

***I.** - Ele tá todo nublado, bem chuvoso, bem bem chuvoso, porque a **M.** fez ensolarado e eu fiz chuvoso pra destacar, porque todo mundo queria fazer ensolarado, aí eu fiz chuvoso. Ai tá bem chuvoso, por isso que tá chovendo estrela.*

O mar representado na cartolina, segundo **I.**, está bem nervoso e bravo. Diversas ondas foram coladas no mar. Segundo a criança, as ondas são grandes, com cerca de dois metros de altura. O mar foi representado com papel crepom azul escuro e preencheu grande parte da folha. Todos os personagens, humanos e não humanos, reais e animados, foram colados dentro da água. **I.** revelou que tem dias em que o mar está calmo e tem dias que está movimentado.

***I.** - Um dia tá calmo, outro dia tá movimentado, quando tá calmo eles vão pro fundo, quando tá movimentado eles vão pro raso porque eles gostam da espuma e no fundo não tem espuma.*

Embaixo do mar, na base da folha, colocou uma linha de algodão para representar as espumas do mar. Segundo **I.**, por ter chovido estrelas, elas estão presentes nas espumas. Abaixo da espuma, colou areia na cartolina.

O mar representado por **I.** é rico em elementos e ocupa grande parte da folha. “Quem olha dentro da água vê sua própria imagem, mas atrás dele surgem seres vivos; possivelmente peixes, habitantes inofensivos da profundidade - inofensivos se o ego não fosse mal-assombrado para muita gente” (JUNG, 2000, p. 34). Como já citado, o mar pode simbolizar o inconsciente e possui inúmeros conteúdos que enriquecem o Self do indivíduo. Assim como o mar é a fonte de vida dos animais, o mar inconsciente é fonte de vida psíquica (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001).

Nas mitologias egípcias, o nascimento da terra e da vida era concebido como uma emersão do oceano, à semelhança dos cômodos lamacentos que o Nilo deixa descobertos, quando suas águas baixam. É assim que a criação, mesmo a dos deuses, é oriunda das águas primordiais. O deus inicial era chamado à Terra que emerge (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 650).

É no mundo marinho que os peixes nascem, crescem, se transformam e morrem. Ele pode simbolizar, portanto, um estado transitório, que ao mesmo tempo abriga a vida, mas também a morte. O peixe pode simbolizar “nascimento ou restauração cíclica” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 703). É um animal que compõe a vida no mar, e pode representar os conteúdos presentes na vida inconsciente, que também é marcado pelo caráter cíclico de vida e morte.

A cor azul escura do mar também pode compor o simbolismo inconsciente. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2001), o azul tem a sua tendência natural de escurecer, podendo simbolizar a consciência cedendo aos poucos ao inconsciente (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). “Domínio, ou antes, clima da irrealidade - ou da super-realidade - imóvel, o azul resolve em si mesmo as contradições, as alternâncias - tal como a do dia e da noite - que dão ritmo à vida humana” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p.107). As contradições são existentes no mar representado por **I.** Com uma riqueza de seres, o seu mar é composto por várias espécies que, segundo ela, alternam-se entre reais e imaginárias.

Os peixes ao lado da sereia Ariel, o Linguado e o peixe palhaço Nemo, são relatados como fruto da imaginação da sereia, e por isso a criança diz que Ariel é psicopata. O termo psicopata utilizado pela participante parece ter o sentido de dizer que a personagem imagina coisas que não são acessíveis a outros seres, por serem fruto de sua imaginação. É possível observar uma contradição no relato de **I.**, pois revela que os peixes animados são imaginários, enquanto Ariel, que também é um personagem animado, é real. É importante ressaltar que o inconsciente tem a sua

própria linguagem, atemporal e não linear, e o termo contraditório diz respeito ao ponto de vista da consciência. Enquanto para a consciência tais conteúdos são marcados por uma contradição, na realidade, na esfera inconsciente é apenas a linguagem pelo qual o inconsciente se expressa.

A sereia inserida na colagem pode simbolizar o arquétipo anima. O termo anima significa alma.

Um ser que tem alma é um ser vivo. Alma é o que vive no homem, aquilo que vive por si só gera vida (...) Ela (a alma) convence-nos de coisas inacreditáveis para que a vida seja vivida. A alma é cheia de ciladas e armadilhas para que o homem tombe, caia por terra, nela se emaranhe e fique preso, para que a vida seja vivida (...) Se não fosse a mobilidade e iridescência da alma, o homem estagnaria em sua maior paixão, a inércia” (JUNG, 2000, p. 36).

A anima gera movimento, que possibilita o viver do sujeito e o enfrentamento dos obstáculos. Ela indica a vida existente no inconsciente. É um arquétipo que diz respeito a uma dinâmica feminina, que revela o contato com as emoções, um lado temido que seduz e devora (JUNG, 2000).

A sereia, embora possa ser atrelada ao inconsciente, com o seu lado peixe, animal marinho, também possui uma parte humana. Essa parte humana pode ser ligada ao “real” (uso as aspas porque identificar a consciência como real pode tender a identificar o inconsciente como irreal, o que não é uma verdade), ao palpável, ao que está fora do mar inconsciente, a consciência. O caráter ambíguo da sereia pode representar um importante símbolo que integra a consciência e o inconsciente e que permite um contato com as profundezas inconscientes, com as emoções e que, ao mesmo tempo que pode ser algo acolhedor, tem o seu caráter que assusta, dá medo.

Se compararmos a vida a uma viagem, as sereias aparecem como emboscadas oriundas dos desejos e das paixões. Como vêm dos elementos indeterminados do ar (pássaros) ou do mar (peixes), vê-se nelas criações do inconsciente, sonhos fascinantes e aterrorizantes, nos quais se esboçam as pulsões obscuras e primitivas do homem. Elas simbolizam a autodestruição do desejo, ao qual uma imaginação pervertida apresentou apenas um sonho insensato, ao invés de um objeto real e uma ação realizável (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 814).

O caráter sombrio do inconsciente foi observado ao falar do surfista Ítalo Ferreira. Como ela própria diz, o surfista profissional se afoga no mar e nos conteúdos nele presentes. Ele é visto como “louco”, “psicopata”, por entrar em contato com aquilo que é desconhecido pela consciência. Ítalo também pede para as surfistas da

superfície, presentes na consciência, manterem distância da sereia, porque o desconhecido pode assustar, gerar medo e ter um caráter destrutivo, quando não integrado de forma cuidadosa e saudável. No entanto, quando a integração é positiva, a pessoa pode realizar uma aproximação com o seu Self.

Ainda sobre a figura do surfista, ele pode simbolizar aquele que entra nas profundezas do mar e que transita da consciência para o inconsciente. Segundo I., ele se afoga, mas ao mesmo tempo vivencia o ambiente marinho e pode se alimentar dele, com os peixes presentes, os conteúdos inconscientes (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Ainda nas profundezas da psique, o surfista se relaciona com a sereia e o “monstrinho”. A aproximação dele com as figuras que estão inseridas no cenário inconsciente, onde o imaginário perpassa, é visto como algo ruim pelas figuras que se encontram na consciência, retomando o caráter sombrio e perturbador que o desconhecido pode ter.

Além dos peixes que rodeiam Ariel e Ítalo, um tubarão, uma baleia e um “monstrinho” foram colocados no canto direito da folha. Segundo I., eles compõem uma família, sendo a mãe a baleia, o pai o tubarão, e o filho o “monstrinho”. O tubarão pode simbolizar o arquétipo animus. Algumas características associadas a esse arquétipo são a agressividade, a autoridade e a racionalidade (WHITMONT, 2010). Em sua própria fala, a participante definiu o pai do “monstrinho” como uma figura nervosa, que quer comer humanos e que tentou comer o próprio filho por achar que era um humano. Segundo I., apesar de ter uma relação boa com o “monstrinho”, é a figura que está mais afastada na relação familiar, por ser nervoso. A ideia de devorar o próprio filho pode ser associada ao mito de Cronos, que devora os seus filhos para não ser destronado, assim tentando fugir da predação. Ele “simboliza a fome devoradora da vida, o desejo insaciável” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 307). A agressividade representada pela figura do tubarão e associada ao pai pode retomar o simbolismo do caráter destrutivo que alguns elementos inconscientes podem ter, quando não bem integrados com o ego.

Ao mesmo tempo em que a agressividade devora, visto no tubarão ao tentar devorar o seu filho, também pode ser positiva, pois gera movimento e é uma energia de disposição e de ação. Sem a agressividade o ser humano permanece em uma inércia, sem se direcionar para um caminho de transformação e mudança. Também é possível compreender o pai do “monstrinho” exercendo a função paterna. Exercendo uma figura de autoridade, a função paterna oferece referenciais de ver e interagir com

o mundo, de acordo com a moral e os costumes vigentes, tendo um papel importante para preparar a criança para o mundo externo e os desafios que serão enfrentados (LIMA FILHO, 2002).

A respeito da baleia, I. revelou que é a mãe do “monstrinho”. Foi caracterizada como uma mãe que esquece as coisas, mas que possui uma boa relação com o seu filho. A baleia é um mamífero que pode se aproximar da figura do maternal e do arquétipo materno.

Seus atributos são o “maternal”: simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o iugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos. O devorador, o sedutor e venenoso, o apavorante e fatal (JUNG, 2000, p. 92).

Diferentemente do tubarão, a baleia não ataca os humanos, é a figura que sustenta, é bondosa e proporciona as condições de crescimento do “monstrinho”. Uma das doações maternas que podem existir envolve continência, alimento afetivo e confiança para que seu filho lide com o mundo. Além disso, a figura da baleia pode representar a arca presente no mito de Jonas, em que ele entra na baleia, simbolizando a morte iniciática, e sai da baleia simbolizando o novo nascimento (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Essa simbologia pode ser relacionada com a fase de vida em que I. está, em que consiste em uma morte da criança dentro de si, para que ocorra o nascimento da adolescência em sua vida.

No núcleo familiar do “monstrinho”, tanto a baleia quanto o tubarão têm um papel importante para o seu desenvolvimento. A baleia é a figura materna que acolhe e que proporciona condições para o seu desenvolvimento, a partir da morte, transformação e renascimento. Entretanto, para que esse desenvolvimento de fato ocorra, é necessário o caráter agressivo do tubarão, quando presente de forma equilibrada, pois é a agressividade que impulsiona e gera o movimento. O “monstrinho”, fruto da união entre o tubarão e a baleia, forças vitais e opostas, necessárias na vida do sujeito, é uma figura que não gosta de habitar nas profundezas do mar, quer ir para a superfície, local onde pode tornar-se humano. Compreendendo a superfície como o consciente, o conteúdo inconsciente tem a necessidade de emergir para a consciência e ampliá-la, processo que faz parte da integração psíquica e do processo de individuação do indivíduo. Ser humano implica nos aspectos da

psique como um todo, inconsciente e consciente, e o movimento do “monstrinho” de se humanizar revela a integração desses aspectos. Tanto o movimento do “monstrinho”, de querer ir para a superfície, quanto o movimento do surfista Ítalo, de ir para as profundezas do mar, revelam um processo cíclico, da individuação, de uma ampliação da consciência que aproxima cada vez mais o indivíduo de seu self, a totalidade. Os movimentos inversos também revelam a dinâmica de compensação da psique da união dos opostos, que busca fugir de uma dinâmica unilateral.

O momento de vida em que a participante está é marcado por uma transitoriedade física e psíquica, da infância para a adolescência. O seu corpo se modifica, assim como a psique. No início da vida a dinâmica psíquica de maior incidência é a dinâmica matriarcal, em que o inconsciente predomina, é marcada pelas emoções, rege-se pelo princípio de Eros, é mais ligado à sobrevivência, a criatividade, a fantasia, a fertilidade, o arquétipo da Grande Mãe é o arquétipo dominante e a libido têm sentido introvertido. Ao longo do desenvolvimento, o indivíduo entra progressivamente e gradativamente em contato com o mundo externo, se relacionando com ele e se adaptando. A dinâmica psíquica mais incidente passa a ser patriarcal, que é marcada por um desenvolvimento maior da consciência, ocorrendo uma polarização entre consciente e inconsciente, em que o ego tem um papel importante de mediação entre o mundo interno e o mundo externo. O predomínio da consciência, a capacidade de ambivalência, o sentido extrovertido da libido, o princípio da causalidade, o logos, o intelecto, a discriminação, a ética, a lei, os costumes sociais e o arquétipo paterno são marcantes nesse dinamismo. Dada a polaridade presente nessa dinâmica psíquica, o mecanismo compensatório do inconsciente é marcante (LIMA FILHO, 2002).

O mar representado na colagem é marcado por uma mescla daquilo que é real e daquilo que é imaginário, trazendo uma mistura de elementos que compõem o movimento das águas, imprevisível e diverso. Em contrapartida, apesar da sua superfície ser marcada pelas ondas do mar que não são uniformes, existe uma certa linearidade na colocação delas, de ponta a ponta, uma ao lado da outra. Também na base da folha feita com areia, a espuma que delimita aquilo que é mar e o que é areia, o céu com nuvens também de ponta a ponta, as chuvas de estrela concentradas e separadas por cores, marcam uma maior organização. Em contrapartida, o mar não possui uma linearidade na distribuição dos seres vivos e a própria fala de I. sobre eles é contraditória e não linear. É possível interpretar que ao se aproximar da consciência,

se inicia uma discriminação feita pelo ego e a necessidade de uma linearidade e organização. “O ego contém a nossa capacidade para dominar e manipular vastas somas de material dentro da consciência. É um poderoso ímã associativo e um agente organizacional” (STEIN, 2000, p. 27).

As ondas que emergem do mar com certa intensidade e tamanho, segundo I., de dois metros de altura, podem representar as irrupções de um inconsciente rico em conteúdos que contém bastante energia e que fogem do controle da consciência. “(...) O mergulho nas ondas indica uma ruptura com a vida habitual: mudança radical nas ideias, nas atitudes, no comportamento, na existência” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 658).

Sobre as ondas, I. insere três mulheres surfando: uma delas surfa sozinha, enquanto duas crianças estão em cima de uma mesma prancha e retratam uma cena de conflito, em que uma está empurrando a outra. O motivo pelo qual estão em atrito é o fato de uma imitar a roupa da outra. Esta cena pode indicar uma dificuldade de compartilhar e conviver com o outro, visto que ambas não suportam estar na mesma prancha e terem roupas iguais. Ambas estão na superfície, na esfera consciente, em que o contato com o mundo e, conseqüentemente com as pessoas inseridas nele, não é apenas inevitável, mas também importante para o desenvolvimento do indivíduo como um todo. A dificuldade de compartilhamento foi vista também antes da realização da atividade. Ao selecionar as figuras que gostaria de colar na cartolina, queria pegar todas as figuras para si, com receio de que outro participante pegasse as imagens que queria. A ação da menina de empurrar a outra da prancha gerou conseqüências para ambas. A menina, ao empurrar a outra, embicou a prancha na água, se colocando também em risco de cair no mar e ser devorada pelo tubarão. A capacidade de viver em coletivo e compartilhar é importante, e quando essa capacidade não é desenvolvida, pode interferir nos relacionamentos com o mundo, em um isolamento, em um comprometimento emocional e sofrimento. Traz um caráter destrutivo da agressividade, em que o ato de empurrar revela que a criança ao ferir o outro, fere a si mesma (FERNANDES; CALADO; ARAUJO, 2018).

O céu elaborado por I. em sua colagem é marcado por uma tonalidade cinzenta, com nuvens colocadas linearmente, algumas carregadas com raio e outras não. As nuvens são fontes de fecundidade, pois produzem a chuva, que fertiliza a terra e fornece água para os seres. Pode simbolizar a metamorfose em virtude do seu vir a ser (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). As nuvens na colagem produzem uma

chuva de estrelas, douradas, azuis, vermelhas e brancas, que transitam em todos os planos da folha, no céu, no oceano, na espuma e na areia. A presença de estrelas em todos os planos da folha pode indicar uma comunicação e transição entre eles, elas fazem uma conexão entre o céu e a base, o que indica que os elementos não estão dissociados e existe um movimento de integração. As estrelas podem simbolizar a qualidade de iluminar. “Estreitamente ligada ao céu, do qual depende, a Estrela evoca também os mistérios do sono e da noite, para resplandecer com seu brilho pessoal, o homem deve situar-se nos grandes ritmos cósmicos e harmonizar-se com eles” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 409). A estrela, como elemento que ilumina e que pode ser associada à consciência, perpassa a esfera inconsciente e indica uma comunicação entre as esferas, o que as aproxima e se distancia de uma unilateralidade que resulta em um desequilíbrio no dinamismo da psique.

Além do simbolismo das estrelas, a criança utilizou quatro cores. O amarelo dourado na cosmologia mexicana é atrelado à cor da terra que irá ser preenchida por verde novamente, no início das estações das chuvas, portanto, indicando uma terra fértil em que proporcionará o nascimento das plantas (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Na colagem, esta cor pode simbolizar as condições que proporcionam o nascimento, ou renascimento após a morte, remetendo ao ciclo da vida que é importante para o desenvolvimento. Para o amadurecimento do indivíduo, principalmente em uma fase de transição, é importante que a morte de parte de si ocorra para que aconteça o nascimento de novas partes. Já o azul, utilizado em uma das nuvens de estrelas, é uma cor que pode simbolizar os aspectos do inconsciente. “Os movimentos e os sons, assim como as formas desaparecem no azul, afogam-se nele” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 107), assim como a figura do surfista profissional, que segundo a criança se afoga no azul, na esfera em que o material, o racional, o concreto não estão presentes. A perdição no azul, que indica uma unilateralidade e uma ausência de equilíbrio, pode deprimir o indivíduo, visto no termo da linguagem popular “não vejo senão azul”, que retrata a ideia de não conseguir ver nada (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Já o branco, utilizado em outra nuvem de cores, na sociedade é atrelado a um valor de limite ao ser colocado no início ou no término da vida. Além disso, é uma cor muito presente nos ritos de passagem, simbolizando a morte e o renascimento (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Dado o seu simbolismo, o branco relaciona-se também com a transição presente no desenvolvimento da totalidade do indivíduo. Por fim, a cor vermelha também é

utilizada em outra nuvem de estrelas. Cor que pode simbolizar a vida, cor de fogo e sangue. “Cor do fogo central do homem e da terra, o do ventre e do atamor<sup>16</sup> dos alquimistas, onde pela obra em vermelho, se opera a digestão, o amadurecimento, a geração ou a regeneração do homem ou da obra” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 944). O vermelho pode estar atrelado ao matriarcal, ao uterino, podendo simbolizar assim as condições para o desenvolvimento do ser. Pode incitar também à ação e à força impulsiva. Também é uma cor que pode remeter à união (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Como visto, o vermelho possui uma riqueza em sua simbologia e que ao ser colocado na colagem pode também estar relacionado à fase de transformação em que I. se encontra. O processo de amadurecimento ocorre a partir da ação, em que a geração e a regeneração estão presentes e, para que ocorra de forma efetiva, um ambiente uterino, ou seja, acolhedor, protetor e nutritivo, é essencial.



<sup>16</sup> Forno utilizado na alquimia

### Síntese e relação entre as análises elaboradas

O uso da expressão artística, que no presente estudo foi a colagem, é uma forma de comunicação simbólica que auxilia no processo de autocompreensão. A interpretação realizada a partir da produção, é uma possibilidade de entrar em contato com o mundo interno do indivíduo, evidenciando as suas emoções, fraquezas, recursos e potencialidades. O uso de tal recurso permite, portanto, um conhecimento essencial para a possibilidade de mudança que auxilia no desenvolvimento individual. Aqui se insere o arquétipo do curador-ferido, em que aquele que realiza a atividade entra em contato com suas feridas e recursos de sua psique, com o auxílio de uma figura externa, o curador, que seria a pesquisadora (FURTH, 2004). Ao mesmo tempo, a pesquisadora, ao entrar em contato com os conteúdos evidenciados na colagem, também vê suas próprias feridas e entra em um processo de cura com o auxílio indireto dos participantes curadores.

A pesquisa realizada parte da premissa de que, ao entrar em contato com as produções elaboradas conscientemente por cada participante, e assim com os seus símbolos, aceita-se a presença do inconsciente e assim uma aproximação com o mundo interno. É necessário ressaltar que o estudo procura realizar uma investigação a partir daquilo que foi colocado na colagem, mas trata-se apenas de hipóteses que a pesquisadora criou na ausência das crianças e, portanto, se distancia de um processo terapêutico marcado por uma continuidade e troca entre terapeuta e paciente.

A primeira criança, **M.**, simboliza no mar criado em sua colagem o aspecto transitório de suas emoções, em que em alguns momentos está feliz, noutros tem raiva e medo. **M.** revela uma consciência dos perigos presentes no mar pois, ao mesmo tempo que ele gera vida, também pode gerar a morte. O mesmo pode ser pensado a respeito do inconsciente, que mesmo podendo dar medo por possuir aspectos desconhecidos pela consciência, revelado por exemplo em um mar turvo que dá medo à criança, ele proporciona a transformação da psique, a vida. Apesar do medo, **M.** possui recursos para entrar no mar e surfar as ondas. O recurso é visto além do mar que representa, mas também na areia amarela que se coloca na base do papel.

A areia no fundo do mar é uma base que influencia na formação das ondas, assim como o Self, que possui a função de regular e organizar a psique. O amarelo representado pode indicar a capacidade de renovação, transformação de sua

totalidade. Parte de seu recurso também é visto nas águas vivas que coloca no mar, que podem simbolizar o inconsciente, uma capacidade de defesa e a necessidade da agressividade para isso. As estrelas do mar também são um recurso, que podem simbolizar a qualidade de iluminar, de ampliar a consciência que é parte do processo de individuação da criança. Além de ser um recurso, também podem revelar a orientação do ego para o tipo extroversão indicando uma maior facilidade para se relacionar com os outros e se inserir no coletivo. As nuvens e o sol também podem evidenciar recursos da criança, por trazerem um aspecto de fecundidade, fertilidade, que se atrela a um desenvolvimento individual.

Ao mesmo tempo que os recursos existentes na esfera inconsciente da psique são importantes para seu desenvolvimento, **M.** compartilha a importância e necessidade de ter algo que se aproxime ao concreto, visto nas pedras, que servem de ponto de referência e lhe dão um sentimento de segurança.

Também traz um olhar para o coletivo e sua paixão por ensinar ao retratar uma surfista ensinando um garoto aprendiz como praticar o esporte. Também, no mar as águas vivas, as estrelas e os surfistas convivem no mesmo ambiente e compartilham dele. O seu oposto também é evidenciado e é marcado por uma individualidade na prática. No relato de **M.**, ela revela que se incomoda quando pessoas atrapalham o seu surfe dentro da água, por entrarem dentro do mar em um local errado. Além disso, na colagem, o seu aspecto mais individual é visto nas águas vivas que representa em seu mar e que podem ser interpretados como recursos de defesa que pode ativar quando necessário.

**M.** também compartilha a conexão que possui com o mar ao surfar, podendo simbolizar o arquétipo da anima. A conexão com o mar também envolve uma conexão com o surfe e com as emoções, também atreladas a tal arquétipo. Ao falar do mar, e a partir da hipótese da pesquisadora, o inconsciente também remete ao aspecto materno presente nele, ao **M.** citar lemanjá. A figura de lemanjá pode expressar o arquétipo da Grande Mãe, que traz tanto um aspecto destrutivo, aquela que seduz e devora, quanto atrelado a um aspecto acolhedor e nutritivo e que permite o desenvolvimento.

Por fim, **M.** traz a persona que um surfista pode carregar, ao retratar os surfistas profissionais e traz um caráter mais individualizante do esporte, pois o ensinar e o compartilhar não estão envolvidos neste âmbito competitivo.

A segunda criança retratada, **D.**, representa um mar em sua colagem que é marcado por uma transitoriedade, visto na calmaria e no mar mexido. Essas condições, segundo **D.**, são determinadas pelo tubarão presente no cenário. Apesar das duas possibilidades poderem existir, o mar representado por ele no cenário é mais inconstante, tempestuoso, com ondas grandes e vento. As ondas são difíceis de serem surfadas pelo surfista presente e não proporcionam uma continuidade para a realização do esporte. Compreendendo o mar como o inconsciente e as ondas como manifestações dele na consciência, a dificuldade no surfar pode ser entendida como uma dificuldade de lidar com a vida em alguns aspectos. O mundo interno muitas vezes torna-se assustador e as ondas que surgem, ou seja, as manifestações inconscientes, acabam promovendo um sofrimento ao indivíduo, ao invés do seu desenvolvimento.

A agressividade presente no cenário, marcado pela presença do tubarão e podendo ser associado ao arquétipo animus, resulta em um mar mexido e ruim para o surfe. Essa agressividade não parece ser vista como um recurso utilizado pela criança, mas como algo que, para ele, tem o caráter destruidor e que o priva e afasta do afeto. Ao mesmo tempo, a figura do tubarão é a única que se relaciona na cena, podendo evidenciar a importância da existência da agressividade. Essa energia impulsiona o indivíduo para as relações tanto com o mundo interno quanto com o mundo externo e, quando usada de forma saudável, proporciona o desenvolvimento da pessoa como um todo.

Em contrapartida, é colocada uma baleia em seu cenário, que pode simbolizar a possibilidade de transformação por meio da promoção de um acolhimento e nutrição afetiva. Ambos os animais precisam estar presentes na psique, um por proporcionar uma estrutura e assim a potencialidade de transformação e o outro por gerar o movimento e assim realização da transformação. As nuvens existentes no cenário podem também representar uma transformação por meio da tempestade, que pode causar a morte. A morte é necessária para a transformação e o renascimento.

A dificuldade de lidar com a agressividade, que ao invés de impulsionar para a vida o paralisa, pode ser compreendida como uma ausência de uma boa estrutura para lidar com os seus aspectos internos. O seu mar, interpretado como inconsciente, é colocado flutuando na folha, podendo atrelar-se a uma ausência de estrutura psíquica que possa lhe fornecer recursos para lidar com os seus próprios conteúdos.

A terceira criança que realizou a prática, foi **J.**, que retratou um mar também marcado por uma transitoriedade, em que as vezes está grande e as vezes pequeno. O caráter transitório do mar pode simbolizar a dinâmica inconsciente, que sempre está em movimento e constante transformação, especialmente em um momento de transição para a adolescência em que o participante está. Mesmo com ondas grandes, **J.** não identifica o mar como bravo. Compreendendo as ondas do mar como manifestações inconscientes, o relato da criança pode representar um pouco da dinâmica de sua psique, em que o inconsciente se manifesta na consciência de forma saudável, integrativa, proporcionando desenvolvimento e não com um caráter destrutivo. A boa relação com o seu mundo interno também é observada em situações em que, ao surfar, perdeu o controle, mas soube lidar com as emoções como a raiva e o medo. A relação saudável que parece ter com ambos os mundos, interno e externo, é vista também na conexão estabelecida com o mar. **J.** parece se conectar tanto com o mar propriamente dito, como com o seu mar inconsciente.

Uma dinâmica psíquica em prol do desenvolvimento do indivíduo requer uma boa estrutura psíquica que possibilite que o sujeito entre em contato com os seus aspectos internos de forma integrativa e saudável. Nas falas de **J.**, o garoto parece reconhecer o privilégio de ter uma boa base, vista na areia colocada em seu cenário. Segundo ele, a areia é valiosa assim como o ouro. O caráter precioso da areia pode ser relacionado à preciosidade da estrutura psíquica, que é base para o desenvolvimento do indivíduo, envolvendo nascimento, morte, transformação e renascimento, permitindo uma continuidade ao processo vital do ser humano, o de individuação. A sua boa estrutura psíquica é vista para além de lidar com as suas emoções de forma integrada, mas também em sua capacidade de dar continuidade ao movimento, a ação de se aventurar nas ondas dos mares. Essa potencialidade que possui de agir e de se aventurar é vista na identificação que realiza com o personagem Cadu Maverick e a trajetória do herói nele presente, que evolui no surfe e em sua vida, ao se aventurar em outras ondas com outros surfistas. Tal trajetória do herói, manifestada pelo arquétipo do herói, também é observada na figura de Aquaman. Ambos, enfrentam desafios e obstáculos difíceis, que resultam em uma morte simbólica, uma conseqüente transformação e uma nova vida.

A agressividade também é evidenciada na colagem elaborada por ele, ao colocar a figura de Poseidon, que simboliza o arquétipo animus e remete a uma energia necessária para promoção da ação e do movimento. Este Deus é responsável

por provocar a precipitação das nuvens e as chuvas como consequência, podendo simbolizar a fecundidade, a vida que emerge a partir da morte e da transformação. A transformação é muito presente quando se encontra de transição da infância para a adolescência.

Os elementos que marcam de forma evidente o aspecto da transformação são os animais que coloca na colagem: duas cobras e um caranguejo. Eles se apresentam num sonho que o garoto teve, que evidencia a necessidade da morte simbólica para ocorrer uma separação, apodrecimento e renascimento.

A última participante retratada no presente estudo foi I.. O mar representado por ela é rico em figuras, o que pode simbolizar uma riqueza na esfera inconsciente. Assim como o mar é fonte de vida para os seres vivos, o inconsciente é fonte de vida para a psique humana. Os peixes existentes podem representar o aspecto cíclico e vital dentro do ambiente marinho e do inconsciente, em que a vida e a morte estão presentes. Além disso, as figuras de Ariel, Ítalo e o “monstrinho” revelam um movimento entre a superfície e as profundezas marinhas.

O caráter contraditório na narrativa e na colagem de I. revela também um aspecto importante ao se pensar o inconsciente. Utilizar a lente consciente para compreender a consciência pode resultar em uma falha, tendo em vista que o inconsciente é marcado pela atemporalidade, imaginação e irracionalidade, enquanto a consciência é regida pelo oposto, o temporal, concreto e racional. Por isso, o termo contradição refere-se a uma lente consciente. Todavia, ao falar de Ariel, I. a apresenta como um ser real, enquanto os peixes que a rodeiam são personagens de filme, imaginários. No entanto, Ariel também é uma personagem, e assim também seria imaginária.

No mar de I., a sereia pode simbolizar o arquétipo anima, atrelado às emoções e ao caráter de seduzir e provocar a morte. Além disso, essa figura pode representar uma integração entre a esfera consciente e inconsciente, tendo em vista que possui uma conexão também com a superfície, com o mundo fora das profundezas do mar. Com isso, possui um lado atrelado à esfera inconsciente, e outro lado atrelado à esfera consciente, evidenciando uma integração entre os dois polos. Assim como a sereia, Ítalo e o “monstrinho” transitam entre os dois mundos. Enquanto Ítalo se afoga no mar, o inconsciente, o “monstrinho” deseja ir para a superfície e se humanizar, para a esfera consciente. A simbologia da humanização do “monstrinho”, com o desejo de ir para a

superfície, pode retratar que se desenvolver como um ser humano tem como etapa importante a integração entre os dois mundos.

Ao mesmo tempo que a integração entre as duas esferas é importante, os conteúdos que são desconhecidos pela consciência não deixam de ser assustadores e provocar medo. O isolamento do surfista Ítalo no mar, por entrar em contato com conteúdos que são desconhecidos pelas surfistas da superfície, pode representar esse medo daquilo que não é conhecido pela consciência.

A agressividade também está presente no mar retratado por I., representada pela figura do tubarão, caracterizado como uma figura nervosa e pai do “monstrinho”. Retrata por meio desse animal o caráter que pode ser destrutivo, mas ao mesmo tempo responsável por gerar movimento. O fato de o tubarão estar associado pela criança à função paterna pode representar uma figura que fornece referenciais, por meio de sua autoridade, para que seu filho consiga se relacionar com o mundo. A agressividade é o que dá a energia e impulsiona o ser para o mundo, interno e externo, e permite um desenvolvimento e continuidade do processo de individuação. Em contrapartida, o polo oposto, a baleia, associada ao maternal, fornece as condições necessárias para o desenvolvimento e para que ocorra um direcionamento ao mundo de forma adequada. As condições necessárias implicam em um acolhimento e uma nutrição. O desenvolver-se, que implica na integração entre os polos opostos, envolve a morte, a transformação e o renascimento.

A transição entre as esferas inconsciente e consciente, o constante movimento que implica em morte e vida, estão muito presentes no período de transição em que a criança se encontra entre a infância e a adolescência, em que cada vez mais realiza discriminações sobre o mundo e se desenvolve com mais autonomia. O céu é uma importante representação em sua colagem, no aspecto de transição e movimento de integração entre os mundos, consciente e inconsciente. As estrelas perpassam todos os planos da folha, do céu ao mar, da consciência ao inconsciente, e podem indicar a comunicação entre as esferas. As cores apresentadas em cada nuvem de estrelas revelam que o processo de integração envolvido implica no ciclo vital de morte, transformação e renascimento, em que ocorre geração e regeneração.

Ao mesmo tempo em que a criança parece revelar um caminho de integração e uma continuidade em seu processo de individuação, possui algumas dificuldades, como de se relacionar com o coletivo. Retrata em sua colagem a cena de uma surfista empurrando a outra. A capacidade de compartilhar com o outro é importante para o

estabelecimento dos relacionamentos com o mundo e faz parte do desenvolvimento individual. Quando este âmbito da vida está comprometido, pode dificultar tanto o desenvolvimento do sujeito como resultar em sofrimento em decorrência de um possível isolamento. Também nesta cena **I.** traz o caráter destrutivo que a agressividade pode ter na vida da pessoa.

Todos os entrevistados no presente estudo apresentaram como um dos temas centrais a transitoriedade. O mar representado em todas as colagens foi identificado como um ambiente sujeito a mudanças, em que em alguns momentos está mais calmo e em outros está mais agitado. Assim como no ambiente marinho, o movimento dinâmico que implica a mudança é visto no inconsciente. Quando possui energia suficiente, a esfera inconsciente se manifesta na consciência, assim como as ondas do mar, às vezes de forma mais revolta, como visto na colagem de **D.** e **I.**, às vezes de forma mais calma, visto nas colagens de **J.** e **M.**

A fase de vida que estão vivenciando é marcada por uma transição entre a infância e a adolescência, em que transformações físicas e psíquicas acontecem. Ter uma psique em processo de estruturação é importante em um momento de grandes mudanças, pois permite uma maior integração e relação entre as esferas psíquicas consciente e inconsciente, possibilitando um desenvolvimento individual saudável. Todas evidenciaram em suas colagens um caminho marcado por transformação, em que partes de si morrem, para que a transformação ocorra e assim um renascimento. Uma das crianças, **D.**, evidenciou uma maior dificuldade de se relacionar com os seus aspectos inconscientes, parecendo poder influenciar um pouco esse processo. O seu mar pareceu flutuar na folha e não parecia ter nada que fosse mais estruturante e organizador, podendo esta representação relacionar-se à sua dinâmica psíquica. A agressividade aparentou ter um caráter destruidor e um impasse para acessar o afeto, alimento da alma. Todavia, colocou em sua colagem indícios de que, mesmo com uma dificuldade maior, ainda está em direção a um caminho de transformação.

O surfe colocado nas colagens foi visto como ferramenta para entrar em contato com as emoções, seja felicidade, medo, raiva ou frustração. **M.** e **J.** colocaram surfistas felizes em surfar as ondas, mas também relataram na primeira etapa da atividade a possibilidade de o medo existir na prática. **I.** e **D.** apresentaram um surfe um pouco mais conturbado, com um mar mais agressivo, que apesar de proporcionar ondas, não eram fáceis de serem surfadas. **D.** fala de ondas que não dão continuidade e não proporcionam um bom surfe para o surfista, além de estar em uma situação de

risco com a possibilidade do ataque do tubarão. Na colagem de **I.**, apenas uma surfista, isoladamente, se diverte em uma onda, enquanto as duas outras surfistas não compartilham a onda por não conseguirem se relacionar e cooperar. O risco também se faz presente na colagem, pois um tubarão está no mar e pode atacar uma delas. Como um todo, é possível ver como as emoções podem variar na prática e como é importante entrar em contato com essas emoções. Se desenvolver não é uma tarefa fácil e é marcado por momentos mais calmos e momentos mais turbulentos. Os desafios podem ser importantes oportunidades para se conhecer, testar os próprios limites, ativar recursos existentes ou criar novos recursos de enfrentamento, ampliando possibilidades de ser, agir e escolher.

O tema da coletividade também foi evidenciado nas colagens. Na produção de **M.** e **J.**, os surfistas colocados surfando no mar compartilham a mesma onda e se divertem, ao contrário da produção de **I.**, em que duas surfistas se encontram na mesma prancha, mas não se relacionam e não querem compartilhar a mesma onda, a mesma roupa e a mesma prancha. **M.** revela na atividade sua paixão por ensinar e partilhar conhecimento e **J.** revela gostar de experienciar o surfe com o seu amigo. O caráter coletivo é importante para o desenvolvimento dos relacionamentos e também pode ser fonte de segurança dentro do surfe, uma vez que pode ser necessária uma ajuda dentro da água. Na primeira etapa da atividade realizada com **D.**, ele revela como o surfe foi transformador, pois ampliou a sua rede de amigos, conhecendo pessoas novas e mudando o seu jeito de estar no mundo. O surfe, mesmo sendo um esporte individual, parece proporcionar o desenvolvimento de relações, sejam elas construtivas, vistas em **J.**, **M.** e **D.**, sejam elas mais destrutivas ou desafiadoras, como visto em **I.**

A agressividade, relacionada ao arquétipo animus, também foi vista em todas as colagens. **M.** apresentou a agressividade através das águas vivas, **J.** através de Poseidon, **D.** e **I.** através do tubarão. O desenvolvimento individual não ocorre sem essa energia vital. Todavia, quando marcada por uma unilateralidade, pode ter um caráter destrutivo e assustador, como surgiu na colagem de **D.**

Outro tema central visto nas produções como um todo foi evidenciado por meio do arquétipo do herói. Como já dito anteriormente, o herói é aquele que sai de sua base segura, para se jogar no mundo e se aventurar. Neste processo, enfrenta obstáculos que o obrigam a reconhecer seus limites e recursos para enfrentá-los. Como consequência, a partir da morte simbólica que ocorre, existe a possibilidade de

uma transformação e renascimento do indivíduo. O mito do herói representa a trajetória percorrida por esses participantes, que conforme crescem e se desenvolvem, se aventuram em um mundo repleto de desafios. A partir do enfrentamento desses desafios amadurecem e reconhecem suas potencialidades e limitações. No ato de surfar, **J.** representa, por meio de um acontecimento que vivenciou, a trajetória do herói. Ele se aventurou no mar, mas no decorrer da prática perdeu a prancha. A partir da situação assustadora em que se encontrava, evidenciou o recurso que tinha de lidar com as emoções do momento, como raiva e medo, e nadar de volta à praia para pegar a sua prancha. Neste processo, recebeu ajuda da sua amiga, o que evidenciou a importância das relações para o desenvolvimento pessoal. **J.** foi apenas um exemplo, mas todos colocaram na colagem surfistas surfando as ondas, se aventurando nelas, mesmo sabendo que podem enfrentar uma mudança no mar, uma corrente marítima ou uma tempestade.

A conexão com o mar também foi um sentimento compartilhado por todos os participantes. **I.** revelou como desde pequena gostava de água e outros participantes também citaram como a conexão com o mar e a sensação de estar inserida nele são presentes. Com isso, é possível observar que por meio do surfe, o arquétipo anima, que diz respeito ao contato com emoções e conexão com a natureza, se manifesta. Tal conexão, além de poder trazer uma sensação de pertencimento, parece manter as crianças praticando o esporte, independentemente das dificuldades enfrentadas. Para se conectarem com o surfe e deslizarem sobre as ondas, as crianças também se conectam com o seu corpo físico e a sua psique. Poder entrar em contato com o mundo interno, seja por meio do esporte, seja por meio de uma expressão artística ou da verbalização, tem caráter integrativo e transformador, permitindo uma aproximação gradativa com o si-mesmo e dando continuidade ao processo de individuação.

## 1.8 Considerações finais

O estudo desenvolvido buscou se aproximar de uma compreensão em torno dos efeitos que a prática do surfe pode ter sobre as crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade participantes de projetos sociais. A partir de uma investigação dos efeitos, a pesquisadora poderia se aproximar do objetivo da pesquisa: o surfe pode contribuir para o bem-estar das crianças e adolescentes? Para uma investigação efetiva, foram feitas entrevistas semiestruturadas para entrar em contato com os praticantes e conhecê-los. Posteriormente foi realizada uma atividade de colagem com o intuito de representar o surfe a partir da perspectiva de cada um. Foram fornecidos materiais para a realização da colagem, e durante os encontros as conversas foram gravadas com autorização dos participantes, dos pais e do representante do projeto.

A partir dos conteúdos coletados nas produções, foi observada a manifestação particular de cada criança do seu mundo interno, evidenciando o seu jeito de se relacionar e um pouco do funcionamento de sua dinâmica interna. As informações obtidas foram acessadas por meio da expressão artística, que buscou representar em que lugar o surfe é colocado na vida de cada participante, como eles se relacionam com o esporte e os possíveis efeitos.

Nas produções, foram investigados os símbolos, por auxiliarem e aproximarem a pesquisadora dos conteúdos inconscientes e assim ter um maior conhecimento de cada participante, mesmo que utilizando uma pequena amostra de suas possibilidades de produção e elaboração de seus conteúdos. Vale lembrar que esta pesquisa e as reflexões que proporcionou, não consiste num psicodiagnóstico, mas é, sim, um exercício do pensamento por meio da articulação entre teoria e dados obtidos nos encontros com os participantes.

Todos eles evidenciaram um contato consigo mesmos na prática do surfe, que implica em emoções, recursos e limitações. Também foi observado que o esporte, que ainda é praticado por todas as crianças, parece acompanhar o movimento de transformação e de transição em que se encontram, passando da infância para a adolescência. Embora estejam em um período de transição, uns mais próximos e

outros mais distantes da adolescência, a pesquisadora observou um amadurecimento cognitivo grande em todos os participantes, que raciocinam de maneira abstrata, pensam no futuro, possuem perspectiva dele e realizam juízos morais mais sofisticados. Esse amadurecimento cognitivo é característico do estágio desenvolvido por Piaget de “operações formais”, esperado na fase da adolescência.

O surfe e sua representação no papel expressam, por meio dos símbolos, as polaridades que são vivenciadas pela humanidade. O contato com tais polaridades, que implicam em conteúdos conscientes e inconscientes, permite uma aproximação e uma conseqüente ampliação da consciência e integração da psique. Conhecer aspectos de si, do mundo interno, a forma como se relaciona com ele e também com o mundo externo, propicia um maior autoconhecimento e aproximação do si-mesmo. Permitir-se surfar as ondas do mar, inconscientes ou “concretas”, implica em se desenvolver, reconhecendo recursos e limitações, e promovendo uma constante transformação no processo. Haverá momentos em que a onda surfada não será contínua, irá causar medo e raiva, todavia são essas emoções que preparam o indivíduo para lidar com as situações de frustração e falta de controle e promovem um amadurecimento individual. O mesmo acontece ao entrar em contato com os conteúdos inconscientes, que podem ser amedrontadores, mas necessários para um conhecimento de si. O surfe e o estar presente na água do mar parece permitir às pessoas a acessarem o seu mundo interno dentro e fora d’água, auxiliando no processo de individuação, sendo facilitador para o desenvolvimento saudável do indivíduo e podendo promover bem-estar e melhor qualidade de vida.

Todas as crianças no estudo revelaram se ver praticando o surfe no futuro. Independente das dificuldades enfrentadas ao subir em uma prancha, ao entrar na onda, ao dar uma manobra e até mesmo ao perder a prancha dentro da água, compartilharam o seu amor pelo esporte nas colagens, na frequência que o surfe é praticado em sua rotina e nas experiências pessoais compartilhadas com a pesquisadora.

A partir disso é possível observar que a amostra da pesquisa, por meio do projeto social de que participam, possui acesso ao surfe e tem sua vida, de alguma forma transformada. Com isso, a pesquisadora ressalta a importância da existência de projetos sociais como este, que usam o surfe como ferramenta para propiciar o

bem-estar e o desenvolvimento pessoal dos participantes. Crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade são mais suscetíveis a serem expostos a riscos marcados por violência e podem possuir comprometimento em diversas esferas de suas vidas. Ter um projeto inclusivo, que fomente o respeito pelo coletivo e pela natureza, proporcione o desenvolvimento pessoal de cada um, que dê maior consciência sobre as dificuldades e desafios a serem enfrentados e que ressalte e fortaleça os recursos pessoais dos praticantes, é essencial para um público marginalizado pela sociedade que constantemente é ferido fisicamente e psicologicamente.

Dada a importância na sociedade desses projetos sociais, seria interessante o desenvolvimento de outras pesquisas que se aprofundem mais nas desigualdades de raça, classe social e gênero, realizando uma comparação na vivência dos participantes de ONGs e de instituições privadas, como exemplo. Também podem ser elaboradas pesquisas que investiguem os efeitos que esses projetos sociais produzem a longo prazo, tendo como público-alvo ex-participantes que já se encontram na vida adulta. Por ser um tema profundo e complexo, o estudo aqui realizado seguiu apenas um recorte deste tema para que pudesse ser concretizado no tempo e cumprisse com os objetivos estipulados, e sendo assim, não conseguiu adentrar aos pontos sugeridos.

## 1.9 REFERÊNCIAS

ABREU, Eliane F.; CRUZ, Cristiane F. M. A origem da Thêmis. **Jus**. [S.l.] 22 abr. 2016. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/48436/a-origem-da-themis>. Acesso em: 05 maio, 2022.

ALBERTINI, Paulo; FREITAS, Laura V. **Fundamentos de psicologia Jung e Reich: articulando conceitos e práticas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, 2009.

ALFARO, Jaime; CASAS, Ferran; LÓPEZ, Verónica. Bienestar en la infancia y adolescencia. **Psicoperspectivas**, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 1-5, Jan. 2015. Disponível em: <https://www.psicoperspectivas.cl/index.php/psicoperspectivas/article/viewFile/601/409> . Acesso em: 3 jun. 2022.

AMARAL FILHO, Eduardo F. A.; ARAÚJO, Gabriel D. M.; LIMA, Thaís. R. A individuação no filme Aquaman a partir da perspectiva do mito do herói. **Revista Transformar**. São José de Itaperuna, v. 15, n. 1, p. 414-432, Jan/Jun. 2021.

ANDRADE, Simone M. A. de C. **O Autoconhecimento e Autocuidado na formação interdisciplinar do profissional da saúde: uma jornada simbólica**. 2018, 244 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CONGER, John P. **Jung e Reich: o corpo como sombra**. São Paulo: Summus, 1993.

EDINGER, Edward. **O Mistério da Coniunctio: imagem alquímica da individuação**. São Paulo: Paulus, 2008.

**Instituto Esporte e Educação**. [S.l.], 2001. Disponível em: <https://esporteeducacao.org.br/>. Acesso em: 9 fev. 2022.

FARAH, Rosa M. **Integração Psicofísica: o trabalho corporal de C. G. Jung**. 2. ed. São Paulo: C.I. Editora e Livraria Ltda, 2008.

FARIA, Durval L. A paternidade de filhos adolescentes: a crise do meio da vida e o processo de individuação masculino. **Bol.psicol**, São Paulo, v. 57, n. 126, p. 107-118, Jun. 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432007000100011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432007000100011). Acesso em: 3 jun. 2022.

FERNANDES, Larissa S.; CALADO, Camila; ARAUJO, Claudia A. S. Redes sociais e práticas em saúde: influência de uma comunidade online de diabetes na adesão

ao tratamento. **Scielo Brasil**. [S.l.] 23 out. 2018. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232018001003357 &script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232018001003357 &script=sci_arttext)>. Acesso em: 14 maio, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182310.14122018>

FORDHAM, Michael. **A criança como indivíduo**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1994.

FRONTEIRA, Marcelo H. O Herói Policial: uma correlação arquetípica. **Ânima Instituto de Estudos Junguianos**, [S.l.] [s.d.]. Disponível em: <https://www.animaestudosjanguianos.com.br/br/canal-jung/37/o-heroi-policial-uma-correlacao-arquetipica> . Acesso em: 31 maio, 2022.

FURTH, Gregg M. **O Mundo Secreto dos Desenhos**: uma abordagem junguiana da cura pela arte. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

LELOUP, Jean Y.; LIMA, Lise M. A. **O corpo e seus símbolos**: uma antropologia essencial. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

LIMA FILHO, Alberto P. L. **O pai e a psique**. São Paulo, SP: Paulus, 2002.

LUCHIARI, Maria T. Caiçaras, migrantes e turistas: a trajetória da apropriação da natureza no litoral norte paulista. **Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 5, n. 1, p. 115-116, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645515> . Acesso em: 16 jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.20396/resgate.v5i6.8645515>

MAIA, Joviane M. D.; WILLIAMS, Lucia C. A. Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 91-103, dez. 2005. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2005000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000200002&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em: 16 jun. 2022.

MARTINS, Bruna M. L.; MACHADO, Alisson B.; NAGABE, Fabiane. Os usos e apropriações do território do bairro de Maresias. **II Seminário dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas da Fecilcam**, [S.l.] [s.d.]. Disponível em: [http://www.fecilcam.br/anais/vii\\_enppex/PDF/turismo/14-turismo.pdf](http://www.fecilcam.br/anais/vii_enppex/PDF/turismo/14-turismo.pdf) . Acesso em: 22 set. 2021.

JUNG, Carl G. **Fundamentos de psicologia analítica**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964.

JUNG, Carl G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JUNG, Carl G. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2021.

JUNG, Carl G. **Psicologia do Inconsciente**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

JUNG, Carl G. **Seminários sobre Assim falou Zarathustra**. Tradução livre adaptada de P. Sándor e apostilada para uso em aulas. In, Clube Psicológico de Zurique, 1934/1939.

KAST, Verena. **A dinâmica dos símbolos**: fundamentos da psicoterapia Junguiana. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally W.; FELDMAN, Ruth D.. **Desenvolvimento humano**. 8. ed. Nova York: The McGraw-Hill Companies, 2006.

PENNA, Eloisa M. D. O Paradigma Junguiano no Contexto da Metodologia Qualitativa de Pesquisa. **Psicol. USP**. São Paulo, 3 set. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/TNM3RqWw3krC4NhQSKV3cWC/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 8 set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000200005>

PENNA, Eloisa M. D. **Processamento simbólico arquetípico**: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica. 2009, 228 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15817> Acesso em: 8 set. 2021.

PEREIRA, Sandra E. F. N. Crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social: articulação de redes em situação de abandono ou afastamento do convívio familiar. **Abrigos**. [S.l.], 2010. Disponível em: <https://portalidea.com.br/cursos/e785bd228f0d166a07f1dd79b9148f83.pdf> . Acesso em: 14 maio, 2021.

PEREIRA, Antonio C. A. **O Adolescente em Desenvolvimento**. São Paulo: Editora Harbra, 2005.

RAMOS, Denise G. **A Psique do Corpo**: a dimensão simbólica da doença. 4. ed. São Paulo: Summus, 2006.

SAMUELS, Andrew; SHORTER, Bani; PLAUT, Alfred. **Dicionário crítico de análise junguiana**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1988.

SARRIERA, Jorge; SCHUTZ, Fabiane; GALLI, Francielli. et al. **Bem estar na infância e fatores psicossociais associados**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Concórdia, 2017.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Diálogos com o NAAPA. In: SÃO PAULO (Estado). **Vulnerabilidade e educação**. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2021. v. 3. Disponível em: [https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/05/Livro\\_Dialogos\\_NAAPA\\_vol3\\_Vulner\\_WEB.pdf](https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/05/Livro_Dialogos_NAAPA_vol3_Vulner_WEB.pdf). Acesso em: 04 set., 2021.

SAPIENZA, Graziela; PEDROMÔNICO, Márcia. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 209-216, mai./ago. 2005.

STEIN, Murray. **Jung O Mapa da Alma**: uma introdução. São Paulo: Editora Cultrix 2000.

STRIEDER, Claci M. O arquétipo água: fonte de vida e de expressão. **Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa**. [S.l.], 7 nov. 2019. Disponível em: <https://www.ijep.com.br/artigos/show/o-arquetipo-agua-fonte-de-vida-e-de-expressao>. Acesso em: 5 maio, 2022.

VERGUEIRO, Paola V. Identidade de professor: uma pesquisa fundamentada na psicologia analítica. **Psic. Rev.** São Paulo, v. 18, n. 2, p. 203-229, 2009.

VILELLA, Keller. Iemanjá e o arquétipo da Grande Mãe. **Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa**.,[S.l.], 1 dez. 2020. Disponível em: <https://www.ijep.com.br/artigos/show/iemanja-e-o-arquetipo-da-grande-mae>. Acesso em: 5 maio, 2022.

WHITMONT, Edward C. **A busca do símbolo**: conceitos básicos de Psicologia Analítica. São Paulo: Ed. Cultrix, 2010.

YOUNG-EISENDRATH, Polly et al. **Manual de Cambridge para Estudos Junguianos**. São Paulo: Artmed Editora, 2002.